



# **Movimento Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central**

**Departamento de Cultura**  
[www.mtgpc.com.br](http://www.mtgpc.com.br)

## **MATERIAL DE ESTUDOS CATEGORIA JUVENIL ADULTA E VETERANA**

**Concurso de Prendas e Peões  
2024**

**Elaboração e Pesquisa**  
Roberta Fontana

**Atualização**

Diretoria Executiva 2023/2025

## ÍNDICE

HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL	5
1. O Homem Sul-Rio-Grandense (o Gaúcho)	5
2. Os Primeiros Tempos	7
2.1. Primeiros Habitantes	7
2.2. Missões Jesuítas	7
2.3. Conquista e Ocupação do Sul	8
2.4. As Estâncias	9
2.5. A Colônia Do Sacramento	9
2.6. As Sesmarias	10
2.7. Os Açorianos	10
2.8. Imigração Alemã e Italiana	10
3. Episódios Importantes	11
3.1. Revolução Farroupilha	11
4. A Revolução de 1893	14
5. A Revolução de 1923	17
GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL	20
1. Posição e situação geográfica.	20
1.1. Limites	20
1.2. Situação Geográfica	20
2. O Relevo e os Solos	21
2.1. O planalto Sul-Rio-Grandense	21
2.2. O planalto Norte-Rio-Grandense	21
2.3. A depressão central	21
2.4. A Planície Litorânea	21
2.5. A Campanha	22
3. O Clima	22
4. Os ventos	22
5. Os Rios	22
6. As Paisagens Vegetais	23
6.1. Os campos	24
6.2. As matas	24
7. A Formação Socioespacial	24
7.1. O extermínio dos índios	25
7.2. As Missões dos Jesuítas	25
7.3. O surgimento das estâncias	26
7.4. Os Tropeiros	26
7.5. As Charqueadas	27
7.6. A Contribuição do Negro	27
7.7. Os Açorianos	27
7.8. A fundação de Porto Alegre	28
7.9. Os Imigrantes	28

HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO PLANALTO CENTRAL	30
1. Os Primórdios	30
2. O Cerrado e as Novas Fronteiras Agrícolas	31
3. A Construção de Brasília	33
4. Os demais estados do Planalto Central	33
A HISTÓRIA DO MTG-PC	34
1. O Início do Tradicionalismo no Planalto Central	34
2. A Criação da Coordenadoria da Integração Gaúcha do Planalto	36
3. A FTG-PC (Federação Tradicionalista Gaúcha do Planalto Central)	38
4. O MTG-PC (Movimento Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central)	38
FOLCLORE TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO	40
1. Conceitos importantes	40
2. A Tradição Gaúcha	40
3. A História do Movimento	41
4. O Tradicionalismo Gaúcho Organizado	43
4.1. Do “Julinho” um novo grito	43
4.2. O “35 – Centro de Tradições Gaúchas”	44
4.3. O Tradicionalismo se alastra	45
4.4. Os Congressos Tradicionalistas	45
5. Semana Farroupilha	46
5.1. Mas por que 20 de Setembro?	47
6. Organização do CTG	47
7. Danças e suas Gerações	47
7.1. Primeira Geração Coreográfica	48
7.2. Segunda Geração Coreográfica	48
7.3. Terceira Geração Coreográfica	48
7.4. Quarta Geração Coreográfica	48
8. A Cozinha Gaúcha	48
8.1. A culinária regional	48
8.2. Alguns Pratos Típicos Da Culinária Campeira	49
8.3. Alguns Doces Típicos Da Culinária Campeira	49
8.4. Aperitivos	49
8.5. Bebidas	49
9. Lendas	50
9.1. Transcrição integral de algumas lendas	50
10. O Chimarrão	53
11. Festas – Religiosidade	54
11.1. Padroeiros	54
11.2. Romarias	54
11.3. Festas Típicas	54
12. Brincadeiras e Brinquedos	57
12.1. Brincadeiras para animar	57
12.2. Brincadeiras Cantadas	57
12.3. Formuletes	57

12.4. Gestos e Caretas	57
12.5. Parlendas	57
12.6. Jogos Competitivos	58
12.7. Jogos de Habilidades	58
12.8. Jogos de Tabuleiros e Gráficos	58
12.9. Os Brinquedos	58
13. Símbolos do Rio Grande do Sul	59
13.1. Símbolos Cívicos	59
13.2. Símbolos Sociais Oficializados	60
14. O Movimento Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central – MTG-PC	61
14.1. Composição	61
14.2. Eventos Oficiais	62
15. A Confederação Brasileira Da Tradição Gaúcha – CBTG	63
15.1. Definição, Objetivos e Organização.	63
15.2. Composição	64
15.3. Organização	65
15.4. Eventos Oficiais	66
16. Noções de Cerimoniais – Eventos Tradicionalistas	67
16.1. Ordem de Precedência Tradicionalista	67
16.2. Ordem para compor a mesa de honra	67
16.3. Regras sobre a composição da mesa	67
16.4. Ordem de Pronunciamentos	67
16.5. Disposição das Bandeiras	67
16.6. Execução dos Hinos nas Cerimônias Tradicionalistas	68
17. Indumentária	68
17.1. Considerações Iniciais.	68
17.2. Diretrizes para a Pilcha Gaúcha	68
18. Lidas Campeiras (Apenas para o concurso de peões)	72
18.1. Equinos e Encilhas	72
18.2. Conceitos de atividades campeiras	73
18.3. Trabalho com Cavalos	74
ANEXO	76

# HISTÓRIA DO RIO GRANDE DO SUL

## 1. O Homem Sul-Rio-Grandense (o Gaúcho)<sup>1</sup>

Certamente o sul-rio-grandense não constituiu uma raça. Pode-se dizer que sob o ponto de vista genético é resultado do caldeamento das raças branca (especialmente europeus), negra (africanos) e vermelha (indígenas). Sob o ponto de vista cultural, resulta da absorção das manifestações culturais dos indígenas (diversos grupos), espanhóis, portugueses, açorianos, mamelucos brasileiros, alemães, italianos, poloneses e outras contribuições menores.

O primeiro sul-rio-grandense, também chamado gaudério, taura ou gaúcho, é um tipo humano sem origem definida (eram índios, espanhóis, portugueses, mestiços, negros, e até alguns ingleses, holandeses, franceses, etc.) que passou a habitar a pampa com o fim de caçar o gado alçado que se proliferou a partir da metade do século XVII, formando a grande vacaria do mar. A sobrevivência dependia exclusivamente das caças do gado e do comércio do couro, guampas e sebo, em pontos da coleta junto ao rio Da Prata (Colônia de Sacramento e mais tarde Montevidéu). O primeiro período se estende até a chegada de Silva Paes e a fundação de Rio Grande (1737).

A distribuição de terras feita pela Coroa Portuguesa, a partir do litoral, vai mudando o cenário paulatinamente. Surgem as estâncias, as milícias particulares dos sesmeiros, os alambrados delimitando as sesmarias e as datas (áreas de terra menores do que as sesmarias), os vilarejos e mais tarde as charqueadas.

Acompanhando a evolução inexorável, o homem sul-rio-grandense deixa de ser completamente livre, sem lei e sem rei, para se tornar peão, tropeiro, miliciano. Permanece, no entanto, a mesma lida com o gado, no lombo do cavalo, atividade interrompida frequentemente pelas campanhas militares e as partidas para garantir a posse do território diante dos interesses e das investidas dos espanhóis, com ou sem a participação de mestiços e índios missioneiros, liderados por caudilhos.

Moysés Vellinho estabeleceu com clareza e simplicidade as diferenças entre os gaúchos sul-rio-grandenses e os “gaúchos platinos”. Diz que “pertencem a tradições antagônicas, cujas relações de vizinhança, durante todo o ciclo de nossa formação, não foram outras senão os incidentes de guerras de fronteiras”.

No dizer de Moysés Vellinho “o componente indígena se apresenta, desde logo, como elemento fortemente diferenciador no confronto entre os tipos históricos do Prata e do Rio Grande do Sul”. Na formação do campeiro sul-rio-grandense o índio entrou com um contingente pequeno e, diferentemente do platino, não trazia na alma o ódio que este nutria em relação ao espanhol e sua truculência.

O mestiço do Rio Grande, filho de portugueses e índias, nunca foi rejeitado na medida em que ocorreu no Prata. Mesmo que não fosse considerado herdeiro ou que não tivesse os privilégios dos filhos “legítimos”, era acolhido e mantido nas terras, com sua mãe (as “teúdas” e “manteúdas”, no dizer de Moacir Flores) como que integrante da família. Ele não foi rejeitado e humilhado pela comunidade portuguesa, fazendo com que os habitantes da Capitania d’El-Rei não revelassem a disposição para rasgos de violência geradores de tensão e revolta que os espanhóis enfrentaram no Prata.

Evidentemente que há posições divergentes nessa questão de semelhanças/diferenças entre o gaúcho platino e o gaúcho rio-grandense. Analisando e comparando duas obras de ficção (“Os Guaxos” de Barbosa Lessa e “Don Segundo Sombra” de Ricardo Giraldes) a pesquisadora Joana Bosak no seu livro “De Guaxos e de Sombras”, defende que o gaúcho é um só – todos platinos – e que as semelhanças são tantas que os torna um tipo único, com a mesma identidade.

Aspecto importante na formação do “caráter coletivo” do gaúcho sul-rio-grandense está a condição de fronteiriço que viveu mais de cem anos em constante luta pelo território, contra a ambição dos representantes de Castela (Espanha); a vigília permanente diante de um vizinho pronto a arrebatar-lhe a terra, a casa, os cavalos e os bois, bem como as mulheres, obrigando-o a combinar a lide diária com as tarefas de soldado. Este ambiente onde se forjou o primitivo

<sup>1</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho,- Publicação MTG-RS, 2012. P.54

gaúcho permitiu que o sentimento de nacionalidade fosse elevado a níveis não vistos em outras partes do Brasil, como bem observaram Saint-Hilaire e Nicolau Dreys (1820) em seus relatos a respeito da índole dos habitantes da Província de São Pedro.

Na época da Revolução Farroupilha, cem anos depois da chegada dos portugueses, registrava-se nas páginas do jornal “O Mensageiro”, que “jamais apareceram vestígios de aristocracia, que não fossem logo suplantadas pela homogeneidade dos sul-rio-grandenses”. Em consequência disso, teremos na história uma interessante harmonia entre a cidade e o campo. Não se registraram rupturas entre estes dois setores sociais.

Nicolau Dreys escreve que nos domingos e dias santos os moradores do campo compareciam às vilas para cumprirem seus deveres com a religião católica. Da mesma forma, invertendo a situação, nos dias de carreiradas, eram os moradores dessas vilas e cidades que se dirigiam para o campo. Estancieiros, capatazes, posteiros e peões, viviam juntos os mesmos momentos de festa. As diferenças de ambientes e de classe social nunca perturbaram a relação entre eles, havia respeito e mútuo apoio. Eram todos membros da mesma sociedade, mesmo que as condições econômicas, culturais e étnicas os diferenciavam. Compunham o mesmo exército na defesa do território, constantemente cobiçado e atacado pelos castelhanos.

A inclusão do elemento açoriano a partir da metade do século XVIII só contribuiu para essa condição de harmonia social. Vindos com o principal objetivo de plantar, logo se integraram à atividade campeira e passaram a integrar as linhas dos exércitos, fossem regulares ou não. “Não há como excluir da configuração antropológica do gaúcho sul-rio-grandense a correspondente à contribuição açoriana”, afirma M. Vellinho.

O homem africano, trazido para o Rio Grande desde a chegada dos primeiros portugueses como a mão-de-obra escrava, teve vários tipos de tratamento. Enquanto peão de estância ou nas tarefas domésticas e urbanas, era tratado com mais dignidade, como se fora um empregado cujo pagamento se resumia à alimentação, vestuário (mesmo que pobre) e moradia (mesmo que coletiva). Alguns recebiam, inclusive, permissão para constituir família. Por outro lado, no trabalho das charqueadas, os negros eram tratados como meros animais. Exigidos no trabalho à exaustão, não tinham qualquer direito. Foi desse meio que muitos negros conseguiram fugir e constituir comunidades quilombolas. A contribuição do negro na formação cultural e antropológica do gaúcho é significativa, assim como teve destacada participação em episódios como a Revolução Farroupilha e as guerras subsequentes contra Oribe e contra Rosas.

Com o surgimento das sesmarias, latifúndios rurais, os gaudérios ou gaúchos, perderam seus espaços e tiveram que se adaptar à nova realidade. Aqueles que se adaptaram foram incorporados como peões de estâncias ou como soldados, outros foram aos poucos desaparecendo. Claro que muitos desses homens que não tiveram a condição de adaptação ao novo modelo permaneceram à margem da lei, tentando sobreviver, tomando do gado que entendiam lhes pertencer por direito e tradição, sendo perseguidos pela polícia e pelos estancieiros. Aqueles que, mesmo não se adaptando, tentavam cumprir minimamente à nova ordem, mantiveram-se errantes e sobrevivendo de pequenas e temporárias atividades campesinas, seja como ginetes domadores, como alambradores ou como tropeiros. Cria-se, assim, uma quantidade de changadores<sup>2</sup> que perdura por longo tempo na campanha.

Já no final do primeiro quarto do século XIX, quando as guerras de fronteira haviam cessado e a linha divisória já estava definida, incorpora-se ao gaúcho sul-rio-grandense uma nova cultura e uma nova forma de ver o trabalho, de entender a família e com uma nova crença religiosa. Eram os alemães, que chegavam para ocupar terras ainda inexploradas e dar novo tempero à formação antropológica do homem sul-rio-grandense. Os autores são praticamente unânimes em afirmar que essa configuração cultural se completa no início do último quarto daquele mesmo século XIX, com a chegada dos imigrantes italianos que se dedicaram especialmente à agricultura e ao comércio, ocupando o último espaço territorial disponível: a serra. Esses mesmos imigrantes e seus descendentes implantaram as primeiras manufaturas, embriões da industrialização no Rio Grande do Sul.

---

<sup>2</sup> Segundo o Dicionário Oxford, changador é “o que ou aquele que faz changas (transportes pequenos, trabalhos ocasionais) e ganha por tarefa executada (diz-se de carregador biscateiro)”.

O deslocamento econômico-financeiro, da região sul para a região norte do estado, é uma consequência natural da nova forma de vida e de ver o trabalho. A região das charqueadas, responsável pelo impulso de desenvolvimento entre o final dos anos 1700 e da metade dos anos 1800, se esgota em si mesmo, seja pela falta de modernização, seja pela economia sustentada no modelo escravista ou pelo exagerado apego ao tradicional.

Há que se reconhecer, também, que a Revolução Farroupilha e as campanhas subsequentes contra ditadores uruguaios, argentinos e paraguaios, contribuíram para o empobrecimento econômico e pela perda de muita mão-de-obra na campanha e na região sul do Rio Grande do Sul.

## **2. Os Primeiros Tempos<sup>3</sup>**

### **2.1. Primeiros Habitantes**

Os primeiros habitantes foram índios. Viviam em grupos ou nações. Cada nação era composta de várias tribos. Os grupos indígenas principais, que habitavam as terras gaúchas, eram: o grupo Guarani (carijó, tape, arachone); o grupo Jê (guaianá, ibiraja, coroado); e o grupo Pampeano (charrua e minuano). Moravam em casa de palha, chamadas ocas. Várias ocas formavam uma taba.

Dançavam ao som de tambores e flautas feitas de bambu e ossos. Fabricavam armas com ponta de osso e madeira, como o arco e flecha, o tacape e a machadinha. Os índios pampeanos já usavam a boleadeira e eram exímios cavaleiros. Se alimentavam, prioritariamente, com milho, batata doce, mandioca, frutas, aves, peixes, raízes e animais. A bebida era o cauim.

Acreditavam em vários deuses, sendo Tupã o mais importante, criador dos trovões e relâmpagos. No inverno usavam poncho de pele.

Hoje em dia existem parques e reservas indígenas, criados pelo governo, onde eles vivem segundo os seus próprios costumes e tradições. No Rio Grande do Sul, o governo criou áreas especiais para os índios em Nonoai, Cacique Doble, Ligeiro, Guarita, Carreteiro e Água Santa.

A FUNAI (Fundação Nacional do Índio) é um órgão do governo que ajuda a proteger os índios do Brasil.

### **2.2. Missões Jesuítas**

Por volta de 1625, o padre Roque Gonzales, vindo do Paraguai, depois de organizar as Reduções de Argentina, tentou firmar pé na margem esquerda do rio Uruguai, no atual território do Rio Grande do Sul. Conseguiu reduzir algumas tribos e, em maio de 1626, fundou a primeira redução, ou seja, o primeiro dos Sete Povos Missionários, encravado entre terras espanholas e portuguesas, que foi São Nicolau.

Seguiram-se, depois, São Miguel (1632); São Luiz Gonzaga (1673); São Borja (1690); São Lourenço (1691); São João Batista (1697); e Santo Ângelo (1707).

Em 1634, o padre jesuíta Cristóvão de Mendoza trouxe o primeiro rebanho de gado para o Rio Grande do Sul, sendo, portanto, considerado o primeiro tropeiro rio-grandense.

De 1634 a 1641, foi um período grave de invasões, com muitas atrocidades, quando inúmeros índios foram aprisionados e escravizados pelos bandeirantes paulistas, escapando somente aqueles que se refugiaram na floresta e os que foram levados pelos jesuítas para o outro lado do rio Uruguai.

O gado que não foi levado ficou no campo, multiplicando-se abundantemente, criado chimarrão (ou seja, solto, selvagem).

Em 1687, os missionários voltaram, reuniram os índios novamente, construíram novas aldeias e reconstruíram as que haviam sido destruídas.

---

<sup>3</sup> FAGUNDES, Taylor. Polígrafo utilizado no Concurso de Prendas e Peões da CBTG em 2010 e 2011. Santa Maria, 1984, p.2.

Os índios que viviam nas missões, criavam gado, trabalhavam na lavoura, e também aprendiam ofícios para ajudarem nos outros trabalhos. Nas missões foi impresso o primeiro livro e aconteceu a primeira fundição de ferro (São João Batista), na América Latina.

O povo de São Luiz Gonzaga foi o que se conservou por mais tempo. E, o povo de São Miguel foi o que mais prosperou, sendo chamado a capital das Missões.

As missões rio-grandenses, ora sob o domínio espanhol, ora sob o domínio português, perduraram até 1801, quando passaram definitivamente para os portugueses, pelo Tratado de Badajoz.

### 2.3. Conquista e Ocupação do Sul

O território que constitui o atual Estado do Rio Grande do Sul, estaria totalmente situado fora da área que o Tratado de Tordesilhas estipulava como pertencente a Portugal. Sua definitiva conquista e posse para a Coroa Lusitana, constitui-se num foco de grandes lutas entre os dois reinos ibéricos, durante, mais de um século, evidenciado o enorme interesse por essa magnífica área.

Em resumo, foram esses os fatores que acabaram por consolidar a posse portuguesa dessa importante unidade brasileira:

#### 2.3.1. No século XVII:

- Estabelecimento de Missões Jesuíticas Espanholas nas regiões de Tape e Uruguai, ou a Primeira Etapa Missioneira.
- Introdução da criação de gado na região Missioneira, que logo se tornou a principal riqueza da região.
- Destruição das Missões pelos bandeirantes paulistas, chefiados por Manoel Preto e Raposo Tavares, que visava a escravização dos índios já catequizados pelos Jesuítas.
- Saída dos Jesuítas da região, após a destruição das Missões, deixando, entretanto, o gado que começou a se espalhar por grande parte do atual Rio Grande do Sul, principalmente no oeste. Enquanto se registravam esses acontecimentos nas Missões, Portugal iniciava sua penetração na região do Prata, com a fundação da Colônia do Sacramento (1680), frente a Buenos Aires.

A Espanha não concordava com a fixação desse núcleo português no Prata e iniciou uma série de lutas com Portugal.

- Formação de uma Segunda Etapa Missioneira Jesuítica no oeste do Rio Grande do Sul, que foram chamadas de Sete Povos, a partir de 1687, com a restauração de São Nicolau.
- Os “Sete Povos” foram estimulados pela Espanha, com o objetivo de isolar a Colônia do Sacramento, situada à margem do rio da Prata.
- Portugal decidiu fundar um novo núcleo português no sul, que se deu com a fundação de Laguna (1684). Laguna (no atual Estado de Santa Catarina), visava garantir a posse da Colônia do Sacramento.

#### 2.3.2. No Século XVIII:

- Até meados desse século, prosseguiram as lutas entre Portugal e Espanha.
- O gado continuava a expandir-se admiravelmente, despertando enorme interesse dos luso-brasileiros, pela necessidade de um meio de transporte para o ouro que saía das Minas Gerais para os portos litorâneos, e também da carne, do couro e do sebo.
- Portugal decidiu reforçar o povoamento no sul e intensificar a defesa da Colônia do Sacramento, cada vez mais contestada pelos espanhóis. Dessa decisão, resultou a fundação da Comandância do Presídio do Rio Grande do Continente de São Pedro (que deu origem à cidade de Rio Grande), em 19 de fevereiro de 1737, pelo brigadeiro José da Silva Paes.
- Paralelamente, iniciou-se a imigração açoriana para as regiões meridionais, com a clara intenção de fixar raízes de um povoamento português nas áreas lacustres do território rio-grandense. Os açorianos queriam criar núcleos de povoamento próximos ao mar e nas áreas das lagoas, e iniciar a pequena agricultura.

Entre os núcleos que resultaram da Imigração Açoriana, na segunda metade do século XVIII, destaca-se Porto Alegre (o antigo Porto dos Casais).

### 2.3.3. Os Grandes Tratados de Limites:

- Em 1750, reuniram-se as diplomacias espanhola e portuguesa em Madri, para decidir sobre os limites das áreas pertencentes às duas Coroas na América Latina.
- O brasileiro Alexandre de Gusmão, defendendo o direito de “Uti Possidetis” (país que ocupou definitivamente uma região deve ser o dono legal da mesma), garantiu a Portugal a posse das imensas áreas situadas a oeste e ao norte do Brasil, dando a grosso modo o delineamento territorial do nosso País.
- O Tratado de Madrid fez uma exceção do “Uti Possidetis”, exatamente do sul: os sete Povos das Missões (que eram espanhóis) passariam ao domínio português e a Colônia do Sacramento (portuguesa) pertenceria à Espanha.
- A troca desses territórios não foi aceita pelos jesuítas e índios missioneiros, que não concordaram em ceder suas terras aos portugueses. Esse fato gerou a “Guerra Guaranítica” (de 1753 a 1756), em que Espanha e Portugal se uniram para obrigar jesuítas e índios a aceitarem os termos do Tratado de Madrid. Na Guerra Guaranítica, destacou-se o cacique Índio Sepé Tiarajú, que se celebrou por sua coragem e amor à terra, sendo considerado por isso, o primeiro caudilho rio-grandense. Morreu no combate de Caiboate, em 1756.
- Em 1761, foi assinado o Tratado de El Pardo, que determinou a volta das Missões à Espanha e a Colônia do Sacramento à Portugal.
- Mais tarde, porém, após novas lutas entre as duas Coroas, a Espanha conseguiu uma grande vitória diplomática sobre Portugal: o Tratado de Santo Ildefonso (1777) que deu grandes benefícios territoriais aos castelhanos. Esse Tratado estipulava que, tanto as Missões como Sacramento ficariam no domínio espanhol. Caso vigorasse ainda hoje esse Tratado, a maior parte do oeste do Rio Grande do Sul não seria uma área brasileira.
- Ao indicar o século XIX, os problemas ocorridos na Europa entre Portugal e Espanha, culminaram com o Tratado de Badajoz (1801), e, paralelamente, ocorreu a invasão da parte espanhola do Rio Grande do Sul por Borges do Canto. Foi esse Tratado que, a grosso modo, deu ao nosso Estado o seu atual formato e a sua integração definitiva ao Brasil.

## 2.4. As Estâncias

Pelo Tratado de Tordesilhas, como já vimos, as terras do nosso Estado pertenciam totalmente à Espanha. Apesar disso, os portugueses também visitaram as terras gaúchas logo após a descoberta do Brasil. O primeiro português a chegar a estas terras foi Pero Lopes de Souza, por volta de 1532. Ele veio a procura de ouro e chegou até o rio da Prata, nada encontrando. Anos mais tarde os portugueses voltaram a se interessar por esta região, agora pelo gado que existia em grande quantidade pelos campos. Os tropeiros que viviam em Laguna, começaram a levar os animais que aqui estavam soltos. Eles vinham pelo litoral e chegavam à região chamada Vacaria do Mar. Nessa época, surgiu a figura singular de Cristóvão Pereira de Abreu, que convenceu o Sargento-Mor Francisco de Souza Faria a construir uma estrada através da serra, alcançando Vacaria dos Pinhais e Lages, passando por Curitiba e indo até Sorocaba. Essa estrada foi iniciada em 1727, no Morro dos Conventos. Concluída, Cristóvão Pereira de Abreu foi o primeiro a utilizá-la, conduzindo 2000 animais para as feiras de Sorocaba.

Para reunir o gado, tropeiros organizaram as primeiras estâncias, isto é, grandes locais de criação de gado. Ao redor das estâncias, com o tempo, surgiram povoações que mais tarde se tornaram cidades gaúchas, tais como: Cruz Alta, Vacaria, São José do Norte e outras.

Cristóvão Pereira de Abreu, por ter sido o principal tropeiro da época, é considerado o “Tropeiro Símbolo” do Rio Grande do Sul.

## 2.5. A Colônia Do Sacramento

As terras que compreendem hoje o nosso Estado eram muito cobiçadas tanto por portugueses como por espanhóis, por causa da grande quantidade de gado que existia pelos campos. Os portugueses, principalmente, queriam defender as estâncias que tinham sido criadas e resolveram construir fortes para protegê-las.

Em 1680, o português Manoel Lobo fundou um forte às margens do Rio Prata, que recebeu o nome de Fortaleza do Sacramento. Essa fortaleza deveria defender a região contra os ataques espanhóis, que vinham da cidade argentina de Buenos Aires.

O tempo foi passando e, em volta da Fortaleza, surgiu uma povoação que recebeu o nome de Colônia do Sacramento.

Durante muitos anos, portugueses e espanhóis se empenharam em lutas por causa dessa região. Só em 1750, como já vimos, entraram em acordo, com o Tratado de Madrid. Mas esse Tratado, como todos, estava destinado a não sere cumprido, e os desentendimentos continuaram.

Com o Tratado de Santo Ildefonso, altamente desvantajoso, os portugueses não conformados, passaram a exigir as terras de volta (Colônia do Sacramento e, também, as Missões). Mas, só em 1801, conseguiram as Missões, ficando a Colônia do Sacramento em definitivo para os espanhóis.

Hoje, Colônia é uma importante cidade uruguaia e os Sete Povos das Missões é uma região do nosso Estado, histórica e turística.

Muitos gaúchos se salientaram nas lutas pela conquista da terra e fixação dos limites, dentre eles Manoel dos Santos Pedroso e José Borges do Canto, que saíram da região de Santa Maria da Boca do Monte, para combater os espanhóis na zona missioneira, começando por expulsá-los em São Martinho.

Os três núcleos portugueses, desde o século XVII, para a conquista do Brasil meridional foram: a Colônia do Sacramento (1680); Laguna (1686); e, o Forte Jesus - Maria - José (Comandância do Presídio do Rio Grande do Continente de São Pedro), fundado em 1737, junto ao canal do Rio Grande. Ao redor desse forte, surgiu a primeira vila gaúcha, que deu origem à atual cidade de Rio Grande.

## **2.6. As Sesmarias**

No início do século XVIII, o governo português concedia sesmarias, nessa região que pertencia à Espanha, estabelecendo o processo expansionista. A primeira sesmaria foi a de Campos de Dentro de Viamão, em 1733. Depois da instalação da guarnição militar na barra de Rio Grande, em 1750 foram doados sesmarias ao longo dos rios Jacuí e Pardo. Em 1777, as sesmarias iam do Jacuí ao Camaquã. As sesmarias, áreas de terras que mediam uma légua (6.600 m) de frente por três léguas (19.800 m) de fundo, eram doadas, geralmente, a oficiais do Exército, porque eles aceitavam vir para o sul, e, sendo homens de bens, para adquirirem gado e escravos, ocupavam e defendiam o território que somente mais tarde se tornaria português.

## **2.7. Os Açorianos**

Os portugueses fundaram fortes e estâncias, porém as terras continuavam despovoadas. Nesses núcleos havia pouca gente, e as terras, constantemente invadidas, ficavam sem defesa. Então, o governo resolveu povoá-las mais rapidamente, mas o problema era difícil de resolver, porque não havia população suficiente no Brasil para povoar as terras do sul. Foi, então, preciso trazer gente de outros lugares. Assim, em 1751, chegaram casais vindos da Ilha dos Açores para trabalhar na lavoura e povoar as terras. Dedicaram-se ao plantio de trigo, arroz, cebola e fumo, cuidando também do gado. A princípio, ficaram instalados próximo ao litoral e na zona da Depressão Central. Depois se espalharam por todo o Estado, principalmente pela campanha.

Alguns casais se estabeleceram nas terras onde hoje fica a capital do Rio Grande do Sul, que à época era chamada Porto dos Casais, por causa dos casais de açorianos que ali se estabeleceram.

## **2.8. Imigração Alemã e Italiana**

Para aumentar o povoamento das terras gaúchas, vieram os imigrantes alemães e italianos. O primeiro grupo de imigrantes alemães chegou no ano de 1824, fundando a Colônia de São Leopoldo. Depois foram se estabelecendo nos vales dos rios dos Sinos, Jacuí, Caí e Taquari. Fundaram novas Colônias, que mais tarde se tornaram importantes cidades, como: Santa Cruz do Sul, Agudo, Nova Petrópolis, Taquari, Sapiranga, São Sebastião do Caí, Lajeado, Estrela, Venâncio Aires e outras.

Os imigrantes italianos chegaram em 1875, estabelecendo-se na região montanhosa do Planalto, fundando as seguintes colônias: Conde D'Eu, atual Garibaldi; Dona Isabel, hoje Bento Gonçalves; e Nova Milano, atual Farroupilha. A Imigração italiana continuou e novas colônias importantes foram fundadas: Veranópolis, Caxias do Sul, Antônio Prado, Flores da Cunha e tantas outras.

Os imigrantes trouxeram muito progresso para o Estado, desenvolvendo a agricultura e iniciando indústrias, além de trazerem suas culturas (suas tradições, culinárias, músicas, cantos, danças, etc.), para formar a aculturação rio-grandense de hoje.

Outros povos também se estabeleceram na região, sendo o polonês o mais importante, fixando-se em Guarani das Missões, Porto Alegre, Ijuí e São Marcos.

### **3. Episódios Importantes<sup>4</sup>**

#### **3.1. Revolução Farroupilha**

##### **3.1.1. A província em 1835**

O território, na época, era dividido em 14 municípios, com uma população de 280.000 habitantes: Porto Alegre, Rio Pardo, Pelotas, Rio Grande, Triunfo, Santo Antônio, São José do Norte, Jaguarão, Piratini, Caçapava, Cachoeira, São Borja, Cruz Alta e Alegrete.

Sua economia era basicamente constituída da primária industrialização de carne: o charque. As lavouras de trigo, antes muito cultivado e um dos produtos de exportação, estavam abandonadas por causa da “ferrugem”.

A economia era, pois, fundamentalmente proveniente de duas fontes: as estâncias a charqueada. Só quem possuía grandes áreas de terras (sesmarias) e os detentores do poder (militares) é que tinham expressão social. Os demais só encontravam saída nos empregos públicos.

##### **3.1.2. Insatisfação Política, Econômica e Social**

As idéias republicanas emanadas dos países vizinhos vieram dar um clima propício a movimentos sediciosos.

O descaso da Regência para com a Província, e o estado de abandono a ela dada (nada aqui se construía de utilidade pública), os pesados impostos na economia gaúcha, cada vez mais sacrificada, e a falta de habilidade das autoridades que a governavam, levaram essa Província à mais cruenta e longa luta: a Revolução Farroupilha (1835-1845). As constantes rivalidades existentes entre os dois partidos políticos existentes - os Liberais e os Conservadores - e a fundação de uma “sociedade militar”, acabaram por desencadear o “Decênio Heróico”.

##### **3.1.3. A Tomada de Porto Alegre**

As acusações feitas pelo presidente da Província, Fernandes Braga, a Bento Gonçalves e a seus amigos liberais, como comprometidos com um caudilho do Prata em prejuízo do Império, levaram os liberais à invasão armada da Capital para depor o presidente e promover a paz e a concórdia na Província.

A 19 de setembro de 1835, por volta da meia noite, nas proximidades da antiga ponte da Azenha, uma força revolucionária com aproximadamente 200 cavaleiros, comandada por José Vasconcellos Gomes Jardim e Onofre Pires da Silva Canto, vindo de Pedras Brancas (atual cidade de Guaíba), iniciou marcha em direção ao centro da Capital. Ao seu encontro, o presidente Braga mandou uma pequena força, sob o comando do Visconde de Camamu, que nos primeiros choques com a vanguarda revolucionária entrou em pânico, levando o resto das tropas a aderirem aos sediciosos.

---

<sup>4</sup> FAGUNDES, Taylor – Polígrafo utilizado no Concurso de Prendas e Peões da CBTG em 2010 e 2011. Santa Maria, 1984, p.8.

No dia seguinte, dia 20 de setembro, Bento Gonçalves, vindo de Pedras Brancas, entra triunfalmente em Porto Alegre. O presidente Fernandes Braga foge para a cidade de Rio Grande e Bento Gonçalves estabelece novo governo na Província.

#### 3.1.4. A Revolução em Marcha

A Regência nomeou novo presidente para a Província, o Dr. José de Araújo Ribeiro, que tomou posse em Rio Grande e ali estabeleceu o governo.

Muitos revolucionários abandonaram o movimento à orientação separatista de alguns, indo juntar-se ao presidente Araújo Ribeiro, entre eles o coronel Bento Manuel Ribeiro.

A luta reiniciou em todos os pontos do território da Província, agora com dois presidentes: o Dr. Mariano Pereira Ribeiro, em Porto Alegre, empossado pelos revolucionários, e o Dr. Araújo Ribeiro, nomeado pelo Império, em Rio Grande.

Violentas batalhas são travadas por toda a Província, e o major imperial Marques de Souza, após fugir da prisão farroupilha, em Porto Alegre, forma um pequeno contingente armado e, com adesão de forças revolucionárias, retoma a Capital para o governo de Araújo Ribeiro.

#### 3.1.5. Proclamação da República Rio-Grandense

Apesar de haverem reconquistado Porto Alegre, os imperiais continuavam a sofrer sucessivas derrotas frente às forças revolucionárias. O coronel Antônio de Souza Neto, entusiasmado pelas vitórias alcançadas e estimulado pelos companheiros de armas, proclama no dia 11 de setembro de 1836, a República Rio-Grandense com suas forças concentradas no campo de Joaquim Menezes, à beira do Passos das Pedras, margem direita do rio Jaguarão, onde na véspera infringira fragorosa derrota às forças legalistas de Silva Tavares.

Bento Gonçalves, que sitiava Porto Alegre no intuito de reconquistá-la, ao ter conhecimento da proclamação de Souza Neto, resolveu rumar para o sul, para juntar-se aos companheiros; porém, ao atravessar o rio Jacuí, na Ilha do Fanfa, foi surpreendido e preso pelas forças comandadas por Bento Manuel Ribeiro, auxiliado por uma esquadra naval imperial. O chefe farroupilha, juntamente com seu primo Onofre Pires e o italiano Tito Lívio Zambecari, foram remetidos presos para a Fortaleza de Santa Cruz, no Rio de Janeiro.

#### 3.1.6. A Primeira Capital Farroupilha

Souza Neto, ao proclamar a República Rio-Grandense, tratou de tomar as primeiras providências para o funcionamento do novo Estado independente. A Vila de Piratini foi escolhida para ser a Capital. A presidência da República Rio-Grandense coube, provisoriamente, ao valoroso chefe farroupilha José Gomes de Vasconcellos Jardim, enquanto Bento Gonçalves permanecesse preso. Foram eleitos vice-presidentes: Antônio Paulo da Fontoura, José Mariano de Mattos, Domingos José de Almeida e Inácio José Gomes de Oliveira Guimarães. Entre os ministros da nova República, muito se destacou o comerciante e proprietário de Charqueadas, Domingos José de Almeida, que na chefia do Ministério do Interior e da Fazenda assegurou o êxito da economia farroupilha.

#### 3.1.7. Os Generais Farroupilhas

Foram os primeiros generais: João Manoel de Lima e Silva, Bento Gonçalves da Silva, Antônio de Souza Neto, João Antônio Silveira, Bento Manoel Ribeiro e, mais tarde, Davi Canabarro. O italiano Giuseppe Garibaldi era o comandante da pequena Marinha Farroupilha.

#### 3.1.8. A Bandeira

Foi planejada por José Mariano de Mattos e desenhada por Bernardo Pires. Apareceu em Piratini, em 06 de novembro de 1836, conduzida pelo coronel Teixeira Neto e adotada oficialmente por decreto-lei de 12 de novembro daquele ano.

#### 3.1.9. O Hino Rio-Grandense

Com letra de Francisco Pinto da Fontoura, música de Joaquim José de Mendanha e arranjo de Antônio Côrte Real, foi cantado pela primeira vez em 30 de agosto de 1838, em Caçapava.

#### 3.1.10. Expedição a Laguna

Bento Gonçalves, com o auxílio da Maçonaria, conseguiu fugir da prisão, na Bahia, para onde tinha sido transferido. Ao voltar para o sul, foi empossado como presidente da República Rio-Grandense, assumindo também o comando das forças revolucionárias, em fins do ano de 1837.

Por necessidade de um porto marítimo, os farroupilhas esquematizaram uma expedição para Santa Catarina, a fim de ocuparem Laguna. Para essa extraordinária façanha, comandada por Davi Canabarro, foi brilhante a atuação do “Herói dos Dois Mundos”, Giuseppe Garibaldi, que estava integrado no movimento farroupilha, comandando os barcos Seival e Farroupilha, este naufragando antes de chegar ao destino.

Laguna é ocupada pelas forças de Davi Canabarro e Garibaldi, e, em 24 de julho de 1839, é proclamada a efêmera República Juliana.

Nessa época, entra em cena a heroica Anita Garibaldi.

#### 3.1.11. As Capitais Farroupilhas

10/11/1836 a 14/02/1839 - Piratini

14/02/1839 a 22/03/1842 - Caçapava

22/03/1842 a 28/02/1845 - Alegrete

#### 3.1.12. As Principais Batalhas

Do Seival (10/09/1836); do Fanfa (04/10/1836); da Fazenda Porongos (31/07/1837); do Rio Pardo (30/04/1838); do Ponche Verde (26/05/1843) e de Porongos (14/11/1844).

#### 3.1.13. A Constituição da República

A Assembleia Geral Constituinte foi instalada em 1º de dezembro de 1842, sendo a Constituição promulgada em 03 de fevereiro de 1843, após tumultuadas sessões, pelas adversidades que reinavam entre os chefes revolucionários.

#### 3.1.14. A Imprensa Farroupilha

Foram editados os jornais “O Povo”, “O Mensageiro”, “O Americano” e o “Estrela do Sul”.

#### 3.1.15. A Paz na Província

Os revezes sofridos pelas forças imperiais faziam com que a Regência substituísse seguidamente o presidente da Província. Em boa hora e para a felicidade das duas facções, apela para um homem de incomum qualidades moral, militar e política, a ele entregando o comando, o Barão de Caxias (Luiz Alves de Lima e Silva), que é investido no Governo da Província em 09/11/1842.

Os chefes rebeldes, daí em diante, passaram a sofrer pesadas e contínuas derrotas, destacando-se a de Ponche Verde. Cansados de tanto lutar e com seu exercício reduzido, desarmado e esfarrapado, os farroupilhas resolveram entrar em negociações com o Barão de Caxias, para o estabelecimento de uma paz honrada para ambos os contendores.

Para o Barão de Caxias, homem de extraordinária inteligência e caráter ímpar, não foi difícil estabelecer a paz nos pampas gaúchos, que após dez anos de sangrenta luta entre irmãos brasileiros, encontra o seu fim no dia 26 de fevereiro de 1845, com a assinatura do acordo do Ponche Verde, onde ninguém saiu vencido ou vencedor.

#### 3.1.16. A Morte do Herói

Em 1847, dois anos depois de firmada a paz, depois de longa enfermidade, morria Bento Gonçalves, no mesmo lugar de onde saíra para o início da Revolução, em Pedras Brancas (hoje cidade de Guaíba).

#### 4. A Revolução de 1893<sup>5</sup>

No final da década de 1880, a monarquia brasileira se encontrava em crise. Essa crise pode ser retratada por alguns aspectos:

- Crise religiosa: interferência de D. Pedro II nos assuntos religiosos, provocando um descontentamento na Igreja Católica;
- Crise militar: críticas feitas por militares contra a Corte, diante das evidências de corrupção e o descontentamento dos oficiais que não podiam se manifestar pela imprensa sem autorização do Ministro de Guerra;
- Crise política: a classe média crescia, acumulava conhecimento e exigia maior participação nas questões políticas, pregando abertamente o fim da monarquia e a implantação de um novo regime de governo;
- Crise Econômica: a monarquia perdeu o apoio dos grandes proprietários rurais, especialmente dos cafeicultores paulistas, que esperavam maior participação nas decisões econômicas e políticas num novo regime de governo;
- Crise social: a monarquia já não contava com o apoio popular. A sociedade já não se encantava com a figura do monarca, mesmo porque, doente, D. Pedro II estava cada vez mais afastado das decisões e do convívio social;
- Crise ideológica: desde o final da Guerra do Paraguai aumentava a cada dia a ideia de implantação do regime republicano de governo. A república era vista como uma necessidade de modernização por muitos setores. O regime monárquico era apresentado na imprensa como um entulho envelhecido e que atrapalhava o desenvolvimento do País.

Reunidas as condições favoráveis, no dia 15 de novembro de 1889, o Marechal Deodoro da Fonseca, com o apoio dos republicanos, demitiu o Conselho de Ministros e seu presidente, assinando um manifesto proclamando a república e formando um governo provisório. Após 67 anos, a monarquia chegava ao fim no Brasil.

Diante da nova situação política, os estados brasileiros passaram por um período normal de disputa pelo domínio político. Esse período foi especialmente traumático para o Rio Grande do Sul: de um lado se encontravam os republicanos, liderados por Júlio Prates de Castilhos e de outro os federalistas, também denominados restauradores, liderados pelo senador Gaspar Silveira Martins, líder do Partido Liberal na década que antecedeu a Proclamação da República.

O Rio Grande do Sul, em 1890, tinha uma população de 897.455 habitantes, sendo 74% analfabetos. Contava com 61 municípios com predomínio da população rural; ¼ da população vivia na zona da Campanha, com alto índice de desemprego. Havia muitos negros ex-escravos, marginalizados, ao mesmo tempo em que florescia a imigração.

Os meios de transportes eram precários. As estradas de ferro ainda não haviam atingido todo o território. A industrialização iniciava seus passos e substituía os artesãos. A jornada de trabalho era de 16 horas, com baixos salários. As moças casavam cedo, por volta de 16 anos de idade.

Com a República, assumiu o governo estadual o PRR (Partido Republicano Riograndense), sendo indicado Presidente do Estado o Visconde de Pelotas e tendo como Secretário do Governo Júlio de Castilhos.

A Constituição Estadual, elaborada por Júlio de Castilhos, aprovada em 1891, tinha forte influência positivista. Instalou-se no Estado a ditadura científica positivista, onde o poder executivo elaborava as leis e os decretos, sendo a Assembleia uma espécie de conselho que se reunia dois meses por ano para apreciar as contas do governo. Os intendentess municipais (prefeitos) e os conselhos (câmara de vereadores) eram nomeados provisoriamente por Júlio de Castilhos.

<sup>5</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos. Rio Grande do Sul – História e Identidade. Porto Alegre. FCG – MTG.2008 P. 140-149

Diante da crise que tomou conta da Capital, Rio de Janeiro, quando o Presidente Deodoro da Fonseca resolveu atacar o Congresso, em 3 de novembro de 1891, dissolvendo-o, malgrado não ter poderes constitucionais para isso e, confiado no Exército, proclamou estado de sítio, Júlio de Castilhos cedeu à pressão de alguns militares aliados à oposição ao governo e renunciou em 12 de novembro de 1891.

Formou-se uma junta governativa que deu início ao “governicho”, período que se estendeu até junho de 1892.

A primeira junta governativa era integrada pelo Gen. Manoel Luiz Rocha Osório, João de Barros Cassal, Joaquim Francisco de Assis Brasil e Domingos Alves Barreto Leite.

Diante da revolta da Armada, em 23 de novembro, que cercou e ameaçou bombardear o Rio de Janeiro, o Presidente Deodoro, mesmo contando com o apoio da maioria da guarnição militar, preferiu renunciar ao poder e entregar o governo ao vice-presidente Floriano Peixoto.

Em 17 de novembro, a Junta que governava o estado se demitiu, sendo nomeado Presidente o Gen. Barreto Leite.

A crise política no estado se prolongou e Barreto Leite entregou o governo a Barros Cassal em 3 de março de 1892, que o devolveu em 25 de maio. Barreto Leite, então, entregou o poder ao Visconde de Pelotas, em 8 de junho, que por sua vez, renunciou em favor do gen. João Nunes da Silva, no dia 17 do mesmo mês. Finalmente, a Guarda Cívica se revoltou e reconduziu Júlio de Castilhos ao poder.

Ao reassumir o governo, Júlio de Castilhos nomeou Vitorino Monteiro Vice-presidente estadual e renunciou em favor deste. A tarefa de Monteiro era preparar a Guarda Cívica para uma possível luta armada. Os adversários políticos passaram a ser tratados como bandidos, acirrando ainda mais os ânimos.

Foram realizadas as eleições e Júlio de Castilhos se elegeu Presidente, sendo empossado em 25 de janeiro de 1893. Em 5 de fevereiro do mesmo ano, eclodiu a Revolução.

Os revoltosos, do Partido Federalista, defendiam o unitarismo e o parlamentarismo, sendo apelidados de “restauradores” por pretender um regime semelhante ao do tempo do Império. O grande líder intelectual era Gaspar Silveira Martins.

Os Republicanos liderados, especialmente, por Júlio de Castilhos defendiam o regime republicano de governo, a autonomia dos estados (descentralização) e o predomínio do poder executivo sobre o legislativo.

A revolta, denominada Revolução Federalista, teve início quando o Gen. Silva Tavares reuniu o departamento de Cerro Largo, Uruguai, mais de 3.000 combatentes e invadiu o Rio Grande do Sul pela Carpintaria (hoje Bagé). No mesmo dia o Gen. João Nunes da Silva Tavares, comandante das forças revolucionárias, lançou uma proclamação lembrando das atrocidades do governo estadual dizendo que só restava a luta armada.

Os federalistas tomaram Dom Pedrito, cercaram Santana do Livramento com 6.000 homens, mas somente 700 fuzis. Defendida por 800 homens, Santana do Livramento resistiu.

Enquanto parte dos federalistas eram rechaçados na fronteira e se refugiavam no Uruguai, o Cel. Marcelino de Albuquerque, no comando de uma tropa revolucionária, tomou o Alegrete.

Na defesa do governo constituído, o senador e estancieiro José Gomes Pinheiro Machado organizou a Divisão do Norte para dar combate aos revoltosos. Entre fevereiro e junho foram registrados vários combates na fronteira oeste, colimando com a desagregação dos federalistas que, na sua maioria, se homiziou no Uruguai.

Na segunda investida revolucionária, Gumercindo Saraiva, com 1.100 homens, conseguiu furar o bloqueio governista e se dirigiu para a região de São Sepé, onde iniciou um período de guerrilha.

O senador e Vice-almirante Eduardo Wandelkolk se rebelou a fim de unir-se a Gaspar Silveira Martins, tomando o navio Frigorífico Júpiter no porto de Buenos Aires, entrou na barra de Rio Grande para se juntar a Gumercindo Saraiva, sem sucesso. O rebelde acabou preso na Ilha do Desterro pelo Cruzador República.

Em setembro de 1893 os federalistas obtiveram várias vitórias na fronteira oeste, mas ficaram enfraquecidos e com pouca munição. Mesmo assim, sob o comando de Gumercindo Saraiva, seguiram em direção do Planalto: invadiram Cruz Alta (que estava deserta), chegaram

a Passo Fundo, foram na direção de Mato Castelhanos e Mato Português. No encalço dos federalistas estava a Divisão do Norte.

Pressionados pela Divisão do Norte, os federalistas fugiram em direção a Santa Catarina cruzando o Rio Pelotas, no Passo da Cadeia com 3.000 homens, em 2 de novembro de 1893. Depois de percorrer o Paraná por vários meses, retornaram ao Estado, entrando no dia 31 de maio de 1894.

Em muitas cidades por onde passaram, os federalistas tomaram as intendências municipais. As lutas eram sempre seguidas de vinganças e degolas. Não se poupavam inimigos de parte a parte. Sob esse aspecto, foi esta a mais vergonhosa revolução travada em terras brasileiras.

As ações na fronteira prosseguiram durante o ano de 1893. Em março de 1894, o Cel. Ubaldino Machado, auxiliado pelo Cel. Antônio Ferreira Prestes Guimarães (vindo da 39 Argentina, subindo o Rio Uruguai), tomou Palmeira e Cruz Alta acampando no Boi Preto onde foram surpreendidos pelo Cel. Firmino de Paula. Os federalistas foram derrotados e os 370 maragatos presos foram fuzilados ou degolados.

A Divisão do Norte permanecia na luta contra a coluna de Gumercindo Saraiva e no Carovi, no Planalto das Missões, o maragato foi ferido pelas tropas do Cel. Fabrício Pillar, comandante do 1º Regimento da Brigada Militar, vindo a falecer. Foi enterrado no dia 11 de agosto de 1894 no cemitério de Santo Antônio.

Em suas memórias, o Gen. Maragato Antônio Ferreiras Preste Guimarães escreveu: “A morte de Gumercindo a 10 de agosto em Carovi, enchendo de justa mágoa os corações patrióticos foi um eclipse fatal para a Revolução”.

Episódio importante, com consequências graves no campo bélico da revolução, ocorreu em 27 de junho de 1894: os revolucionários atacaram o campo dominado pelos republicanos a 12 quilômetros de Passo Fundo, na direção de Cruz Alta, na Fazenda de Antônio de Mello no “Pulador”. O combate teve duração de seis horas e resultou em importantes baixas de ambos os lados. Os legalistas resistiram ao ataque dos maragatos que, rechaçados, retrocederam para Passo Fundo.

No relato feito pelo Gen. Prestes Guimarães, percebe-se exagero na avaliação das perdas legalistas e a valorização dos revolucionários perdidos: *tiveram os revolucionários 88 mortos, contados insepultos no campo, alguns dias depois, e quase 200 feridos, incluso o valente Aparício, Mello, José Silveira Martins e tantos outros bravos. Foi maior a perda dos legalistas. Algumas centenas de mortos e cerca de mil feridos, senão mais, o que cuidadosamente trataram de ocultar para diminuir o efeito moral da verdade desta para eles, vitória de Pirro.*

Depois de “Pulador” e do “Carovi”, Aparício Saraiva assumiu o comando dos revoltosos e, depois de vários embates menores, conseguiu atravessar o Rio Uruguai e entrar na Argentina.

O alento para os federalistas ocorreu quando o Almirante Saldanha da Gama se uniu a Aparício Saraiva em Montevideu e invadiu novamente o Rio Grande, em 9 de outubro de 1894. Mas com poucos homens e escassa munição os maragatos não conseguiram se aprofundar no território, sendo mantidos na divisa com o Uruguai. A Revolução agonizou até julho de 1895.

Em 10 de julho de 1895, realizou-se uma conferência de paz em Pelotas e, finalmente, em 31 daquele mês, o Gen. Galvão de Queiroz (Comandante Militar do RS – 6º Distrito Militar) e o Gen. Maragato João Nunes da Silva Tavares (Joca Tavares) assinaram a paz pondo termo à Revolução Federalista, a mais cruel e incompreensível revolta gaúcha. Pelejaram, mataram e morreram sem uma causa que justificasse. Foi uma disputa pelo poder político.

Noutro lugar, com outra história social e outra formação da identidade regional, esta revolução não poderia ter ocorrido. A Revolução Federalista somente poderá ser analisada e, com esforço, compreendida, se considerarmos as suas circunstâncias geográficas, os antecedentes bélicos e o espírito militarista do povo gaúcho. Maragatos e Pica-Paus saíram da Revolução ainda mais inimigos do que nela entraram. O ódio somente foi amenizado no período de trinta anos em que ambos “lamberam suas feridas”, o que não impediu que, em 1923, se batessem novamente e definitivamente no campo de batalha.

Ao cabo da revolta, Júlio de Castilhos permanecia na presidência do estado e quando foi comunicado do fim da luta, respondeu que fazia votos para que a submissão dos rebeldes fosse definitiva.

Souza Docca (1954) se recusou a tratar a Revolução Federalista tecendo o seguinte comentário: "Veio a revolução, que é um capítulo doloroso de nossos anais, que merece a nossa condenação e o fazemos silenciando seus acontecimentos". No tópico seguinte, ao se referir sobre a revolta de 1923 diz: "a luta feroz do homem contra o homem é uma luta de selvagens e por isso as lutas pelo poder são sempre de consequências funestas".

As afirmações do respeitado estudioso Gen. Souza Docca dão a dimensão do que representou a Revolução Federalista, e mais tarde a revolução de 1923, para a sociedade gaúcha.

O período que sucedeu ao ano de 1895 foi de paz e serviu para a consolidação das ideias republicanas e o enraizamento dos conceitos positivistas defendidos por Júlio de Castilhos que tiveram continuidade com Antônio Augusto Borges de Medeiros, seu sucessor político.

## 5. A Revolução de 1923<sup>6</sup>

A Revolta de 1923, também conhecida por "Revolução Assisista", teve causas e origens semelhantes àquelas da Revolução Federalista. A questão fundamental era político-ideológica, ou disputa pelo poder.

Em 25 de janeiro de 1898, Júlio de Castilhos transmitiu a presidência do Estado ao Dr. Antônio Augusto Borges de Medeiros, cujo governo se estendeu até 1907, mercê da reeleição em 1902.

Em 1907, concorreram ao governo, para suceder Borges de Medeiros, Fernando Abott e Carlos Barbosa Gonçalves. Este último, representante da situação, apresentado pelo PRR, resultou vencedor. Borges de Medeiros manteve-se na Presidência do PRR.

(...)

Em 1912, foi eleito, novamente, Borges de Medeiros. Esta segunda gestão de Borges de Medeiros foi fecunda em obras de infraestrutura, ajuste das finanças e desenvolvimento social. Destaca-se a construção do cais da capital, conclusão das obras da barra e do porto do Rio Grande, encampação e remodelação da Viação Férrea, construção do Colégio Júlio de Castilhos, da Biblioteca Pública de Porto Alegre e do Quartel-general da Brigada Militar.

Em 1915, no Rio de Janeiro, foi assassinado o Senador gaúcho José Gomes Pinheiro Machado. Por esse tempo, ressurgiam as desavenças políticas e voltavam a se manifestar os adversários de Borges de Medeiros e dos castilhistas, muitos deles companheiros da época da Proclamação da República.

Um dos momentos mais marcantes das desavenças entre as lideranças gaúchas ocorreu em 1915, quando Ramiro Barcelos, que perdeu a disputa pela presidência do Senado para o Ex-Presidente da República Marechal Hermes da Fonseca, publicou o poemeto "Antônio Chimango" tecendo críticas pessoais, políticas e administrativas a Borges de Medeiros, usando o codinome de Amaro Juvenal.

Foi a partir desse poemeto, uma obra-prima da poesia regionalista, que os seguidores de Júlio de Castilhos e Borges de Medeiros, até aquele momento chamados de "pica-paus", passaram a ser, pejorativamente, denominados "chimangos".

Chimango é um pequeno gavião, magro e de nariz longo e curvo, encontrado especialmente na região sul do Estado. Ramiro Barcelos ao alcunhar Antônio Augusto Borges de Medeiros de "Antônio Chimango", estabeleceu um comparativo físico entre o gavião e o governante gaúcho.

Amaro Juvenal descreve assim o nascimento do governante mais importante do Estado:

---

<sup>6</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos. Rio Grande do Sul – História e Identidade. Porto Alegre. FCG – MTG.2008 P. 153-160

*"Nos cerros de Caçapava  
Foi que viu a luz do dia  
A hora d'Ave-Maria,  
De uma tarde meio suja;  
Logo cantou a coruja  
Em honra de quem nascia.*

*Veio ao mundo tão flaquito,  
Tão esmirrado e chochinho  
Que, ao finado seu padrinho  
Disse espantada a comadre:  
- "Virgem do céu, Santo Padre!  
Isso é gente ou passarinho?"*

Ao longo de todo o "Poemeto Campestre", riquíssimo no uso de regionalismos, percebe-se o quanto de ódio e despeito estava tomado o seu autor, que por profissão foi um conceituado médico sanitaria.

Em 1917, Borges de Medeiros foi reeleito para mais um mandato de cinco anos, o que viria a se repetir em 1922.

O cenário econômico de 1922 pode ser caracterizado pelo seguinte: havia uma forte recessão após a Primeira Guerra Mundial; predominava a produção cafeeira; o setor pecuário estava em crise; a encampação do Porto de Rio Grande (1919) e da Rede Ferroviária (1921), no programa de melhoria dos transportes, comprometeu as reservas estaduais; havia uma redução generalizada dos créditos.

Na esfera política: as eleições no Brasil (1921) fizeram Artur Bernardes (apoiado pela oposição no RS e pelo grupo cafeeiro) vencer Nilo Peçanha, este apoiado pelo PRR; Borges de Medeiros estava no poder há mais de 20 anos - política de "desenvolvimento global"; surgiu a Aliança Libertadora (republicanos dissidentes unidos a antigos federalistas); os libertadores (maragatos) pugnavam pelo liberalismo e democracia, enquanto os chimangos (borgistas) defendiam formas centralizadoras e autoritárias de governo.

Joaquim Francisco de Assis Brasil foi o escolhido para ser o candidato pela Aliança Libertadora (maragatos), na disputa eleitoral de 1922, contra Antônio Augusto Borges de Medeiros (chimango) que se candidatava para o 5º mandato. A campanha foi marcada por fortes acusações de parte a parte, com alguns atentados pelo interior do Estado.

No dia 25 de novembro, ocorreram as eleições, resultando vencedor Borges de Medeiros, com mais de 3/4 dos votos, índice mínimo exigido para a reeleição. A oposição acusou fraude nas eleições. (...)

No mesmo dia em que Borges assumiu o governo para o quinto mandato, 25 de janeiro de 1923, iniciou-se o movimento revolucionário.

As tropas governistas foram constituídas pela Brigada Militar e pelos Corpos Provisórios organizados em todo o Estado. Emergentes líderes republicanos se engajaram na luta: José Antônio Flores da Cunha, Oswaldo Aranha, Getúlio Dorneles Vargas, Firmino Paim Filho, entre outros. (...)

A revolução de 1923 não teve grandes combates, podendo ser caracterizada como uma "guerra de guerrilhas". As escaramuças foram geralmente caracterizadas como "ataca e se esconde". A tática rebelde rendeu bons resultados no início, mas quando a Brigada adotou a mesma forma de combate, a situação se reverteu e os rebeldes minguaram. Hélio Moro Mariante caracteriza a revolta de 1923 como:

*Típica luta de guerrilhas e derradeira reminiscência desse tipo de luta usada pelos gaúchos desde a Guerra das Missões, onde as surtidas e as bombeadas nas coxilhas e o cavalo, a lança e a espada eram soberanos e que, justamente nessa revolução, tiveram seu melancólico ocaso. (...)*

Os rebeldes confiaram que, por terem apoiado o Presidente da República, Arthur Bernardes, haveria uma intervenção federal no Rio Grande do Sul. A ação federal não veio e os rebeldes ficaram isolados obrigando-se a aceitar o fim das hostilidades.

Com a intermediação de Augusto Tavares Lyra, ex-ministro da Justiça, e do Ministro da Guerra, Gen. Fernando Setembrino de Carvalho, depois de várias reuniões com líderes revolucionários e legalistas, as condições de paz foram definidas. Em 14 de dezembro de 1923, no Castelo de Pedras Altas, de propriedade de Assis Brasil, foi assinada a "Ata de Pacificação".

As condições para a pacificação incluíam especialmente os seguintes pontos: Proibição de reeleição do Presidente do Estado e dos intendentes municipais; eleição do Vice-presidente; revisão da Constituição Castilhistas de 1891; e anistia aos revoltosos.

Se os maragatos não foram vitoriosos na tentativa de depor Borges de Medeiros, tiveram grande vitória política ao conseguirem alterar o sistema vigente. O Pacto de Pedras Altas praticamente encerrou o período de influência direta das ideias de Júlio de Castilhos na administração do Estado.

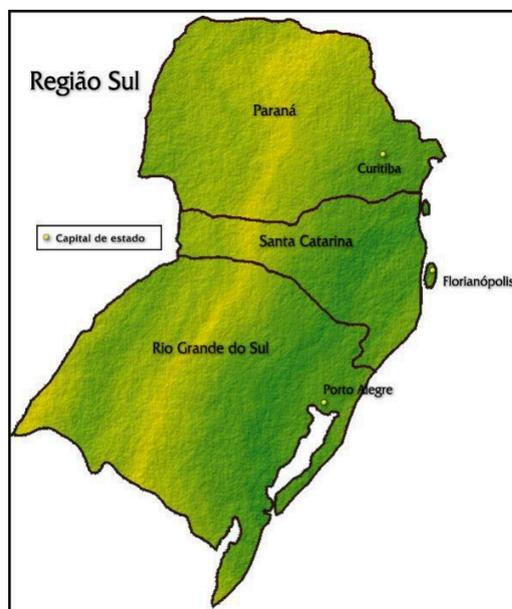
Sobre a Revolução de 1923, Ferreira Filho (1960) diz o seguinte:

*Para gáudio de nossa gente, os guerreiros de 23 portaram-se, em geral, como homens civilizados. Foi uma revolução relativamente humana. A prática odiosa de matar os prisioneiros foi raramente empregada, e sempre à revelia dos chefes responsáveis.*

# GEOGRAFIA DO RIO GRANDE DO SUL

## 1. Posição e situação geográfica.<sup>7</sup>

O Rio Grande do Sul é o estado mais meridional do Brasil, localizando-se no extremo sul do país. Tem um território de 282.062 km<sup>2</sup>, ou seja, 3,30% da área do país. É o maior estado da região sul.



www.redebrasileira.com.br

### 1.1. Limites

Ao Norte e Nordeste: Estado de Santa Catarina – separados pelo Rio Uruguai

Ao Sul e Sudoeste: Uruguai – separados pelos rios Quaraí e Jaguarão

A Leste: Oceano Atlântico

A Oeste e Noroeste: Argentina - separados pelo Rio Uruguai

### 1.2. Situação Geográfica

A situação geográfica de um território é definida pela sua posição em relação a fatos ou elementos externos capazes de influir em sua história e em seu desenvolvimento. Assim, pode-se afirmar que a situação geográfica do Rio Grande do Sul reveste-se de grande importância geopolítica em razão da extensa fronteira com a Argentina e o Uruguai e da proximidade com o Paraguai.

As fronteiras do estado formaram-se em meio a intensas disputas entre portugueses e espanhóis, às quais se seguiram sucessivos conflitos entre o Brasil e seus vizinhos platinos. Ou seja, são áreas nas quais sempre predominou a preocupação com a preservação e a defesa e que por isso marcam de modo concreto a separação entre o território brasileiro e dos países vizinhos.

Hoje, no estágio de capitalismo globalizado e sob patrocínio do Mercosul, as fronteiras - que outrora eram elementos de separação - tendem a se tornar espaços onde avança a pretendida integração.

Nesse sentido, o Rio Grande do Sul tem uma situação potencialmente favorável por sua proximidade com Montevidéu, Assunção, Buenos Aires, Santiago, São Paulo, Rio de Janeiro e Brasília.

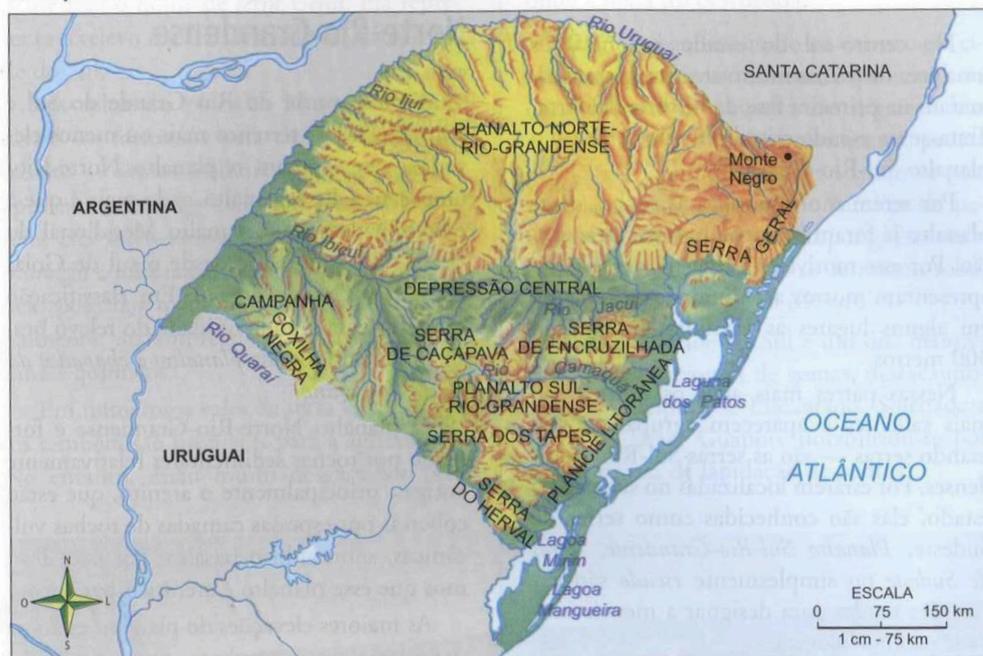
<sup>7</sup> MOREIRA, Igor O Espaço Rio-Grandense, Editora ática, 2007, p.6.

## 2. O Relevo e os Solos<sup>8</sup>

O relevo do Rio Grande do Sul assemelha-se ao do resto do Brasil pois possui um substrato rochoso muito antigo, que há milhões de anos não sofre manifestações tectônicas expressivas. Por isso mesmo, o relevo é relativamente suave.

O relevo do Rio Grande do Sul possui diferentes unidades, cada qual com suas altitudes, tipos de rochas e formas predominantes: o planalto Sul-Rio-Grandense, o planalto Norte-Rio-Grandense, a depressão central, a planície litorânea e a campanha.

Principais formas de relevo do Rio Grande do Sul



Fonte: Adaptado de Atlas nacional do Brasil. Rio de Janeiro, IBGE, 2000.

### 2.1. O planalto Sul-Rio-Grandense

Constitui-se de rochas muito antigas, por este motivo as paisagens geralmente apresentam morros arredondados e somente em alguns lugares as altitudes ultrapassam 300 metros. Nessas partes mais altas os morros são mais salientes e aparecem agrupados formando serras, são as serras Sul-Rio-Grandenses.

### 2.2. O planalto Norte-Rio-Grandense

Constitui-se por terrenos mais ou menos elevados. Trata-se da extremidade sul do planalto Meridional do Brasil, que se estende desde o sul de Goiás até o Rio Grande do Sul. As maiores elevações do planalto estão na sua parte leste e nordeste, onde chegam a mais de mil metros de altitude. É nessa parte que se encontra o ponto mais elevado do território rio-grandense: o monte Negro.

### 2.3. A depressão central

Uma faixa de terras relativamente baixas, planas ou levemente onduladas. Assemelha-se a uma planície, que se estende de leste a oeste e sobre o qual corre o rio mais importante do estado – o rio Jacuí.

### 2.4. A Planície Litorânea

<sup>8</sup> MOREIRA, Igor O Espaço Rio-Grandense, Editora ática, 2007, p. 10

O litoral rio-grandense, isto é, a faixa de terra que fica junto ao oceano Atlântico, é uma planície, pois seus terrenos são baixos e planos. No interior de toda a Planície Litorânea existem numerosas lagoas, cuja água é salobra, isto é, salgada. Por se comunicarem diretamente com o oceano, algumas delas têm o nome de *lagunas*, em vez de lagoas. Esse é o caso da Laguna dos Patos, a maior do Brasil, que se comunica com o Atlântico através do canal de Rio Grande.

Além da Laguna dos Patos, a Lagoa Mirim e a Lagoa Mangureira também merecem destaque por sua extensão.

## 2.5. A Campanha

A região oeste e sudoeste do Rio Grande do Sul tem o nome de campanha. Em seus terrenos predominam elevações suaves e alongadas. As elevações suaves e compridas do estado receberam o nome de coxilhas; primitivamente cobertas por uma vegetação rasteira, de campos limpos, são os elementos predominantes nas paisagens da Campanha, mas também aparecem em outras áreas do estado.

## 3. O Clima <sup>9</sup>

O clima do Rio Grande do Sul é classificado como *subtropical*.

No Rio Grande do Sul o ar atmosférico varia muito no decorrer do ano. Isso acontece devido à posição geográfica do estado, que o torna ora dominado por massas de ar tropicais, ora por massas de ar polares.

## 4. Os ventos

Nos meses de verão o território rio-grandense é geralmente dominado por ventos vindos do norte. Por se originarem em latitudes baixas esses ventos são quentes e, em consequência, ocasionam altas temperaturas, sobretudo nos meses de dezembro e janeiro.

Nos meses de inverno o estado é frequentemente invadido por ventos frios de origem polar. Eles provocam baixas temperaturas, sobretudo nos meses de junho e julho. Quando é seco, o vento frio vindo do sul é chamado de *minuano*.

A existência de duas estações climáticas bem diferentes representa um fator favorável à agricultura do Rio Grande do Sul. Assim, o calor do verão e do fim da primavera favorece o cultivo de muitos produtos tropicais, cujo desenvolvimento exige altas temperaturas: arroz, milho, soja, fumo e outros.

Também são praticadas no estado algumas culturas de inverno, como a do centeio, do linho e, sobretudo, do trigo.

## 5. Os Rios <sup>10</sup>

Graças a uma pluviosidade intensa e bem distribuída por todo o ano, o Rio Grande do Sul tem uma farta rede hidrográfica. É um dos estados brasileiros mais bem servidos de águas internas, já que, além dos rios, possui um número considerável de lagoas e lagunas costeiras, algumas de grande extensão.

---

<sup>9</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*. Editora ática, 2007, p.16.

<sup>10</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*. Editora ática, 2007, p.19.



MOREIRA, Igor O Espaço Rio-Grandense, Editora ática, 2007. P. 19

Devido à influência decisiva do relevo, os rios do território rio-grandense correm em duas direções. Uns dirigem-se para o rio Uruguai, formando a bacia do rio Uruguai. Outros encaminham-se para leste, desaguando nas lagoas costeiras ou indo diretamente para o oceano; eles formam a bacia Atlântica.

Entre os numerosos afluentes do rio Uruguai destacam-se os rios Passo Fundo, Ijuí e Ibicuí. Da bacia Atlântica, destacam-se o rio Jacuí e seus afluentes: o rio Pardo, o rio Taquari; e ainda, o rio Jaguarão e Camaquã.

O Rio Jacuí deságua no lago Guaíba, onde três outros rios também despejam suas águas: o rio Caí, o rio dos Sinos, e o rio Gravataí. O lago Guaíba tem ampla ligação com a Laguna dos Patos, que por sua vez se comunica com o oceano Atlântico através do canal de Rio Grande.

## 6. As Paisagens Vegetais <sup>11</sup>

No Rio Grande do Sul as condições de clima e solo favoreceram tanto a formação de matas quanto a de campos. No litoral, porém, a vegetação é escassa e pobre devido à presença de solos arenosos e com muito sal. A vegetação litorânea é formada por plantas baixas e arbustos, adaptados ao ambiente em que vivem.

<sup>11</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*. Editora ática, 2007, p.21.



Fonte: Atlas nacional do Brasil. IBGE. Rio de Janeiro, 2000.

### 6.1. Os campos

Há dois tipos de campos no Rio Grande do Sul: as campinas e os campos do planalto.

As *campinas* são campos limpos, que cobriam quase toda a metade sul e o oeste do estado. Nas áreas remanescentes dessa vegetação no Rio Grande do Sul forma-se um verdadeiro tapete de gramíneas, que se estende pelas terras onduladas das coxilhas.

Os *campos do planalto* ou *de cima da serra*, aparecem em solos relativamente pobres, em comparação aos solos ricos de origem vulcânica do planalto Norte-Rio-Grandense. No nordeste do estado, nos campos de Bom Jesus e de Vacaria, os solos são arenosos. Além disso, o frio rigoroso do inverno contribui para a ocorrência de vegetação campestre.

### 6.2. As matas

A *mata subtropical* ocupava a encosta do planalto e o alto vale do rio Uruguai, onde a pluviosidade é farta e o inverno não é muito frio. Ela é parecida com as florestas tropicais: possui grande variedade de árvores, de folhas largas e perenes, que estão entrelaçadas por cipós. No entanto, as árvores são de menor porte que as das florestas tropicais, e algumas delas perdem as folhas durante o inverno. Por isso é do tipo subtropical. A devastação da floresta Subtropical começou no início do século XIX, para a extração da madeira, e prosseguiu com a vinda dos imigrantes europeus, que passaram a cultivar as áreas que receberam para colonizar.

A *mata dos Pinhais* é formada pelo pinheiro-do-paraná, também chamada de floresta ou mata de Araucária. Os pinheiros são árvores que preferem as baixas temperaturas. Antigamente os pinhais cobriam boa parte do território rio-grandense. No entanto, devido ao intenso desmatamento para a exploração de madeira, restam hoje poucos lugares onde as araucárias podem ser encontradas.

## 7. A Formação Socioespacial <sup>12</sup>

No início o território que começava a ser ocupado pelos europeus deveria pertencer à Espanha, pois ficava a oeste da linha de Tordesilhas. Mas aos poucos, e depois de muitas disputas com os espanhóis estabelecidos na região do Prata, os portugueses conquistaram o território rio-grandense, formando o estado mais meridional do Brasil.

<sup>12</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*. Editora Atica, 2007, p. 28.

### 7.1. O extermínio dos índios<sup>13</sup>

Antes da chegada dos europeus calcula-se que havia cerca de 300 mil índios no território rio-grandense, pertencentes a três antigas etnias, cada uma com vários grupos – ao norte, os jês (kaingangs, guaianás, etc.); na faixa central, os tapes; no sul e no oeste, os chanás (minuanos, charruas, guenoas, etc.) -, bem como à grande nação guarani, cujos grupos haviam invadido a região e “guaranizado” muitas tribos nativas.

Depois de quase três séculos de dominação branca, durante os quais os índios foram submetidos a variadas formas de extermínio, restam hoje cerca de 13 mil remanescentes daqueles que eram os donos originais da terra. A maior parte deles é do grupo kaingang; os demais são guaranis.

Os índios atuais vivem em áreas especiais, oficialmente denominadas terras indígenas, que no Rio Grande do Sul são em número de 27; mas apenas treze delas estão devidamente demarcadas.

Os indígenas deixaram sua contribuição na formação étnica e cultural do Rio Grande do Sul, especialmente na região das campinas. Os charruas, por exemplo, índios cavaleiros que viviam no sudoeste do estado, comiam carne assada no espeto e usavam indumentária de couro, constituíram o principal contingente do qual foi recrutada a mão-de-obra necessária ao estabelecimento da atividade pecuária na região.

Talvez seja na toponímia, isto é, na denominação de lugares e acidentes fisiográficos, que a influência indígena é mais facilmente identificada: Ibicuí, Coroados, Itaimbé e inúmeros outros nomes remetem aos habitantes originais do estado.

### 7.2. As Missões dos Jesuítas<sup>14</sup>

A ocupação do Rio Grande do Sul pelos europeus começou com os padres jesuítas vindos do Paraguai. Eles se estabeleceram na margem oriental (leste) do rio Uruguai com a finalidade principal de catequizar os índios.

Os jesuítas fundaram várias aldeias ou povoados, que eram chamados de Missões ou reduções. A primeira delas foi fundada em 1626, pelo padre Roque Gonzales. O conjunto de povoados de maior importância histórica foram os sete povos das missões: São Nicolau, São Miguel, São Luiz Gonzaga, São Borja, São Lourenço, São João Batista e Santo Ângelo. Localizavam-se no noroeste do atual estado do Rio Grande do Sul, numa área que ficou conhecida como região das Missões.

Os jesuítas introduziram a criação de animais no Rio Grande do Sul: ovinos, muares, equinos e principalmente bovinos. Junto com a pecuária e valendo-se do trabalho indígena, desenvolveram também a agricultura e a extração de erva-mate.

Sob a direção dos jesuítas, as Missões reuniam milhares de índios em uma vida comunitária, na qual as atividades eram distribuídas entre todos, que trabalhavam tendo em vista o bem comum.

Ainda no século XVII, as Missões começaram a ser invadidas por bandeirantes – homens vindos de São Paulo, que atacavam as aldeias com a finalidade de aprisionar os índios para vendê-los como escravos. Devido aos seguidos ataques dos bandeirantes, as Missões entraram em decadência.

Em 1750, pelo Tratado de Madri, Portugal e Espanha determinaram que a população dos Sete Povos – cerca de 30 mil índios – deveria deixar a área que passaria ao domínio dos portugueses, e transferir-se para o outro lado do Rio Uruguai, que pertencia aos espanhóis. Liderados pelo cacique Sepé Tiaraju, os índios missioneiros recusaram-se a abandonar suas aldeias e perder suas terras. Seguiu-se então uma longa resistência armada contra tropas portuguesas e espanholas – as Guerras Guaraníticas.

Embora o Tratado de Madri tenha sido anulado em 1761, e os índios missioneiros tenham obtido o direito de permanecer na região, as guerras causaram a destruição dos Sete Povos. Os habitantes das Missões que não morreram em combate fugiram para outros lugares

<sup>13</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*, Editora Aática, 2007, p. 28.

<sup>14</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*, Editora Aática, 2007, p. 29.

ou foram escravizados por bandeirantes. Os rebanhos de sua criação soltaram-se pelos campos do estado.

Em 1768, os jesuítas abandonaram o Rio Grande do Sul.

### 7.3. O surgimento das estâncias<sup>15</sup>

Encontrando circunstâncias favoráveis de clima, de relevo e principalmente de vegetação, o gado missioneiro dispersou-se pelos campos rio-grandenses, reproduziu-se livremente e tornou-se bravo. No século XVIII, numerosos rebanhos vagavam pelos campos do planalto Norte-Rio-Grandense, conhecido como Vacaria dos Pinhais, e sobretudo pelas campinas, chamadas de Vacaria do Mar.

A notícia da existência no Rio Grande do Sul de rebanhos sem dono atraiu o interesse de muitas pessoas, principalmente de São Paulo. As reses eram abatidas em pleno campo e delas se aproveitavam apenas o couro e o sebo.

Em 1737, para garantir os interesses dos portugueses instalados na região, foi construído o forte Jesus-Maria-José, junto ao canal que liga a Laguna dos Patos ao oceano Atlântico. Ao lado do forte formou-se uma povoação, que deu origem à atual cidade de Rio Grande. O domínio português se expandiu pelas áreas vizinhas, que no seu conjunto eram chamadas de Continente do Rio Grande de São Pedro. Esse foi o primeiro nome do atual estado do Rio Grande do Sul.

Nessa época – ainda no século XVIII – desenvolveu-se a mineração em Minas Gerais, atraindo milhares de pessoas para a região. Assim se formou um mercado de consumo para os produtos da pecuária: couro, carne, leite e animais para transporte. Em consequência, a atividade de caça foi sendo substituída pela criação de gado, pois os animais passaram a ser reunidos em locais destinados a tal finalidade – as estâncias ou fazendas.

Estimulada pelo mercado do sudeste do país, principalmente de Minas Gerais, desenvolveu-se a pecuária no Rio Grande do Sul. Portugueses, paulistas e catarinenses – esses particularmente de Laguna – ganhavam do governo grandes extensões de campo, onde instalavam suas fazendas de criação de gado. Muitos dos novos fazendeiros tinham combatido contra os platinos, que eram inimigos dos portugueses na disputa pela posse da região. Com o passar do tempo, as áreas campestres, principalmente as da Campanha, ficaram povoadas de fazendeiros. Junto a algumas estâncias surgiram povoados, que mais tarde se tornaram cidades.

Portanto, a formação do Rio Grande do Sul teve início com o surgimento das estâncias. Foi na atividade pastoril, particularmente na Campanha, que surgiu a figura do gaúcho, originalmente o homem que trabalhava na fazenda, cuidando do gado. Bem mais tarde todas as pessoas nascidas no Rio Grande do Sul passaram a ser chamadas de gaúchos.

### 7.4. Os Tropeiros<sup>16</sup>

A tarefa de conduzir o gado dos campos rio-grandenses para ser vendido no sudeste do Brasil era feita pelos tropeiros, vindos de São Paulo e principalmente de Laguna, no litoral catarinense.

As tropas de gado eram conduzidas a pé e levavam meses até chegar ao seu destino. Na maior parte das vezes o gado era vendido na feira de Sorocaba, perto da capital paulista, de onde era levado para as áreas de consumo, sobretudo Minas Gerais. No início os tropeiros acompanhavam o gado sem dono, que vivia nas campinas. Depois muitos tropeiros organizaram estâncias e tornaram-se fazendeiros.

O gado era conduzido pelo litoral. Em alguns lugares do caminho dos rebanhos surgiram povoados, como São José do Norte, Capivari, Santo Antônio da Patrulha e outros. Alguns povoados cresceram e tornaram-se cidades.

Mais tarde foram abertos caminhos pelo Planalto Norte-Rio-Grandense. Esses novos caminhos permitiram que o gado da região das Missões e da Vacaria dos Pinhais também pudessem ser vendidos em São Paulo. Pelos caminhos do planalto começaram a surgir

<sup>15</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*. Editora Ática, 2007, p. 31.

<sup>16</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*. Editora Ática, 2007, p. 32.

estâncias, chácaras e povoados. Alguns povoados transformaram-se em cidades: São Borja, Cruz Alta e Vacaria.

Desse modo, os tropeiros contribuíram bastante para o povoamento do estado e para que o Rio Grande do Sul ficasse integrado a São Paulo e demais regiões do Brasil.

### 7.5. As Charqueadas<sup>17</sup>

A mineração provocou a transferência do centro econômico do nordeste para o sudeste do Brasil, ocasionando a mudança da capital do país de Salvador para o Rio de Janeiro.

Devido às migrações, a população de Minas Gerais, do Rio de Janeiro e de São Paulo cresceu bastante. À medida que essa população crescia, aumentava o mercado de consumo para os produtos da pecuária gaúcha – o couro e principalmente a carne.

Aos poucos o transporte de gado passou a ser feito também por navios, desenvolvendo-se a navegação pelo rio Jacuí, pela Laguna dos Patos e pelo oceano Atlântico, até o Rio de Janeiro. Só bem mais tarde, foram construídas as primeiras ferrovias em território rio-grandense, cujo traçado obedeceu aos interesses de transporte de gado.

Mesmo após o surgimento da navegação, o Rio Grande do Sul continuou vendendo os animais vivos, pois naquela época não havia maneira de conservar a carne fresca por muito tempo. No entanto, como a parte vendida era somente o couro e a carne, os fazendeiros resolveram enviar, em vez de bois vivos, a carne já seca e salgada, que se chama charque. Dessa forma, barateavam o transporte e aumentavam seus ganhos. Foi assim que surgiram as charqueadas, estabelecimento onde se fabrica o charque.

A primeira charqueada foi fundada em 1780, junto ao arroio Pelotas, próximo a Rio Grande. Em seguida, muitas outras foram criadas na mesma região e também junto a diversas fazendas.

O Rio Grande do Sul tornou-se grande vendedor de charque. Sua produção e seu comércio atraíram muitas pessoas ao estado. Grande leva de escravos negros foram trazidas para trabalhar na atividade saladeiril, isto é, na indústria do charque. Na proximidade de muitas charqueadas surgiram povoações, algumas das quais, mais tarde, se tornariam cidades.

Dessa forma pode-se dizer que o Rio Grande do Sul “nasceu com as estâncias e cresceu com as charqueadas”.

### 7.6. A Contribuição do Negro<sup>18</sup>

Embora tenha sido usado como carregador pelos bandeirantes e tropeiros e aproveitado como serviçal doméstico nas fazendas, foi com o desenvolvimento das charqueadas que se deu o ingresso mais expressivo do negro no Rio Grande do Sul.

Para trabalhar na atividade saladeiril foram trazidas para o estado grandes e sucessivas levadas de escravos de origem africana, cujo número chegou a ser estimado em 80 mil indivíduos por volta de 1860.

A dispersão espacial do negro deu-se do litoral para o interior, atingindo a Campanha e a depressão Central a partir de dois eixos de irradiação com base em Rio Grande. No principal deles os escravos eram levados para Pelotas, Canguçu, Piratini e Jaguarão. O outro incluía São José do Norte, Viamão, Triunfo e Taquari.

A influência do negro na formação étnico-cultural do Rio Grande do Sul frequentemente tem sido subestimada. No entanto, ela aparece de modo significativo em alguns aspectos da vida rio-grandense, como o esporte, a música e, de modo especial, a religião.

### 7.7. Os Açorianos<sup>19</sup>

O povoamento oficial do Rio Grande do Sul teve início em 19 de fevereiro de 1737, com a fundação do forte ou presídio (na verdade uma praça de guerra) que deu origem à atual cidade de Rio Grande e foi o núcleo irradiador da ocupação do território.

<sup>17</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*. Editora Ática, 2007, p. 33.

<sup>18</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*. Editora Ática, 2007, p. 34.

<sup>19</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*. Editora Ática, 2007, p. 34.

O governo português percebia a necessidade de garantir a posse das áreas em disputa com os platinos, mediante uma ocupação em bases estáveis através do uso agrícola do solo. Para isso promoveu a vinda de habitantes dos Açores, arquipélago localizado em pleno oceano Atlântico, que ainda hoje pertence a Portugal.

A partir de 1751, centenas de casais açorianos foram encaminhados para o sul do Brasil. Cada um recebeu um lote de terra para cultivar, com o propósito de expandir o povoamento a partir de Rio Grande. Os açorianos participaram do desenvolvimento inicial dos povoados, vilas e cidades, principalmente no litoral e na depressão Central: São José do Norte, Tavares, Mostardas, Gravataí, Santo Antônio da Patrulha e Osório, em um primeiro momento, e, posteriormente, Triunfo, General Câmara, Rio Pardo e Cachoeira do Sul. Nessas cidades percebe-se a influência dos açorianos, especialmente na arquitetura.

Além do tipo de construção, os açorianos legaram ao Rio Grande alguns costumes e tradições que perduram em certas comunidades das áreas por eles colonizadas. O sotaque característico e o linguajar do litoral, por exemplo, são uma herança cultural dos ilhéus.

### **7.8. A fundação de Porto Alegre<sup>20</sup>**

Em 1732, Jerônimo de Ornelas Menezes e Vasconcelos ganhou uma grande extensão de terras do governo português. Situadas a leste do lago Guaíba, essas terras pertenciam ao município de Viamão, que na época era um dos principais povoados do Rio Grande do Sul.

Jerônimo de Ornelas organizou uma estância, cuja sede ficava no morro Santana, hoje um bairro de Porto Alegre. Para servir ao comércio de Viamão, havia sido construído um pequeno porto sobre o Guaíba – o porto de Viamão. Marinheiros, comerciantes e outras pessoas fixaram-se junto a esse porto. A população cresceu e o lugar passou a ser chamado de Porto do Dorneles (que vem de Ornelas).

Em 1752, dezenas de casais açorianos desembarcaram no Porto do Dorneles e receberam terras do governo, nas quais começaram a plantar trigo e outros produtos. Eles organizaram um povoado, onde hoje fica o bairro Gasômetro, e construíram uma capela em homenagem a São Francisco. Depois da chegada dos açorianos, o Porto do Dorneles passou a ser chamado de Porto dos Casais.

A posição do Porto dos Casais era muito favorável ao comércio, e ali eram embarcados e desembarcados numerosos produtos. As atividades comerciais e portuárias atraíam muitas pessoas, fazendo com que a população do povoado crescesse rapidamente. No dia 26 de março de 1772, o povoado foi separado do município de Viamão, com o nome de São Francisco do Porto dos Casais. Esse dia é considerado a data oficial da fundação de Porto Alegre.

No ano seguinte, o povoado recebeu o nome de Freguesia de Nossa Senhora Madre de Deus de Porto Alegre e tornou-se a capital do Rio Grande do Sul. Antes disso, a capital tinha sido Rio Grande e, por pouco tempo, Viamão.

Em 1810, Porto Alegre foi elevada à categoria de vila e, em 1822, tornou-se cidade. Atualmente, segundo o censo demográfico de 2022, realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a cidade ocupa o 11º (décimo primeiro) lugar em população no Brasil, com mais de 1,3 milhão de habitantes.

### **7.9. Os Imigrantes<sup>21</sup>**

São considerados imigrantes as pessoas que vieram para o Brasil depois da independência. Em 1822, os campos do Rio Grande do Sul já estavam ocupados, mas as áreas de mata do planalto Norte-Rio-Grandense e da serra geral permaneciam despovoadas. Para povoá-las, o governo brasileiro resolveu promover a imigração.

Com o correr dos anos, milhares de imigrantes vieram para o Rio Grande do Sul. Com base na agricultura eles ocuparam áreas de mata, ou seja, colonizaram lugares despovoados do estado. Por isso foram chamados de colonos, e as áreas por eles ocupadas ficaram conhecidas como zonas coloniais. Ainda hoje, mesmo depois de grandes transformações socioespaciais, o conjunto dessas zonas não raro é chamado de região colonial do Rio Grande do Sul.

<sup>20</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*. Editora Ática, 2007, p. 35.

<sup>21</sup> MOREIRA, Igor. *O Espaço Rio-Grandense*. Editora Ática, 2007, p. 36.

Ao chegar ao estado, cada colono recebeu um lote de terra, que passou a cultivar com a ajuda dos membros da família. Os colonos introduziram a policultura no estado, pois dedicavam-se ao cultivo de vários produtos: trigo, milho, batata, frutas, verduras e legumes. Juntamente com a agricultura, criavam animais: vacas leiteiras, porcos e galinhas.

Por serem donos das terras que ocupavam e por ficarem com toda a produção obtida, os colonos sentiam-se estimulados a trabalhar e a produzir cada vez mais. Dessa forma, as zonas coloniais do estado, progrediram bastante.

No início, os colonos produziam para sua subsistência, mas logo começaram a obter excedentes. Com o dinheiro ganho na venda desses excedentes podiam comprar outros produtos. Dessa forma, desenvolveu-se o comércio, ao mesmo tempo em que formavam mercados de consumo nas zonas coloniais.

Entre os imigrantes vieram muitos artesãos, que instalaram pequenas oficinas, como tecelagens, serralherias, marcenarias, curtumes etc. Havendo compradores para seus produtos, muitas oficinas cresceram e, mais tarde, transformaram-se em indústrias têxteis, mecânicas, de móveis, de calçados etc.

Diversos grupos de imigrantes vieram para o Rio Grande do Sul: os principais foram os alemães, italianos e poloneses. Os que vieram em maior número foram os alemães e italianos.

Os alemães começaram a chegar ao estado em 1824, desembarcando no lugar onde hoje fica a cidade de São Leopoldo. Eles colonizaram a parte inferior da encosta do planalto Norte-Rio-Grandense, sobretudo os vales do Rio Caí, dos Sinos, Pardo e Taquari. Fundaram vários povoados, alguns dos quais se tornaram cidades, como Novo Hamburgo, São Leopoldo, Lajeado e São Sebastião do Caí, entre outras. Hoje em dia o vale do Rio Sinos é famoso por sua indústria de produtos de couro, com destaque para o setor de calçados. A maior cidade da região é Novo Hamburgo, que também possui muitas indústrias.

Quando as primeiras zonas já estavam bastante povoadas, os alemães subiram o planalto e foram para o norte e noroeste do estado. Aí também se estabeleceram colonos poloneses e imigrantes de outras origens.

Em 1875, chegaram ao Rio Grande do Sul os primeiros italianos, que colonizaram a parte superior da encosta e a borda do planalto. O primeiro povoado organizado pelos italianos transformou-se na maior cidade do interior do estado: Caxias do Sul. Os italianos fundaram outros povoados, que originaram as cidades de Bento Gonçalves, Farroupilha, Garibaldi, entre outras.

Junto com a policultura, os italianos introduziram no Rio Grande do Sul o cultivo de uva e a fabricação de vinho – a vitivinicultura. A região colonial italiana é famosa no Brasil inteiro pela qualidade das uvas e dos vinhos que produz. As cidades que eles fundaram, em particular Caxias do Sul, possuem muitas indústrias: metalúrgicas, mecânicas, malharias, fábrica de móveis, etc.

Assim, os imigrantes europeus, sobretudo alemães e italianos, contribuíram de maneira significativa para a formação do estado. Tal contribuição ocorreu especialmente nas zonas coloniais, onde a maioria da população atual é formada por descendentes de imigrantes. Na parte inferior da encosta do planalto, por exemplo, a influência alemã é visível nas características étnicas e culturais da maioria das pessoas; ela está presente nos hábitos, nas tradições e até na maneira de falar. A influência italiana é marcante nos habitantes da parte superior da encosta.

## HISTÓRIA E GEOGRAFIA DO PLANALTO CENTRAL

É necessário que se esclareça que o termo “Planalto Central” adotado para o concurso de prendas e peões do MTG-PC não se refere à delimitação geográfica do Planalto Central brasileiro, nem apenas à cidade de Brasília. Para nós, Planalto Central corresponde à área que é delimitada pelo MTG-PC: Oeste da Bahia, Distrito Federal, Tocantins, Minas Gerais e Goiás.

Não há uma delimitação geográfica específica, nem linhas limítrofes definidas politicamente; o que existe é uma convenção dos tradicionalistas desta região que delinearão a área abrangida em seu estatuto, homologado pela Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG).

Em um festival nacional, em um rodeio, ou em uma convenção da CBTG, boa parte dos MTGs tem sua identidade atrelada ao seu próprio estado – o local de abrangência da sua federação. Nossa Federação é um pouco mais que isso: somos cinco estados, que conservam muitas similaridades entre si. É isto que este pequeno estudo procura transpassar, a realidade da área da nossa Federação.

Justamente por isso, é extremamente difícil apontar uma bibliografia específica sobre essa área. A fim de produzir este material, buscamos indicar trechos importantes da nossa história relacionada à inserção do povo gaúcho nesta região, afinal, quando os Regulamentos dos concursos de prenda e peões exigiram história e geografia do Planalto Central, o que se pretendia era, justamente, incentivar a busca do conhecimento acerca da nossa realidade. Por isso mesmo, o maior enfoque será dado às cidades e regiões onde se concentram nossas entidades singulares – os CTGs do MTG-PC.

### 1. Os Primórdios<sup>22</sup>

O povoamento inicial das terras de Goiás é muito anterior à chegada dos criadores de gado e dos bandeirantes. Nessas terras – que abrangiam o atual estado de Goiás e Tocantins, criado em 1988 – nos séculos XVII e XVIII, viviam povos indígenas, quase todos falando língua jê, como era o caso dos Kayapós. Não se sabe quase nada a respeito dos índios Goiá, ou Goyazes, que deram nome à região.

Na região do Planalto Central, na segunda metade do século XVIII, já existiam várias sesmarias em terras hoje pertencentes ao Distrito Federal, onde Brasília está localizada. Localizavam-se na área de Planaltina e norte do Distrito Federal, nas imediações de Formosa e na margem direita do Rio São Bartolomeu e do atual Lago Sul. Também existiram sesmarias em Gama, Luziânia, Santo Antônio do Descoberto e Cocalzinho de Goiás. Eram enormes, da ordem de 108 quilômetros quadrados! Sesmarias de sertão, dimensionadas para a agricultura e a criação extensiva de gado.

Com o declínio das atividades mineradoras, muitos arraiais foram empobrecendo. Meiaponte (atual Pirenópolis) figurava como uma exceção devido, sobretudo, ao seu comércio.

Enquanto os habitantes do litoral – em contato com as influências cosmopolitas vindas pelo Atlântico – continuavam sendo portugueses do Brasil, como eles mesmos se autodenominavam no século XVIII, nos ermos do sertão foram surgindo arraiais e vilas de um novo tipo, desconhecido de Portugal. Esse algo novo, querendo nascer na terra ignota, era a cultura brasileira propriamente dita.

---

<sup>22</sup> LEONARDI, Victor. *Estrada Colonial do Planalto Central*.

## 2. O Cerrado e as Novas Fronteiras Agrícolas<sup>23</sup>

A incorporação dos cerrados à agropecuária brasileira é um fato de importância capital para a economia brasileira, uma vez que esse ecossistema, considerado improdutivo há algumas décadas, contribui hoje com parcela considerável da nossa produção de carne e grãos. A participação dos migrantes gaúchos foi decisiva para o sucesso dessa empreitada.

Segundo maior bioma produtivo do país, o cerrado brasileiro se estende por 197 milhões de hectares nos estados de Minas Gerais, Mato Grosso, Bahia, Mato Grosso do Sul, Tocantins e Goiás. A principal característica do cerrado são os arbustos de galhos retorcidos e o clima definido com uma estação chuvosa e outra seca. Seus solos, em geral profundos, antigos e com poucos nutrientes, exigem uma adaptação para a produção.

A incorporação desse ecossistema, por sua vez, determinou que o Brasil viesse a assumir a posição preponderante em termos globais que desfruta hoje na produção de alimentos.

O Centro e o Oeste do Brasil só passaram a interessar ao país em meados do século passado, quando aquele que foi o nosso maior estadista republicano, o sul-rio-grandense Getúlio Vargas, iniciou a grande Marcha para o Oeste. Antes disso, os brasileiros viviam presos ao litoral, como caranguejos. A esmagadora maioria da nossa população vivia numa estreita faixa do litoral, a menos de cem quilômetros do mar.

Passado um pouco mais de meio século do nosso avanço para o oeste, aquilo que se chamava de “sertão”, com um certo tom de desprezo e angústia, transformou-se em uma das regiões mais produtivas do mundo.

Para muitos estudiosos, o Programa de Assentamento Dirigido do Distrito Federal, mais conhecido pela sigla PADDF, de certo modo, acabou servindo de modelo para outras iniciativas oficiais da incorporação dos cerrados.

Com a criação do PADDF, o Governo do Distrito Federal pretendia formar um cinturão verde ao redor da recém criada Capital da República. O então secretário de Agricultura do Distrito Federal, o baiano Pedro Dantas, foi buscar no Rio Grande do Sul os agricultores que iriam concretizar aquilo que não passava de um projeto ousado. (...)

Agricultores antigos da região do Distrito Federal acharam que os gaúchos estariam de volta ao Sul em muito pouco tempo, antes do final do prazo, desiludidos por não conseguirem dominar a produção do cerrado.

Mas ocorreu justamente o contrário do que imaginavam os pessimistas. De uma produção de 30 sacos por hectares, por ano, nos primórdios, os gaúchos aqui do Planalto Central estão obtendo, em nossos dias, de 70 a 80 sacos. Trata-se de um extraordinário crescimento de 130% (cento e trinta por cento).

Com o sucesso do PADDF, os gaúchos começaram a chegar em grandes levadas às cidades goianas que cercam Brasília, como Cristalina, Luziânia e Formosa. Logo em seguida, passaram a comprar terras também nas cidades mineiras da região.

A chegada dos nossos migrantes a Formosa deu-se a partir de 1985. Estima-se que, atualmente, os gaúchos e seus descendentes na cidade sejam cerca de 1.000 pessoas. Quase todos vieram por conta própria, isoladamente, mas a seguir reuniram-se em uma cooperativa.

A ida dos gaúchos para o sudoeste de Goiás, a partir da metade da década de 70, (...) foi uma consequência natural do avanço das levadas de migrantes sulistas que subiam pelo Mato Grosso do Sul, onde também foram em busca de terras ainda baratas.

---

<sup>23</sup> SIMON, Pedro. *A Diáspora do Povo Gaúcho*. Senado Federal, Brasília, 2009; p. 67 a 81.

As terras do sudoeste goiano, extremamente férteis, custavam, à época, cerca de 20 sacos de soja por hectare. Hoje, uma propriedade bem posicionada pode ter o hectare avaliado em até 500 sacos de soja.

As cinco cidades do sudoeste goiano que mais acolheram sul-rio-grandenses são Jataí, Rio Verde, Mineiros, Chapadão Gaúcho e Montividiu. Estima-se que Rio verde e Jataí tenham entre 400 e 500 famílias de gaúchos. Em Mineiros seriam 200 famílias (...).

Embora grande parte dos gaúchos do sudoeste goiano esteja ligada à agricultura ou à pecuária, as famílias em geral residem nas cidades. O principal produto regional é a soja, seguida pelo milho. (...)

Vejam que coisa fantástica: primeiro, vieram os imigrantes da Itália e da Alemanha e se instalaram no Rio Grande do Sul; a segunda geração saiu do Rio Grande do Sul e foi para Santa Catarina e Paraná; e a terceira geração saiu de Santa Catarina e Paraná para o Oeste do Brasil.(...)

Existe [em Minas Gerais] uma cidade chamada Chapada Gaúcha. Nela fica a entrada para o Parque Grande Sertão Veredas, que tem como um dos objetivos preservar aquelas terras e rios que serviram de cenário para o formidável romance de João Guimarães Rosa.

Com população estimada, em 2019, de quatorze, Chapada Gaúcha teve origem num programa de assentamento criado em 1976 pela Fundação Rural Mineira (Ruralminas), que cuidava de colonização e titulação de terras. (...)

A produção inicial foi restrita à soja. Hoje, além de grãos, Chapada Gaúcha é uma importante produtora de sementes de capim, vendidas para todo o país. O clima é agradável porque a cidade fica 900 metros acima do nível do mar. (...)

Segundo Narciso Elói Barão, um dos agricultores sulistas da Chapada Gaúcha e ex-patrão do CTG Chama Crioula, as cidades mineiras que mais contam com agricultores gaúchos são: Unaí, Bonfinópolis de Minas, Formoso, Buritis e Paracatu. Com ele concorda Pedro Jarí Taborda, agricultor natural de Santo Ângelo, que veio de Itaquí para Buritis em 1984.

Integrante do Centro de Tradições Gaúchas Nova Querência, de Buritis, e ex-prefeito da cidade, Taborda conhece bem os gaúchos que se instalaram naquelas cidades mineiras, nas proximidades de Brasília. Ele acredita que entre 40 e 80 famílias viviam em cada um desses Municípios até 2018. (...)

A entrada dos gaúchos em Tocantins começou pela cidade de Gurupi, em meados dos anos 70, quando as primeiras levas chegaram, para explorar a agricultura. Eram cerca de 50 as famílias pioneiras. (...)

O segundo grande fluxo de migração sulina ocorreu durante a construção de Palmas, mas, naquela ocasião, a maioria dos que chegavam era formada por profissionais liberais. Os médicos, dentistas, advogados gaúchos são numerosos na capital tocantinense. Também é elevado o número de professores, em todos os graus, e de funcionários públicos.(...)

Quando se fala em gaúchos da Bahia, temos de, obrigatoriamente, pensar em duas cidades. Uma delas é Barreiras, município antigo, emancipado em 1891, que recebeu os primeiros migrantes sul-riograndenses. A segunda cidade tem hoje o nome de Luís Eduardo Magalhães, em homenagem ao falecido líder político daquele estado. Conhecida como LEM, emancipada de Barreiras em 2000, apresenta hoje umas das mais elevadas taxas de crescimento do Brasil, tanto no que se refere à produção agrícola quanto no quesito população.

Estima-se que a chegada dos gaúchos ao extremo oeste da Bahia se deu a partir do final dos anos 70. Instalaram-se inicialmente em Barreiras e mais tarde transferiram-se para LEM, cujas terras eram mais férteis. Pouco depois, o avanço dos

sul-rio-grandenses atingiu todo o oeste da Bahia, transbordando para o sul do Piauí e do Maranhão.

O motivo da viagem para a Bahia era o mesmo de sempre. Como no Rio Grande do Sul possuíam pequenas propriedades, esses agricultores não tinham perspectivas de crescimento. Partiram, então, em busca de terras mais baratas, onde poderiam conseguir propriedades maiores e mais rentáveis.

### 3. A Construção de Brasília<sup>24</sup>

É antiga a ideia de transferência da capital para o interior do Brasil. A constituição de 1981 previa sua construção no Planalto Central. Por isso, em 1892, à frente da recém formada Comissão Exploradora do Planalto Central, o cientista Luís Cruls demarcou um quadrilátero de 14.400 quilômetros para ser nele erguida a nova cidade.

A ideia de transferir a capital para os longínquos descampados do cerrado seria mantida nas constituições de 1934 e 1946. Mas só começou de fato a sair do papel no dia 4 de abril de 1955, num comício em Jataí-GO, quando o então candidato à Presidência Juscelino Kubitschek decidiu fazer a mais óbvia das promessas de campanha: jurou que iria “cumprir a Constituição”. Então, como o próprio JK conta no livro *Por que construí Brasília*, algo de surpreendente aconteceu – e mudou os destinos do Brasil.

De acordo com JK, ao final do comício em Jataí, “uma voz forte se impôs” e o interpelou questionando se ele iria pôr em prática a construção da nova capital no Planalto Central. JK assumiu o compromisso, embora já estivesse com seu plano de metas pronto. Brasília passou então a ser a “meta-síntese” de seu governo.

As obras se iniciaram em fevereiro de 1957, com apenas 3 mil trabalhadores – batizados de “candangos”. Nove meses depois, cerca de 12 mil pessoas viviam e trabalhavam em Brasília.

Em 41 meses estava construída uma das cidades mais modernas do mundo, inaugurada sob apontamentos de corrupção e desvios de verbas pela “pressa” de se construir. Esse ritmo acelerado foi amplamente criticado por políticos e empresários.

De qualquer forma, em fins 1987, Brasília foi tombada pela Unesco como patrimônio cultural da humanidade.

### 4. Os demais estados do MTG do Planalto Central

- Bahia – O oeste do estado da Bahia pertence ao MTG-PC. O estado pertence à região Nordeste do Brasil e sua capital é Salvador.
- Minas Gerais – Pertence à região Sudeste do Brasil e sua capital é Belo Horizonte.
- Goiás – Pertence à região Centro-Oeste do Brasil e sua capital é Goiânia.
- Tocantins – Pertence à região Norte do Brasil e sua capital é Palmas.

<sup>24</sup> BUENO, Eduardo. *Brasil: uma história*, LEYA, São Paulo, 2010. p.367 e 38

# A HISTÓRIA DO MTG-PC<sup>25</sup>

## 1. O Início do Tradicionalismo no Planalto Central

A integração do Movimento Tradicionalista Gaúcho no Planalto teve como marco inicial a reunião realizada na sede do CTG Nova Querência em Buritis-MG, no dia 30 de novembro de 1991 (data considerada a data de fundação do MTG-PC) quando, atendendo ao chasque abaixo transcrito compareceram integrantes das Patronagens de CTGs da região.

### *CHASQUE AMIGO*

*Ser tradicionalista no Rio Grande do Sul já é uma tarefa árdua, levar a tradição do Gaúcho para outras querências é ainda mais. Mas sentimos que esta missão é minha, tua, nossa. E revestidos pelo espírito de coragem e gosto pelas coisas puras que aprendemos, sentimo-nos na obrigação de continuar este trabalho. Todos nós somos sabedores do número expressivo de Rio Grandenses que habitam este chão do Planalto Central, sendo todos nós filhos da mesma querência não devemos deixar extinguir o espírito gaúcho, nós que herdamos as mesmas lições, indagamo-nos porque não encurtamos o tempo e o espaço de uma união mais fraterna e mais amiga para vivermos o verdadeiro sentimento de co-irmãos.*

*Preocupados com os problemas que enfrentamos de ordem local e regional, a distância que nos separa dos demais CTGs e do Rio Grande, acreditando que nossos problemas são semelhantes, propomos uma conversa amiga com troca de idéias e experiência entre as patronagens e os grupos de danças, num intercâmbio cultural visando uma maior integração e evolução do Movimento Tradicionalista Gaúcho desta Região.*

*Posteiro das Falas*

*(assina: Getúlio Jary Taborda)*

*Posteiro da Invernada Artística*

*(assina: Mauro Roberto Contri)*

O passo inicial foi a criação da Coordenadoria de Integração do Planalto Central, que aconteceu no **1º. ENCONTRO DE PATRÕES E INVERNADAS ARTÍSTICAS**, em 30 de novembro de 1991, no CTG Nova Querência, Buritis/MG, mas tivemos uma história que antecedeu este Primeiro Encontro. Assim, nos conta Mauro Roberto Contri, que vivenciou estes fatos. No ano de 1990, já aconteciam alguns eventos de intercâmbio entre os CTGs e, no caso do CTG Nova Querência de Buritis, este intercâmbio se deu com o CTG Querência Formosa da cidade de Formosa /GO, através de seus Posteiros artísticos, Mauro Roberto Contri de Buritis; Ione Magalhães Antonini e Genedir Vicente Benetti Ribas de Formosa. O grupo de danças do CTG Nova Querência foi convidado e se apresentou, naquele ano em Formosa.

No ano de 1991, a invernada artística através de seu posteiro, colocou para a patronagem do CTG Nova Querência, a necessidade de realizar um evento de intercâmbio com a invernada artística do CTG Querência Formosa, para que os mesmos retribuíssem a visita do ano anterior. Inicialmente o patrão, Sr. Gentil Taborda foi favorável, mas o assunto ao ser levado à diretoria foi reprovado e decidiram não realizar o evento. Para resolver o impasse entre a invernada artística e a patronagem, houve o intermédio daquele que se revelaria um grande negociador e articulador do tradicionalismo no Planalto Central, o posteiro das falas, Sr. Getúlio Jary Taborda, fazendo com que a diretoria do CTG Nova Querência voltasse atrás em sua decisão. E em conjunto programaram a realização de um dia de intercâmbio entre os grupos de dança, reunião de patrões e fandango à noite.

O CTG de Buritis, na pessoa do seu posteiro artístico, é convidado para julgar um concurso de danças de salão na pré-inauguração da sede do CTG Querência Formosa. Nesta oportunidade então, o posteiro artístico convida aquela entidade a participar do dia de

---

<sup>25</sup> Um pouco da história do Tradicionalismo Gaúcho no Planalto Central – Elaboração de Loiva Lopes Calderan, páginas 7-14 disponível em [www.ftgpc.com.br](http://www.ftgpc.com.br) – (adaptado)

intercâmbio, reunião de patrões e fandango, já proclamados em Buritis. Na ocasião, o Sr. Renato Fioravante, Patrão de Honra do CTN (Centro de Tradições Nativistas) Jayme Caetano Braun, se dispôs a participar do referido evento se o CTG de Buritis assim o permitisse. O que foi aceito com muito agrado.

Retornando à Buritis e sentindo a necessidade de integrar as entidades tradicionalistas existentes no planalto central, os senhores Mauro Roberto Contri e Getúlio Jary Taborda, tiveram a iniciativa de estender o convite para as demais entidades tradicionalistas que sabiam existir no Distrito Federal, para o encontro de patrões e Invernadas artísticas e fandango no CTG Nova Querência de Buritis/MG, com o apoio do Patrão Sr. Gentil Taborda.

O convite foi entregue em mãos pelo Sr. Mauro Roberto Contri ao Sr. Jorge Antonini, Capataz do CTG Querência Formosa, Formosa/GO; ao Sr. Ademar Cenci do CTG Sinuelo da Saudade, PAD-DF; ao Sr. Antônio Amaro da Silveira, Patrão do CTG Estância Gaúcha do Planalto, Brasília /DF e ao Sr. Wolmar Pires de Freitas, Patrão do CTN Jayme Caetano Braun, Brasília/DF.

Compareceram ao encontro o CTG Querência Formosa com seu grupo de danças adulto, a Estância Gaúcha do Planalto com seu grupo de dança mirim e os CTGs convidados fizeram apresentação durante o fandango com o conjunto Barbicacho, de Formosa/GO, onde também ocorreu a primeira dança de integração entre as invernadas artísticas, dança esta que marcaria presença em todos os encontros de invernadas realizados posteriormente.

A seguir apresentamos uma transcrição da Ata n.º01 elaborada neste encontro que foi o marco inicial da integração do Movimento Tradicionalista Gaúcho no Planalto:

**Ata no. 01** *“Aos trinta dias do mês de novembro do ano de um mil novecentos e noventa e um na sede do Centro de Tradições Gaúchas Nova Querência, Buritis, Minas Gerais, reuniram-se as patronagens de CTGs da região, para tratarem da Fundação da Coordenadoria da Integração Gaúcha do Planalto Central. Estavam presentes nesta oportunidade, representantes da casa e das seguintes Entidades: Centro de Tradições Nativista Jayme Caetano Braun, Estância Gaúcha do Planalto, ambas com sede em Brasília e CTG Querência Formosa, com sede em Formosa/GO. O ponto central da reunião será a análise de propostas dificuldades e caminhos do tradicionalismo no Planalto Central. O debate começou a nível de um grande congraçamento, sendo ressaltado pelo Patrão da Estância Gaúcha do Planalto, Sr. Amaro, posicionando-se no sentido de ampliar a convivência fraterna das entidades coirmãs. O Patrão de Honra do CTN Jayme Caetano Braun, Sr. Renato Fioravante, sugeriu, o que foi aceito por todos, um voto de louvor a Estância Gaúcha do Planalto por ter sido escolhida para representar nosso folclore na Holanda. Dando continuidade, posicionou-se pela formação do Movimento Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central, como um modo de organizar e coordenar de forma conjunta, os caminhos do tradicionalismo na região, de forma a adquirir funcionalidade no mais curto espaço de tempo possível. O Capataz do CTG Querência Formosa, Sr. Jorge Antonini posicionou-se analisando o fato de que o MTG do Planalto Central deveria harmonizar-se de modo a entrelaçar os laços peculiares que temos por vivermos em regiões longínquas de nosso pago. [grifo nosso] Fazendo uso da palavra, a Diretora Cultural da Estância Gaúcha do Planalto, Sra. Maria Cleusa Guerra, salientou a importância da riqueza do momento que foi proporcionado quando abriu-se a discussão a nível de patronagem sobre os assuntos que norteiam as estratégias de caminhada para os rumos do trabalho conjunto. Depois das análises iniciais, proferidas pelos participantes da reunião, passou-se a debater assuntos específicos. Como primeira proposta, do Sr. Jorge Antonini propôs uma comissão no sentido de aglutinar representantes dos CTGs, para nortear ações conjuntas, a fim de objetivar as promoções, proporcionar um processo de aprendizagem de convivência e de respeito de uns pelos outros. O debate continuo, dando oportunidade para que as idéias aflorassem sobre o modo como as atividades pertinentes de cada Entidade possam ser encaminhadas para evitar confrontos e descaminhos, como objetivo da coordenação.Com vista a imposições da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG), de que para criação de uma entidade com fins de agregar e coordenar os CTGs e outras entidades afins, de uma determinada região, deveria ter no mínimo o número de vinte e cinco (25) filiados. Entretanto, esta entidade poderia ser criada com número menor, porém com o nome de Coordenadoria. [grifo nosso] Apesar de fazerem presentes apenas quatro entidades foram feitos contatos com outras Entidades, que por motivos diversos não puderam se fazer presentes nesta data, porém estavam de pleno acordo com a criação de uma entidade superior, com os propósitos que já foram expostos. Diante do exposto, foi decidido pela*

*fundação da “Coordenadoria da Integração Gaúcha do Planalto Central”. Prosseguindo, foi salientando a idéia de criarmos promoções regionais com as Entidades, comprometendo-se de trabalhar em conjunto. Como primeiras propostas de trabalho em conjunto, foi decidido pela realização do 1º. Encontro Regional de Invernadas Artísticas, Rodeio Crioulo, Concursos Artísticos e Culturais. Como critério para a formação da Comissão, ficou determinado que cada CTG teria dois representantes, com direito a participação nas reuniões e voto. A seguir foi nomeada a Comissão Provisória, que iria dar início aos trabalhos da Coordenadoria, tais como elaboração do Estatuto, Regulamentos, criação da Bandeira, Brasão, Logotipo, etc. que ficou assim constituída: Srs. Renato Fioravante e Juventino Vaz Miranda, representantes do CTN Jayme Caetano Braun; Srs. Antonio Amaro da Silveira Neto e Vaner Flores, representantes da EGP; Srs. Jorge Antonini e Genedir Vicente Ribas, representantes do CTG Querência Formosa; e Srs. Getúlio Taborda e Gentil Taborda, como representantes do CTG Nova Querência. A seguir, foi indicado pela maioria dos presentes, o Sr. Getúlio Taborda, para Presidente da Comissão. A seguir foi escolhido e indicado para sediar a próxima reunião e eleição definitiva da comissão, a Estância Gaúcha do Planalto, a ser realizada no dia sete de março de mil novecentos e noventa e dois às dez horas da manhã. Foi, ainda, indicado o Sr. Getúlio Taborda, como o responsável de veicular as determinações ora tomadas neste encontro de Patronagens. E, eu, Ione Magalhães Antonini, lavrei a presente ata, que após lida e aprovada segue assinada por mim e demais presentes a este Encontro de Patronagens. Getúlio Jary Taborda – Presidente da Comissão e Ione Magalhães Antonini – Secretária da Comissão. Ione Antonini - CTG Querência Formosa Ione Antonini - CTG Querência Formosa Maria Cleusa Guerra - Estância Gaúcha do Planalto Maria das Graças Amaro da Silveira - Estância Gaúcha do Planalto Antonio Amaro da Silveira - Estância Gaúcha do Planalto Denise Beatriz Scherer - CTG Nova Querência Mauro Roberto Contri - CTG Nova Querência Vaner Flores - Estância Gaúcha do Planalto Luis Osório de Freitas - CTG Nova Querência Paulo Jary Taborda - CTG Nova Querência Renato Fioravante - CTN Jayme Caetano Braun Getúlio Jary Taborda - CTG Nova Querência Dinorá Maria Taborda - CTG Nova Querência Gentil J. Taborda - CTG Nova Querência Genedir Ribas - CTG Querência Formosa Jorge César dos Anjos Antonini - CTG Querência Formosa”*

O ponto central desta reunião, conforme consta da ata foi a análise de propostas, dificuldades e caminhos do tradicionalismo no centro do país. Após debates, surgiu a proposta de criação de uma Comissão que aglutinasse representantes dos CTGs, com a finalidade de nortear ações conjuntas, a qual foi aprovada por unanimidade. As decisões tomadas na reunião foram consideradas como propostas de intenção.

Para dar encaminhamento ao acordado foi designada uma **Comissão Provisória** composta por dois representantes de cada CTG, sendo um membro efetivo e um suplente. Os indicados, nesta oportunidade foram: Renato Fioravante, representante do CTN Jayme Caetano Braun; Antonio Amaro da Silveira Neto e Vaner Flores, representantes da Estância

Gaúcha do Planalto; Jorge César dos Anjos Antonini e Genedir Vicente Benetti Ribas, representantes do CTG Querência Formosa; Getúlio Taborda e Gentil Taborda, representantes do CTG anfitrião Nova Querência de Buritis.

## **2. A Criação da Coordenadoria da Integração Gaúcha do Planalto**

No dia 07/03/1992, , na sede da Estância Gaúcha do Planalto, conforme Resolução do 1º Encontro de Patrões e Invernadas artísticas, deu-se início a reunião da Comissão Provisória, que teve como principais decisões: - Criação da Coordenadoria da Integração Gaúcha do Planalto, e que sua sede seria onde residisse o coordenador, com abrangência por toda a área do Planalto e, com instrução para ser atingido o maior número possível de CTGs e Grupos Nativistas.

Ficou determinado como competências da coordenadoria:

- 1- Interação sócio-cultural das entidades co-irmãs;
- 2- Promover os encontros de invernadas artísticas e Patronagens;
- 3- Incentivo para o surgimento de novas entidades;
- 4- Prever de forma conjunta as programações culturais regionais;
- 5- Divulgar os trabalhos conjuntos;

- 6- Elaborar normas para os eventos regionais;
- 7- Divulgar e propor ajustamento no calendário de eventos locais das entidades;
- 8- Recorrer às entidades para o suprimento financeiro da Coordenadoria;
- 9- Realizar o Sarau de Prenda Jovem, no final de maio, a cargo do CTG Querência Formosa.
- 10- Realizar o 2º Encontro de Invernadas e Patronagens no dia 01/08/92, a cargo da Estância Gaúcha do Planalto.

Realizou-se a **eleição da diretoria da** Coordenadoria, que ficou assim constituída:

Coordenador: Getúlio Jary Taborda.

Vice – coordenador: Renato Fioravante.

Secretário: Francisco Pinto Fernandes.

Tesoureiro: Arlindo de Oliveira Xavier Neto.

Secretário Adjunto: Genedir Vicente Benetti Ribas.

Tesoureiro Adjunto: Joarez Caovilla.

Conselho deliberativo - composto por todos os patrões das entidades participantes

O mandato desta coordenação seria de um ano. Estiveram presentes além dos eleitos acima, as seguintes pessoas: Antônio Amaro da Silveira; Vaner Flores dos Santos; Francisco Severo Minho; Idemar da Silva Silveira; Tarcísio Bonato; Andréa Kluge Pereira; Jorge Antonini; Ione Antonini; Maria Cleusa Guerra; Denise Beatriz S. Contri; e Mauro Roberto Contri. Fizeram-se presentes as seguintes entidades: CTG Querência Formosa, Formosa/GO Estância Gaúcha do Planalto, Brasília/DF, CTN Jayme Caetano Braun, Brasília/DF CTG Nova Querência, Burity/MG: GAN ( Grupo de Arte Nativa) Os Teatinos, de Brasília/DF; CTG Saudade dos Pampas, Goiânia/GO .

Em julho de 1993, aconteceu o 1º. Rodeio Crioulo do Planalto Central, no Centro de Tradições Gaúchas Sinuelo da Saudade. Uma promoção da Coordenadoria de Integração Gaúcha do Planalto Central. Para esta ocasião escreve o Secretário –Geral, Senhor Francisco Pinto Fernandes.

*“Coordenadoria da Integração Gaúcha do Planalto  
Finalidades*

*A Coordenadoria da Integração Gaúcha do Planalto é um organismo social, de natureza regional, com ideologia e doutrina calcadas no Movimento Tradicionalista Gaúcho e com características próprias, atendendo particularidades locais, desde que na essência não fujam dos princípios originais.*

*É um movimento que tem como fim, congregar os CTGs da região que abrange, com a finalidade da formação de uma célula que discipline e coordene o movimento tradicionalista, objetivando a criação de condições que propiciem um trabalho comum na direção da meta fim, que é a conservação e propagação das nossas origens.[grifo nosso]*

*Nós, que vivemos longe do Pago, sabemos o quanto dói a saudade. Mas, no rinhadeiro da vida, nos fizemos homem. Peleando construímos nossos caminhos. Do puaço da dor, fizemos bálsamo e criamos forças. Forças que giram em torno de nós como tafona, esmagando a dor. A dor é agora alimento de nossa alma. O gaudério dos primeiros tempos apossa-se de nosso ser, mostra-nos que construir é a nossa saga, que a liberdade é o nosso lema.*

*Mas, acima, muito acima de tudo, este gaudério canta o Hino de amor, paixão e passionalidade pelo chão em que nasceu. Envolto nesse amor, cada gaúcho é o Rio Grande, transpassando fronteiras, criando novos pagos.*

*O sangue gaúcho, que ocorre em nossas veias, catalisa nossas potencialidades e como rios, vai desaguá-las no estuário da percepção do que fomos, do que somos e do que seremos. A consciência disto saber, faz com que o Rio Grande que cada um nós traz dentro do peito, una-se ao Rio Grande do outro irmão, fazendo então que em terras distantes, o pavilhão comum, nos agasalhe, aquecendo o nosso destino. Destino de um povo que nasceu para ser eterno.*

*Hoje, aqui, enrodilhados, buscando acolherar nossa trilhas, peçamos ao Patrão Maior que nos ilumine. Nossa responsabilidade é muito grande.*

*Fazer, viver, cultivar tradição, costumes e história, em terras outras, é tarefa árdua, difícil. O inimigo principal é o aculturamento. Fácil de ser absorvido quando fazermos concessões. Quem tem raízes como termos, não precisa ceder para se impor. Se nos conduzirmos naturalmente como somos, seremos respeitados e admirados."*

Em novembro de 1993, a Coordenadoria da Integração Gaúcha do Planalto participa do 4º Congresso Tradicionalista da CBTG, em Foz do Iguaçu/PR, onde é solicitada a sua filiação à CBTG, tendo sido esta aprovada em caráter provisório. A partir daí, a Coordenadoria poderia participar de todos os eventos da CBTG, mas sem o direito a voto.

### **3. A FTG-PC (Federação Tradicionalista Gaúcha do Planalto Central)**

Em 26 de novembro de 1994, por ocasião do Encontro Extraordinário de Patrões, realizado na Estância Gaúcha do Planalto, em Brasília, a coordenadoria passou a ser Federação Tradicionalista Gaúcha do Planalto Central - FTG-PC, e foi aprovado o seu Estatuto.

Em 10 de novembro de 1995, agora como Federação Tradicionalista Gaúcha do Planalto Central - FTG-PC, no CTG Querência do Sul, em Dourados/MS, durante o 5º Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha, a FTG-PC recebe a sua filiação definitiva.

Em 28 de março de 2015, a FTG-PC teve sua sede própria inaugurada no Parque de Exposições da Granja do Torto, na cidade de Brasília-DF

### **4. O MTG-PC (Movimento Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central)**

No dia 28 de março de 2015, mesma data da inauguração de sua sede própria, por aprovação do 13º Congresso Tradicionalista Gaúcho Ordinário da FTG-PC, a Federação passou a chamar-se **Movimento Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central**.

Cumprе esclarecer que, mesmo com a alteração do nome, o MTG-PC não deixa de ser uma federação, já que todas as unidades que compõem a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG) são federações. Ou seja, somos uma federação, mas o nome da desta Federação é Movimento Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central.

O MTG-PC é uma entidade filiada a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha – CBTG, da qual emana toda a orientação normativa e reguladora da tradição gaúcha. A Carta de Princípios, nossa Carta Magna e o Código de Ética Tradicionalista, são orientações a serem seguidas com o rigor da lei, não se descuidando de seus Estatutos e Regulamentos.

Grande parte dos CTGs filiados ao MTG-PC estão localizados em áreas voltadas para a agropecuária. É indiscutível a contribuição que o gaúcho dá ao desenvolvimento da região onde se estabelece. Além da disposição para o trabalho, traz consigo o amor a sua terra natal, a saudade e a vontade de cultivar suas raízes. Mas, não só em áreas agropecuárias ele marcou sua presença, em Brasília ele fez parte também da construção da capital federal e ali também, a tradição gaúcha se fez presente.

O Movimento Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central é uma associação civil, cultural e filantrópica, sem fins lucrativos, com jurisdição na área do Planalto Central Brasileiro, fundada em 30 de novembro de 1991, com duração indeterminada, tem como filiados os Centros de Tradições Gaúchas e outras entidades tradicionalistas, que se ajustem as especificações de seu Estatuto.

O MTG-PC tem por objetivo congregar os CTG's e outras entidades congêneres da região que abrange, compondo um núcleo único, para disciplinar e coordenar o Movimento Tradicionalista Gaúcho no Planalto Central, propiciando condições para um trabalho comum, na preservação e difusão da cultura gaúcha.

O Estatuto da Entidade foi aprovado no VI Encontro de Patrões, em 09 de dezembro de 1995, realizado no CTG Porteira da Saudade, na Cidade de Mineiros, no Estado de Goiás, e alterado em congressos subsequentes.

O MTG-PC é dirigido por órgãos: I - Normativos – Congresso Tradicionalista Gaúcho; Convenção Tradicionalista Gaúcha e Conselho Deliberativo; II – Eletivos – Assembleia Geral

Eletiva; III – Administrativos – Diretoria Executiva; Regiões Tradicionalistas (extintas em 2017) e IV – Assessoramento – Comissão de Ética.

A área de abrangência da Federação inclui o Distrito Federal, e os Estados Goiás, Minas Gerais, Tocantins e o Oeste da Bahia.

# FOLCLORE, TRADIÇÃO E TRADICIONALISMO

## 1. Conceitos importantes<sup>26</sup>

**TRADIÇÃO:** É a transmissão de fatos culturais de um povo, quer de natureza espiritual ou material, ou ainda é a transmissão dos costumes feita de pais para filhos no decorrer dos tempos, ao sucederem-se as gerações. É a memória cultural de um povo. É um conjunto de ideias, usos, memórias, recordações e símbolos conservados pelos tempos, pelas gerações, sendo assim a eterna vigilância cultural.

Faz-se necessário ressaltar, que a tradição não é uma peculiaridade exclusiva dos gaúchos, uma vez que todos os povos têm sua tradição. Mas nós, os gaúchos, temos a nossa tradição, a nossa escala de valores, que nos é peculiar.

**TRADICIONALISMO GAÚCHO:** É o movimento, a tradição em marcha. O tradicionalismo é um estado de consciência, que busca preservar as boas coisas do passado, sem conflitar com o progresso, através do cultuar, vivenciar e preservar o patrimônio sócio-cultural do povo gaúcho. É a sociedade que defende, preserva, cultua e divulga a tradição gaúcha, que congrega defensores dos costumes, dos hábitos, da cultura e dos valores do gaúcho.

**FOLCLORE:** Folclore é a ciência que estuda a cultura espontânea do grupo social, que estuda todas as manifestações espontâneas do povo que tem escrita (povo gráfico), tanto do ponto de vista material, quanto espiritual. Como o próprio nome sintetiza, é a ciência do povo, são as tradições, os costumes, as crenças populares, o conjunto de canções, as manifestações artísticas, enfim, tudo o que nasceu do povo e foi transmitido através das gerações.

**NATIVISMO:** Nativismo não é um culto como a tradição, mas é sim um dos valores desse culto. Pode ser definido como o sentimento de amor pelo chão onde se nasce, de onde se é nato.

Por sermos gaúchos, acreditamos que não exista povo mais nativista que o gaúcho, mas somos sabedores de que esse sentimento de amor pela nossa terra natal, a exemplo da tradição, também não é patrimônio exclusivo e peculiar de nós, os gaúchos.

## 2. A Tradição Gaúcha<sup>27</sup>

Foi a menos de 200 anos que a palavra gaúcho (gaúcho das duas bandas de Prata) apareceu citada em anotações ou documentos e de forma pejorativa. Por isso, até meados do século passado, ainda nos chamavam de “continentinos” ou “rio-grandenses”, porque “gaúcho” significava vagabundo, gaudério, arreador, ladrão de campo. Somente aos poucos, nos últimos 100 anos, quando a Província começou a sedimentar raízes, inclusive étnicas, de sua constituição atual, e que a palavra gaúcho se retemperou com o sentido de calor elogioso e passou a ser cantada com orgulho, às vezes até meio arrogante, na poesia popular: “Quem é gaúcho de lei/De bom guasca de verdade/Ama acima de tudo o bom sol da liberdade”.

Na formação da gente gaúcha, aos Tapes e charruas se juntaram desbravadores paulistas, depois casais de açorianos e grupos imigrantes de várias origens, dando início a um processo de caldeamento que até hoje continua formando essa etnia, forjada na bravura da gente que “desenhou o atual Rio Grande do Sul a ponta de lança e de adaga, no bater dos cascos de seus cavalos”.

O gaúcho que é nativo do pampa (uruguaio, argentino e brasileiro, rio-grandense), tem sua cultura própria, por sua formação etimológica (indígena e espanhola em seus primórdios, portuguesa e, bem mais tarde, alemã e italiana).

A influência estrangeira legada aos nativos, o meio ambiente, a atividade puramente pastoril e as lutas pela posse da terra e fixação dos limites de fronteiras, criaram um meio de vida próprio da região, com costumes, lendas, danças, canções e ritmos musicais, locais. Através

<sup>26</sup> [www.mtg.org.br](http://www.mtg.org.br) - [http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/folc\\_conceit.php](http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/folc_conceit.php)

<sup>27</sup> FAGUNDES, Taylor – Polígrafo utilizado no Concurso de Prendas e Peões da CBTG em 2010 e 2011. Santa Maria, 1984, p.16.

dos tempos, foi-se desenvolvendo um forte espírito tradicionalista, por meio de um folclore rico em crenças populares, ritmos musicais e costumes estritamente regionalistas.

Esse conjunto de tradições é cultivado e tem sua preservação e transmissão às idades futuras através de contos de Tradições Gaúchas.

### 3. A História do Movimento<sup>28</sup>

Tradicionalismo é a arte de colocar em movimento as peças de uma tradição. É, basicamente, um MOVIMENTO.

O Tradicionalismo Gaúcho é um estado de consciência, que busca preservar as boas coisas do passado, sem conflitância com o progresso, por cultos e vivências.

A primeira iniciativa de organizar o culto à Tradição Gaúcha foi a fundação, em 1858, no Rio de Janeiro, da Sociedade Sul-Rio Grandense. O movimento foi liderado por Antônio Álvares Pereira Coruja e agrupava homens intelectuais preocupados com o folclore gaúcho. A entidade fundada está ativa até hoje. (...)

A primeira preocupação organizacional do “movimento” foi a criação, em 1868, por um grupo de jovens estudantes, da sociedade “Parternon Literário”. (...)

O “Parternon Literário” organizou bibliotecas, ministrou aulas gratuitas, levantou as lendas gaúchas, incentivou as comemorações de datas e combateu certos preconceitos à mulher.

Em 1887, Júlio de Castilhos defendeu a comemoração do dia 20 de setembro, como Dia do Gaúcho, escrevendo no jornal “A Federação”, pertencente ao Partido Republicano Rio-Grandense.

Até então as manifestações tradicionalistas habitavam tão somente os meios literários, mas eram latentes no seio da população. (...)

O primeiro movimento organizado, voltado à defesa das Tradições Gaúchas em sua arte, lutas, usos e costumes, foi a fundação do Grêmio Gaúcho de Porto Alegre, em 22 de maio de 1898. Foi mentor e fundador João Cezimbra Jacques, um filho de Santa Maria, voluntário da Guerra do Paraguai, soldado, alferes em 1875 e major aposentado. Cezimbra Jacques publicou, em 1883, Ensaio sobre Costumes do Rio Grande do Sul. (...)

João Cezimbra Jacques buscava incessantemente a valorização do gauchismo, ainda sem a preocupação do ensino escolar. Foi quanto surgiu um grande aliado – João Simões Lopes Neto. Fundou, em 10 de setembro de 1889, em Pelotas, a União Gaúcha. Com pronunciamentos fervorosos, Simões Lopes Neto indagava pelo amor às coisas do pago, conservação dos hábitos familiares, não abandono dos usos e costumes, pelas práticas e usanças gauchescas, esquecidas pelos cantos dos galpões. (...)

João Cezimbra Jacques buscou toda sua energia, na ânsia de organizar e preservar uma tradição que nascia. Foi combatido pela elite urbana, de escassa ligação ao campeiro.

A Tradição Gaúcha, num estágio inicial, era frágil para a resistência. Os próprios sul-riograndenses defendiam a abertura de nossas fronteiras culturais para outras influências. Não havia interesse na valorização das coisas “crioulas”. Uma cultura própria sempre era associada a origem da palavra gaúcho. (...)

(...) Morreu em 1922, com 73 anos de idade, longe do torrão querido que não aceitava sua luta, em seu ideal tradicionalista. O Movimento Tradicionalista Gaúcho haveria, mais tarde, de lhe cognominar de “O Patrono do Tradicionalismo”.

---

<sup>28</sup> LAMBERTY, Salvador Ferrando. *ABC do Tradicionalismo Gaúcho*, 7ª Edição, Martins Livreiro Editor. p. 22 a 26.

<b><u>Instituição</u></b>	<b><u>Ano</u></b>	<b><u>Expoentes</u></b>	<b><u>Cidade</u></b>	<b><u>Principais Atividades</u></b>	<b><u>Importância</u></b>
Sociedade Sul-Rio-Grandense	1858 (ativa até hoje)	Antônio Álvares Pereira Coruja	Rio de Janeiro	Agrupava Intelectuais interessados no folclore gaúcho.	Reunião dos Gaúchos exilados no Rio de Janeiro
Partenon Literário	1868	“Jovens estudantes” ( <i>Apolinário Porto Alegre</i> )		Organizou bibliotecas, ministrou aulas gratuitas, levantou as lendas gaúchas, incentivou a comemoração de datas e combateu certos preconceitos a mulher.	Primeira Preocupação Organizacional do “movimento”
Grêmio Gaúcho de Porto Alegre	1898	João Cezimbra Jacques (Patrono do Tradicionalismo)	Porto Alegre	Buscou preservar e organizar uma tradição que nascia, mas foi combatido pela elite urbana, de escassa ligação ao campeiro	Primeiro Movimento organizado, voltado à defesa da Tradições Gaúchas em sua arte, lutas, usos e costumes. Foi o primeiro passo para o que mais tarde de chamou de “tradicionalismo gaúcho”.
União Gaúcha	1889	João Simões Lopes Neto	Pelotas	Com pronunciamentos fervorosos, Simões Lopes Neto indagava pelo amor às coisas do pago, conservação dos hábitos familiares, não abandono dos usos e costumes, pelas práticas e usanças gauchescas, esquecidas pelos cantos dos galpões.	Referência ao “gauchismo”.

Entre 1898 e 1847 registram-se algumas iniciativas isoladas de “organização das tradições” como a União Gaúcha, fundada por João Simões Lopes Neto em Pelotas, a Sociedade Gaúcha Lombragrandense em Novo Hamburgo e o Clube Farroupilha de Ijuí, para citar as que ainda permanecem vivas e integradas ao atual “sistema tradicionalista”<sup>29</sup>.

<sup>29</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos – Rio Grande do Sul – História e Identidade, – Publicação MTG-RS, 2008. P. 179.

## 4. O Tradicionalismo Gaúcho Organizado<sup>30</sup>

### 4.1. Do “Julinho” um novo grito

Em agosto de 1947, sob a liderança de João Carlos D’ávila Paixão Côrtes, foi criado o Departamento de Tradições Gaúchas, junto ao Grêmio Estudantil do Colégio Estadual Júlio de Castilhos, em Porto Alegre. O objetivo principal daquele pequeno grupo de jovens (com faixa etária em torno de 19 anos), não era literário, mas associativo. Desejavam encontrar “uma trilha diante da perda da fisionomia regional” ou procuravam “a identidade da terra gaúcha”, como consta no livro comemorativo dos 40 anos do MTG.

Uma das primeiras atividades do Departamento foi a organização da primeira Ronda Gaúcha. A programação previa o acendimento de um “candeeiro crioulo”, um “baile gauchesco”, concursos de trajes e uma série de outros eventos. O local da Ronda foi decorado com apetrechos campeiros e construído um fogo de chão onde aqueciam a água para o chimarrão e assaram churrasco.

Paixão Côrtes teve a ideia de retirar da “Pira da Pátria” a centelha que iria acender o “Candeeiro Crioulo”, para isso foi procurar o Presidente da Liga de Defesa Nacional, Major Darcy Vignoli, responsável pela Semana da Pátria, buscando obter autorização para a retirada da centelha no dia 7 de setembro.

O Presidente da Liga aproveitou a ocasião para convidar o Departamento a formar uma “escolta de a cavalo” para receber, em Porto Alegre os restos mortais de Davi Canabarro vindos de Sant’Ana do Livramento. Paixão aceitou prontamente o desafio, imaginando que seria fácil reunir voluntários, posto que no Julinho predominavam alunos com origem do interior do Estado. Ficou marcado o dia 5 de setembro para tal ato.

Contrariando as expectativas iniciais de Paixão Côrtes, somente três colegas se dispuseram a acompanhá-lo na guarda que se chamou, mais tarde, “Piquete da Tradição”.

Havia o medo de passar por constrangimento (vexame) ao pilchar-se e montar a cavalo na capital. A muito custo Paixão conseguiu mais cinco jovens, que estudavam em outros educandários para compor a citada guarda: “O grupo dos oito” como ficou conhecido, foi formado por João Carlos D’ávila Paixão Côrtes, Cyro Dutra Ferreira, Antonio João Sá de Siqueira, Orlando Jorge de Grazzia, Fernando Machado Vieira, João Machado Vieira, Cilço Campos e Cyro Dias da Costa.

“Próximo da meia-noite do dia 7 de setembro de 1947, os jovens João Carlos D’ávila Paixão Côrtes, Cyro Dutra Ferreira e Fernando Machado Vieira, devidamente montados, aguardavam junto à Pira. Naquela época, a Pira da Pátria ficava no Parque da Redenção, nas imediações da Av. João Pessoa, esquina com a Rua Luiz Afonso.”

Desta forma o MTG descreve aquele ato que resultou na retirada de uma centelha do “fogo simbólico da pátria” para se transformar em “chama crioula” que ardeu no pátio do “Julinho” entre 8 e 20 de setembro. Aquele ato se repete a cada ano, reforçando a ideia de vinculação entre a União e o Estado no imaginário da sociedade.

Ao mesmo tempo das iniciativas lideradas por Paixão Côrtes, outro jovem do mesmo “Julinho”, recolhia assinatura num caderninho com o objetivo de formar um “clube tradicionalista”. Foi a forma encontrada por Luiz Carlos Barbosa Lessa para fazer com que os “cidadinos” ouvissem seu grito em defesa das tradições gauchescas. Lia-se no citado caderninho de Lessa:

“Aqui trazemos aos gaúchos que, embora residindo na Capital e tendo hábitos citadinos, guardam ainda nas veias o sangue forte da terra rio-grandense. É sobre a fundação de um clube tradicionalista. Terá como finalidade reunir no mesmo rodeio os guapos das muitas querências do Rio Grande, mas agora residindo em Porto Alegre (...)”.

Barbosa Lessa travou contato com outro grupo de jovens – ex-escoteiros – liderados por Hélio José Moro, que tinha intenções semelhantes às suas. Surgiram, pois, no mesmo momento três iniciativas quase idênticas, mas que ao tomarem conhecimento umas das outras, resolveram reunir forças e constituíram único grupo que passou a reunir-se semanalmente,

<sup>30</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos – Rio Grande do Sul – História e Identidade, – Publicação MTG-RS, 2008. P. 181

chegando, depois de seis meses de reuniões, à elaboração dos estatutos do “35 – Centro de Tradições Gaúchas”.

#### 4.2. O “35 – Centro de Tradições Gaúchas”<sup>31</sup>

Barbosa Lessa (1985) assim se reporta à criação do primeiro Centro de Tradições Gaúchas (CTG):

“Poucas agremiações terão sido tão explícitas em seus objetivos:

O Centro terá por finalidade:

- a) zelar pelas tradições do Rio Grande do Sul, sua história, suas lendas, canções, costumes, etc., e consequente divulgação pelos Estados irmãos e países vizinhos;
- b) pugnar por uma sempre maior elevação moral e cultural do Rio Grande do Sul;
- c) fomentar a criação de núcleos regionalistas no Estado, dando-lhes todo o apoio possível;

O Centro não desenvolverá qualquer atividade político-partidária, racial ou religiosa”.

A ata de fundação foi assinada por vinte e quatro rapazes no dia 24 de abril de 1948 (são considerados fundadores do 35 – CTG, 62 pessoas). Foi escolhida a primeira diretoria e assim começou a funcionar o primeiro CTG, instalado num galpão, mesmo que simbolicamente representado pelo porão da casa da família Simch.

Com relação ao simbolismo do galpão, Barbosa Lessa (1985), expressa a seguinte assertiva:

“O simbólico galpão do CTG está sempre aberto aos forasteiros. E tanto é verdade que -trinta anos depois, quando os “magrinhos” de estilo hippie eram olhados de soslaio em toda a parte – foi nos acampamentos tradicionalistas que eles encontraram uma cuia de chimarrão e uma gaita ponto dando-lhes boas-vindas, igualzinho ao tempo dos gaudérios...”.

Uma das iniciativas mais interessantes e inteligentes dos fundadores do 35 CTG foi a nomenclatura utilizada para identificar os diversos setores do Centro. Poderíamos dizer que foi um “lance de marketing” maravilhoso. Basta que se perceba, hoje, o seu resultado no conhecimento popular.

O presidente é “patrão”. O vice-presidente é “Capataz”. O tesoureiro é “Agregado das Pilchas”. O secretário é “Sota-Capataz”. Os departamentos são chamados “Invernadas”. Os membros masculinos são os “Peões” e as mulheres são chamadas “Prendas” e o traje é “Pilcha”.

Barbosa Lessa, provavelmente o melhor ideólogo do tradicionalismo gaúcho, trata da “invenção das tradições” dizendo que os iniciadores do movimento não dispunham de informações e dados suficientes para sustentar suas práticas tradicionalistas, o que os levou a “inventar”. Lessa afirma que História, Antropologia, Folclore, são ciências e não podem ser inventadas, mas tradicionalismo não, é prática, é convivência e seus adeptos encontram formas de suprir as lacunas que encontram.

A escassez musical e a poética levou à criação de músicas e poesias “gauchescas”. A ausência de tradição na área da dança obrigou a que, além das pesquisas de campo, fossem feitas adaptações e criações coreográficas. A falta de um traje feminino tradicional obrigou os tradicionalistas iniciantes a criá-lo. (...)

Ao se referir às danças, Lessa é claro e direto ao afirmar:

“... pouco ou nada nos fora legado, para dançar. Neste pouco, mal-e-mal o chote e a vanera dos bailes de ranchario (...) O Pezinho era novidade absoluta (...) Dele havíamos tomado conhecimento, como uma espécie de brinquedo de roda, através de duas meninas na estância do nosso amigo Nei Azevedo, em Palmares do Sul”.

Prossegue o pesquisador num depoimento fundamental para a compreensão do que foi a “invenção das tradições” e como isso foi trabalhado pelo Movimento Tradicionalista Gaúcho ao longo dos anos:

“Após dois anos de pesquisa e recriação artística, demos nosso trabalho preliminar por encerrado. Talareando as melodias, ou repassando-as para gaiteiros (já não havia mais violeiros de antanho), fomos reconstruindo passos com a ajuda de nossas “prendas” e “peões” do 35”.

<sup>31</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos – Rio Grande do Sul – História e Identidade, – Publicação MTG-RS, 2008. P. 184.

O 35 CTG é tido, com acerto, como o pioneiro, pelo Movimento Tradicionalista. Em razão da forma como foi constituído e, especialmente, porque seus idealizadores se dedicaram a “fazer tradição” ao invés de somente dedicar-se à literatura, o Centro serviu, e serve até hoje, de modelo organizacional e finalístico. O 35 CTG conseguiu aquilo que os “grêmios” não conseguiram: reproduzir o modelo e o método, não somente no Estado, mas no Brasil inteiro.

#### **4.3. O Tradicionalismo se alastra<sup>32</sup>**

Entre abril de 1948 e junho de 1954 foram criados 38 Centros de Tradições no Estado. Sempre em núcleos urbanos, como é a característica clara do tradicionalismo. Nenhuma região ficou imune a essa cruzada nativista. Os CTGs surgiram nas regiões coloniais de predominância de descendentes alemães e italianos com a mesma intensidade, como surgiram nas Missões, no Planalto, no Sul e na Fronteira Oeste. A demora do surgimento dos CTGs no litoral norte é explicada pela baixa concentração urbana das cidades ali existentes, naquele período.

Na expansão do Tradicionalismo, seja pela instalação de CTGs, pelo surgimento de músicos e poetas, participaram homens e mulheres de todos os setores sociais, destacando-se aqueles que ocupavam espaços na mídia como, Paixão Côrtes, Darcy Fagundes, Luiz Menezes e Dimas Costa no rádio, Sadi Scalante, Manoelito de Ornelhas e Ivo Sanguinetti nos jornais, além dos historiadores, poetas e músicos que se envolveram no processo contribuindo enormemente para a difusão do regionalismo. (...)

O Tradicionalismo alterou a configuração cultural do Estado. Foram retomados os estudos da história regional, surgiram os primeiros livros de poesia gauchesca, os escritos de Cezimbra Jacques e Simões Lopes Neto foram resgatados, surgiu uma música regionalista até então inexistente e foram resgatados diversas manifestações tradicionais que se encontravam esquecidas ou isoladas em algum rincão.

#### **4.4. Os Congressos Tradicionalistas<sup>33</sup>**

O trabalho de divulgação do modelo e de estímulo para a criação de CTGs, feito pelo 35 CTG, deu ótimos resultados e atingiu um patamar no qual era necessário reunir os líderes locais para que pudessem ser discutidos os rumos daquele movimento nascente e buscar a definição de parâmetros ideológicos. Sobre essa necessidade, Barbosa Lessa escreveu que havia um conflito de entendimento sobre a função do CTG.

Alguns defendiam que os CTGs deveriam ter uma preocupação com a cultura escolarizada onde se destacassem os estudos da história, do folclore, da literatura regional, etc. Outros acreditavam que isso negaria valor cultural as manifestações populares, como a medicina campeira, a meteorologia empírica e a lida campeira. Os primeiros temiam que os CTGs descambassem para a simples diversão, enquanto os outros defendiam a importância da bailanta, da charla e do entretenimento.

Havia, também, um entendimento de alguns de que o mais importante era a oportunidade que o CTG oferecia de reunião, à beira do fogo de chão, de diversas gerações: avós, filhos e netos, convivendo sem conflitos. Alguns manifestavam até, preocupação na exagerada popularização dos CTGs.

Enquanto uns supervalorizavam as datas cívicas, como o 20 de setembro, outros entendiam que elas tinham papel meramente psicológico, funcionando como motivação para dar sentido à vida para os cidadãos comuns.

“Para pôr em plenário tais assuntos, foi que se convocou o 1º Congresso Tradicionalista do Rio Grande do Sul, uma iniciativa de Emílio Rodrigues, do CTG Ponche Verde de Santa Maria, e de Fernando Brockstedt, da União Gaúcha de Pelotas (...) instalado o Congresso, em Santa Maria, em julho de 1954, pairava no ar uma pergunta. Qual dos dois rumos a seguir? A qualificação cultural ou a manifestação popular” (Barbosa Lessa)

Na tentativa de dirimir as dúvidas e oferecer um conceito de fácil entendimento e que colocasse luz sobre o debate, Barbosa Lessa apresentou ao plenário daquele 1º Congresso a

<sup>32</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos – Rio Grande do Sul – História e Identidade, – Publicação MTG-RS, 2008. P. 188.

<sup>33</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos – Rio Grande do Sul – História e Identidade, – Publicação MTG-RS, 2008. P. 189.

tese “O sentido e o valor do tradicionalismo”. Esse documento é, até hoje, a base ideológica mais clara, simples e profunda do Movimento Tradicionalista. A definição de Tradicionalismo de Lessa é a mais utilizada ainda hoje:

“Tradicionalismo é um movimento popular que visa auxiliar o estado na consecução do bem coletivo, através de ações que o povo pratica – mesmo que não se aperceba de tal finalidade – com fim de reforçar o núcleo de sua cultura; graças a que a sociedade adquire maior solidez e o indivíduo adquire maior tranquilidade na vida em comum.”

O Estado a que se refere o teórico, não corresponde necessariamente ao governo, mas sim aos seus três elementos constitutivos: O território, a população e o governo.

A resposta para os questionamentos: Qualificação cultural ou massificação popular, Lessa respondeu da seguinte forma:

“O tradicionalismo deve ser um movimento nitidamente popular; não simplesmente intelectual. É verdade que ele continuará sendo compreendido em sua finalidade última, apenas por uma minoria intelectual”.

Lessa define o tradicionalista como “soldado de um movimento”, não podendo ser confundido com os estudiosos das ciências sociais, especialmente o folclore. O tradicionalismo se vale dos conhecimentos produzidos pelas ciências, bastando para seus membros praticar a tradição, vivenciando o folclore.

Por certo, somente a prática e o fazer tradicional não é suficiente para garantir a perpetuação do Movimento. Os estudiosos e teóricos do tradicionalismo devem estar presentes e cumprir o seu papel de guardiões, como “soldados especiais”, pois a presença cada vez mais intensa de culturas estranhas ao meio social gauchesco, colocam em risco o “núcleo cultural”, que, por sua juventude, não possui anticorpos suficientes para defender-se das chamadas “alternativas culturais”. (...)

Ao longo destes 54 anos [de congressos] muitas foram as teses apresentadas e aprovadas nos congressos tradicionalistas, destacando-se, pela sua importância: (...) “A Carta de Princípios” organizada por Glaucus Saraiva e aprovada no ano de 1961. (...)

No CTG as relações são baseadas na confiança. É comum um pai deixar a filha adolescente ir a um rodeio sendo cuidada por outros pais. Os casamentos entre jovens tradicionalistas de um mesmo CTG ou de outros CTGs da cidade são muito comuns. Os compadrescos são permanentes e o trabalho em mutirão se assemelha ao que é feito nas comunidades religiosas.

Destaca-se, também o aspecto cívico e o respeito à autoridade. Não há atividade solene, mesmo que simples, em que não sejam entoados os hinos Rio-Grandense e Brasileiro. Todos cantam e adotam postura compenetrada nestes momentos. O patrão do CTG e os demais membros da “patronagem” são respeitados como autoridades, independentemente do nível cultural, do status social ou das crenças individuais. A autoridade raramente é afrontada, o que não significa submissão ou aceitação passiva, mas simplesmente o reconhecimento de que a hierarquia e a disciplina recomendam como o melhor caminho para a convivência pacífica e harmoniosa. (...)

Em termos de organização do tradicionalismo, criou-se a necessidade de uma estrutura organizadora nacional. Os CTGs se espalharam pelo Brasil e os estados se organizaram em federações (a exemplo do Rio Grande do Sul). Em 1987, no dia 24 de maio, depois de muito debate e muitas reuniões, foi criada a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha – CBTG.<sup>34</sup>

## 5. Semana Farroupilha<sup>35</sup>

Semana Farroupilha é uma festa cívica antes de tudo, que surgiu quando 08 jovens, entre os dias 07 e 20 de setembro de 1947, no Colégio Júlio de Castilho em Porto Alegre, realizaram a primeira “ronda crioula”.

O colégio foi decorado com motivos campeiros, com exposição de quadros gauchescos, realizaram-se conferências, fandango, concurso de roupas típicas, comida da culinária gaúcha, com a presença de gaiteiros, violeiros, cantores, declamadores e trovadores. Essa primeira

<sup>34</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho, - Publicação MTG-RS, 2012. P.103.

<sup>35</sup> MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p.102.

ronda teve como objetivo, "cultuar e preservar as nossas origens e a nossa cultura". Vemos assim que essa festividade é essencialmente cultural, pois temos nesta semana atividades cívicas, campeiras, artísticas, recreativas e sociais.

### 5.1. Mas por que 20 de Setembro?

20 de Setembro de 1835 foi o início da Revolução Farroupilha que durou 10 anos, terminando em 28 de fevereiro de 1845, com a assinatura do acordo de Paz de Poncho Verde, em Dom Pedrito, quando o grande chefe farroupilha David Canabarro afirmou "Acima de nosso amor à República, está nosso brio de Brasileiro".

A Independência do Rio Grande, não era a intenção dos Farroupilhas, visto que, seu descontentamento com o Império, antecedia a separação de Portugal. A República Sul-Riograndense foi proclamada somente um ano após o início da Revolução, e dela resultou o lema de sua Bandeira "LIBERDADE, IGUALDADE, HUMANIDADE" que sintetiza as madrugadas e noites mal dormidas, pelas quais passou o gaúcho, na preservação dos destinos de nossa Pátria.

A Semana Farroupilha tem por objetivos:

1-Divulgar os símbolos Rio-Grandenses, esclarecendo o uso e conhecimento dos mesmos;

2-Despertar o espírito cívico de todos que dela participam;

3-Promover atividades culturais que aumentem o conhecimento de nossas Tradições. (Hospitalidade, Coragem, Nativismo, Respeito à Palavra Empenhada, Apego aos Usos e Costumes e o Cavalheirismo).

## 6. Organização do CTG<sup>36</sup>

Quanto à estrutura e simbolismo, um Centro de Tradições Gaúchas procura lembrar o mais fielmente a vida do gaúcho no passado, suas lides na estância, feitos e fatos do Rio Grande do Sul.

As denominações dos cargos, dentro da hierarquia, portanto, são as seguintes:

- O Centro (ou Associação), representa a estância, Sua diretoria é a Patronagem.
- Presidente - Patrão
- Vice Presidente - Capataz
- Secretário - Sota capataz
- Tesoureiro - Agregado das Pilchas (ou das Patacas)
- Orador- Agregado das Falas
- Os Departamentos são as Invernadas (Social, Cultural, Artística, campeira, etc.).

Seus diretores são os Posteiros.

- Os Conselhos (Deliberativos e Fiscal), são o conselho de Vaqueanos (formado por homens mais experientes, que conhecem bem o Campo da estância).

## 7. Danças e suas Gerações

Dá-se o nome de "geração coreográfica" [ciclos] ao conjunto de danças que conserva as mesmas características principais, durante um período mais ou menos longo, até que essa moda "canse" e surjam outras danças com características bem inovadoras.

Para ser largamente aceita pela totalidade das classes sociais, uma nova espécie de dança precisa ser antes praticada, de maneira duradoura e persistente, pelos grupos sociais "superiores" – isto é, aqueles de maior eficiência tecnológica e maior prestígio sócio-cultural. Então, pela "lei da imitação", os grupos sociais mais modestos irão gradativamente assimilando as novas danças já prestigiadas pela elite. Entretanto, há sempre um período de paralelismo, ou hibridismo, entre o que já havia antes e o que agora chega, até que nova pressão das altas classes desaloje a parte mais antiga.<sup>37</sup>

<sup>36</sup> FAGUNDES, Taylor – Polígrafo utilizado no Concurso de Prendas e Peões da CBTG em 2010 e 2011. Santa Maria, 1984, p.17.

<sup>37</sup> CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.10.

As danças tradicionais gaúchas originaram-se das antigas danças brasileiras e das trazidas pelos imigrantes. Estas danças aqui se “agaucharam” adquirindo cor local e foram marcadas por duas, das principais características da alma do gaúcho: a teatralidade e o respeito a mulher.<sup>38</sup>

### **7.1. Primeira Geração Coreográfica**<sup>39</sup>

Ciclo dos Fandangos – Predomina a dança de par solto e independente. O cavalheiro e a dama ora se aproximam, ora fogem, simulando negaças de namoriscos, e trocando entre si, uma linguagem mímica de conquista amorosa, sem que os corpos se toquem (...). O cavalheiro procura chamar a atenção para si, através de adequados (às vezes complicados) sapateios, tirando sons martelados dos pés, calçando botas (com ou sem esporas) de forma máscula, nobre, porém não brutal e nem barulhenta, sem que fique, outrossim, pisando em ovos

Ex: Tirana, tatu com volta no meio.<sup>40</sup>

### **7.2. Segunda Geração Coreográfica**<sup>41</sup>

Ciclo do Minueto – Originário da França - na Corte de Luiz XIV. Vem a se caracterizar por vários pares dançando simultaneamente, distribuídos numa fileira de homens dançando a frente de uma fileira das respectivas damas; um mestre-de-danças coordenava, com seu próprio exemplo, os passos e gestos – comedidos, refinados – de todo o conjunto. Homem e mulher tomavam-se suavemente as mãos, executavam lentos giros, faziam reverências um para o outro. Notam-se estas características na Quero-mana, por exemplo.

### **7.3. Terceira Geração Coreográfica**<sup>42</sup>

Ciclo da Contra-Dança – Em vez dos passos graves, maneirosos, de antes, agora surge o “reel escocês” e a “Country Dance”, danças inspiradas nos camponeses da Inglaterra e caracterizadas por evoluções vivas e descontraídas.(...) Os pares agiam absolutamente dependentes uns dos outros, obedecendo todos às sucessivas vozes de comando.

Ex: Rilo.

### **7.4. Quarta Geração Coreográfica**<sup>43</sup>

Ciclo dos Pares Enlaçados – Com a valsa se inicia uma quarta geração coreográfica – a de danças de pares independentes, soltos, sem comandos, enlaçados, executando passos chamados de valsa, ou girando em torno de si mesmos. Ex. Valsa, havaneira marcada.

## **8. A Cozinha Gaúcha**<sup>44</sup>

### **8.1. A culinária regional**

A cozinha gaúcha se define por regiões geográficas, que caracteriza a culinária rio-grandense.

- Zona de Colonização Italiana - consumo de polenta (farinha de milho), massas (farinha de trigo), aves, verduras e condimentos;

- Zona de Colonização Alemã - consumo de batatas, carne de porco, salsichas, aves, presunto, queijos, manteiga, verduras, massas (farinha de trigo);

- Zona da orla Marítima - consumo de peixe, pirão (farinha de mandioca), rapadura, melado;

<sup>38</sup> PEREIRA, Toni Sidi e Outros - Danças Tradicionais Gaúchas – Publicação do MTG/RS, 3ªEd., 2010. P.23

<sup>39</sup> CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.15.

<sup>40</sup> CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.28.

<sup>41</sup> CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.17.

<sup>42</sup> CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.18.

<sup>43</sup> CÔRTEZ, J.C. Paixão Bailes e Gerações dos Bailares Campestres, 2002, P.20.

<sup>44</sup>

- Zona da Campanha - consumo de charque, carne, arroz, feijão, farinha de mandioca, trigo, batata doce, mandioca, abóbora, couve, repolho;
- Zonas Urbanas - mescla de todos esses hábitos alimentares, acrescido da cozinha francesa, especialmente.

Como a atividade primordial dos gaúchos nos primeiros tempos foi a criação de gado, ele comia o que estava mais no seu alcance: a carne. E, para conservá-la por mais tempo, transformava parte em charque .

Não podendo perder tempo em grandes plantações, utilizava-se do vegetal que nascia com facilidade: batata doce, abóbora, mandioca, couve, repolho, trigo e arroz. As diversas combinações de carne: miúdos, e charque com vegetais citados, formam a rica culinária gauchesca, que não é constituída apenas pelo churrasco e arroz-de-carreteiro, como erroneamente se pensa.

### **8.2. Alguns Pratos Típicos Da Culinária Campeira**

- Puchero - fervido de carne com legumes, batata doce, lingüiça, mandioca, milho verde, abóbora, batata inglesa, etc. Servido com pirão de farinha de mandioca;
- Maria Rita - carne moída, arroz, cebola picada, graxa de gado, tomate, folhas de repolho em tiras;
- Arroz-de-carreteiro - charque, arroz, cebola picada, graxa de gado;
- Roupa Velha - charque desfiado, cebola picada, farinha de mandioca, óleo, temperos à vontade;
- Churrasco - carne, com couro ou não, assado sobre as brasas, temperado com salmoura ou sal grosso;
- Assado - carne assada no espeto, sobre as brasas ou labaredas, temperado com sal grosso ou salmoura (a carne apropriada, tanto para o churrasco como para o assado é o contrafilé, a picanha e a costela);
- Dobradinha - (mondongo) - bucho, tomate, tempero verde, sal, farinha de mandioca, óleo;
- Mocotó - patas, coalheira, mondongo, tripa grossa, lingüiça, cebola, feijão branco, óleo, tomate, ovos duros, sal.

### **8.3. Alguns Doces Típicos Da Culinária Campeira**

- Rapadura e melado de Santo Antônio da Patrulha; pé-de-moleque;
- Bolinho de coalhada (de Viamão e Barra do Ribeiro);
- Pudim da Roca - feito de arroz com pêssego;
- Balas - de guaco (bom para o peito); de mocotó; de mel-de-pau (mirim), bom para tosse;
- Bolos de milho - rosca de polvilho; pão-de-ló; baba-de-moça; papo-de-anjo; beijo-de-freira; doce-de-batata; doce de abóbora; doce de laranja; doce de leite; geleias de frutas.

### **8.4. Aperitivos**

- Cachaça pura, ou em infusão com ervas (menstruz, funcho, guaco) ou em infusão com frutas (butiá, pitanga, guabiroba, casca de bergamota, etc.).

### **8.5. Bebidas**

- Vinhos (de uva, de laranja, de bergamota, de pêssego).
- Chimarrão.

## **9. Lendas<sup>45</sup>**

---

<sup>45</sup> MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p.112.

Negrinho do Pastoreio, Salamanca do Jarau, Boitatá, Anhangapitã, Angoera, Caapora, Casa de M'Bororé, Mãe Mulita, Lagoa Negra e Nau Catarineta.

## 9.1. Transcrição integral de algumas lendas

### 9.1.1. M'boitatá

Foi assim: num tempo muito antigo, muito, houve uma noite tão comprida que pareceu que nunca mais haveria luz do dia. Noite escura como breu, sem lume no céu, sem vento, sem serenada e sem rumores, sem cheiro dos pastos maduros nem das flores da mataria.

Os homens viveram abichornados, na tristeza dura; e porque churrasco não havia, não mais sopravam labaredas nos fogões e passavam comendo canjica insossa; os borralhos estavam se apagando e era preciso poupar os tições... Os olhos andavam tão enfiados da noite, que ficavam parados, horas e horas, olhando sem ver as brasas somente, porque as faíscas, que alegram, não saltavam, por falta do sopro forte de bocas contentes.

Naquela escuridão fechada nenhum tapejara seria capaz de cruzar pelos trilhos do campo, nenhum flete crioulo teria faro nem ouvido nem vista para abter na querência; até nem sorro daria no seu próprio rastro!

E a noite velha ia andando... ia andando...

Minto: No meio do escuro e do silêncio morto, de vez em quando, ora duma banda ora doutra, de vez em quando uma cantiga forte, de bicho vivente, furava o ar: era o téu-téu ativo, que não dormia desde o entrar do último sol e que vigiava sempre, esperando a volta do sol novo, que devia vir e que tardava tanto já...

Só o téu-téu de vez em quando cantava; o seu - quero-quero! - tão claro vindo de lá do fundo da escuridão, ia se aguentando a esperança dos homens, amontoados no redor avermelhado das brasas. Fora disto, tudo o mais era silêncio; e de movimento, então, nem nada.

Minto: Na última tarde em que houve sol, quando o sol ia descambando para o outro lado das coxilhas, rumo do minuano, e de onde sobe a estrela-d'alva, nessa última tarde também desabou uma chuvarada tremenda; foi uma manga d'água que levou um tempão a cair, e durou... e durou...

Os campos foram inundados; as lagoas subiram e se largaram em fias coleando pelos tacuruzais e banhados, que se juntaram, todos num os passos cresceram e todo aquele peso d'água correu para as sangas e das sangas para os arroios, que ficaram bufando, campo fora, campo fora, afogando as canhadas, batendo no lombo das coxilhas. E nessas coroas é que ficou sendo o paradoro da animalada, tudo misturado, no assombro. E eram terneiros e pumas, tourada e potrilhos, perdizes e guaraxains, tudo amigo, de puro medo. E então!...

Nas copas dos butiás vinham encostar-se bolos de formigas; as cobras se enroscavam na enredica dos aguapés; e nas estivas do santa-fé e das tiriricas boiavam os ratões e outros miúdos.

E, como a água encheu todas as tocas, entrou também na da cobra-grande, a - boiguaçu-que, havia já muitas mãos de luas, dormia quieta, entanguida. Ela então acordou-se e saiu, rabeando. Começou depois a mortandade dos bichos e a boiguaçu pegou a comer carniça. Mas só comia os olhos e nada, nada mais.

A água foi baixando, a carniça foi cada vez engrossando, e a cada hora mais olhos a cobra-grande comia.

Cada bicho guarda no corpo o sumo do que comeu.

A tambeira que só come trevo maduro dá no leite o cheiro doce do milho verde; o cerdo que come carne de bagual nem vinte alqueires de mandioca o limpam bem; e o socó tristonho e o biguá matreiro até no sangue têm cheiro de pescado. Assim também, nos homens, que até sem comer nada, dão nos olhos a cor de seus arrancos.

O homem de olhos limpos é guapo e mão-aberta; cuidado com os vermelhos; mais cuidado com os amarelos; e, toma tenência dobre com os raiados e baços!...

Assim foi também, mas doutro jeito, com a boiguaçu, que tantos olhos comeu.

Todos - tantos! que a cobra-grande comeu -, guardavam, entrenhado e luzindo, um rastilho da última luz que eles viram do último sol, antes da noite grande que caiu... E os olhos - tantos, tanto! - com um pingo de luz cada um, foram sendo devorados; no princípio um punhado, ao depois uma porção, depois um bocadão, depois, como uma braçada...

E vai,

Como a boiguaçu não tinha pêlos como o boi, nem escamas como o dourado, nem penas como o avestruz, nem casca como o tatu, nem couro grosso como a anta, vai, o seu corpo foi ficando transparente, transparente, clareando pelos miles de luzezinhas, dos tantos olhos que foram sendo esmagados dentro dele, deixando cada qual sua pequena réstia de luz. E vai, afinal, a boiguaçu toda já era uma luzerna, um clarão sem chamas, já era um fogaréu azulado, de luz amarela e triste e fria, saída dos olhos, que fora guardada neles, quando ainda estavam vivos.

Foi assim e foi por isso que os homens, quando pela primeira vez viram a boiguaçu tão demudada, não a conheceram mais. Não conheceram e julgando que era outra, muito outra, chamam-na desde então, de boitatá, cobra do fogo, boitatá, a boitatá! E muitas vezes a boitatá rondou as rancherias, faminta, sempre que nem chimarrão. Era então que o téu-téu cantava, como o bombeiro.

E os homens, por curiosos, olhavam pasmados, para aquele grande corpo de serpente, transparente - tatá, de fogo- que media mais braças que três laços de conta e ia aluminando baçamente as carquejas... E depois, choravam. Choravam, desatinados do perigo, pois as suas lágrimas também guardavam tanta ou mais luz que só os olhos e a boitatá ainda cobiçava os olhos vivos dos homens, que já os das carniças a enfaravam...

Mas, como dizia: na escuridão só avultava o clarão baço do corpo da boitatá, e era ela que o téu-téu cantava de vigia, em todos os flancos da noite. Passado um tempo, a boitatá morreu: de pura fraqueza morreu, porque os olhos comidos encheram-lhe o corpo, mas lhe não deram substância, pois que sustância não tem a luz que os olhos em si entranhada tiveram quando vivos...

Depois de rebolar rabiosa nos montes de carniça, sobre os couros pelados, sobre as carnes desfeitas, sobre as cabelamas soltas, sobre as ossamentas desparramadas, o corpo dela desmanchou-se, também como cousa da terra, que se estraga de vez. E foi então, que a luz que estava presa se desatou por aí. E até pareceu cousa mandada: o sol apareceu de novo!

Minto: apareceu sim, mas não veio de supetão. Primeiro foi-se adelgaçando o negrume, foram despontando as estrelas; e estas se foram sumindo no coloreado do céu; depois se foi sendo mais claro mais claro, e logo, na lonjura, começou a subir um rastro de luz..., depois a metade de uma cambota de fogo... e já foi o sol que subiu, subiu, subiu, até vir a pino e descambar, como dantes, e desta feita, para igualar o dia e a noite, em metades, para sempre.

Tudo o que morre no mundo se junta à semente de onde nasceu, para nascer de novo; só a luz da boitatá ficou sozinha, nunca mais se juntou com a outra luz de que saiu. Anda arisca e só, nos lugares onde quanta mais carniça houve, mais se infesta. E no inverno, de entanguida, não aparece e dorme, talvez entocada. Mas de verão, depois da quentura dos mormaços, começa então o seu fadário.

A boitatá, toda enroscada, como uma bola - tatá, de fogo! -, começa a correr o campo, coxilha abaixo, lomba acima, até que horas da noite!... É um fogo amarelo e azulado, que não queima a macega seca nem agüenta a água dos mananciais; e rola, gira, corre, corcoveia e se despenca e arrebenta-se, apagado... e quando um menos espera, aparece, outra vez, do mesmo jeito!

Maldito! Tesconjuro!

Quem encontra a boitatá pode até ficar cego... Quando alguém topa com ela só tem dois meios de se livrar: ou ficar parado, muito quieto, de olhos fechados apertado e sem respirar, até ir-se ela embora, ou, se anda a cavalo, desenrodilhar o laço, fazer uma armada grande e atirá-la por cima, e tocar a galope, trazendo o laço de arrasto, todo solto, até a ilhapa!

A boitatá vem acompanhando o ferro da argola... mas de repente, batendo numa macega, toda se desmancha, e vai esfarinhando a luz, para emulitar-se de novo, com vagar, na aragem que ajuda.

Campeiro precatado! Reponte o seu gado de querência da boitatá: o pastical, aí, faz peste... Tenho visto!

**Origem:** Livro "Lendas do Sul" de J. Simões Lopes Neto. Editora Globo. 11a edição. 1983.

### 9.1.2. Negrinho do Pastoreio

No tempo dos escravos, havia um estancieiro muito ruim, que levava tudo por diante, a gritos e a relho. Naqueles fins de mundo, fazia o que bem entendia, sem dar satisfação a ninguém.

Entre os escravos da estância, havia um negrinho, encarregado do pastoreio de alguns animais, coisa muito comum nos tempos em que os campos de estância não conheciam cerca de arame; quando muito alguma cerca de pedra erguida pelos próprios escravos, que não podiam ficar parados, para não pensar bobagem... No mais, os limites dos campos eram aqueles colocados por Deus Nosso Senhor: rios, cerros, lagoas.

Pois de uma feita o pobre negrinho, que já vivia as maiores judiarias às mãos do patrão, perdeu um animal no pastoreio. Prá quê! Apanhou uma barbaridade atado a um palanque e depois, cai-caindo, ainda foi mandado procurar o animal extraviado.

Como a noite vinha chegando, ele agarrou um toquinho de vela e uns avios de fogo, com fumo e tudo e saiu campeando. Mas nada! O toquinho acabou, o dia veio chegando e ele teve que voltar para a estância.

Então foi outra vez atado ao palanque e desta vez apanhou tanto que morreu, ou pareceu morrer. Vai daí, o patrão mandou abrir a "panela" de um formigueiro e atirar lá dentro, de qualquer jeito, o pequeno corpo do negrinho, todo lanhado de laço e banhando em sangue.

No outro dia, o patrão foi com a peonada e os escravos ver o formigueiro. Qual não é a sua surpresa ao ver o negrinho do pastoreio vivo e contente, ao lado do animal perdido.

Desde aí o Negrinho do Pastoreio ficou sendo o achador das coisas extraviadas. E não cobra muito: basta acender um toquinho de vela ou atirar num cano qualquer naco de fumo.

**Origem:** Livro "Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul" de Antonio Augusto Fagundes. Martins Livreiro Editor. 1996.

### 9.1.3. Salamanca do Jarau

No tempo dos padres jesuítas, existia um moço sacristão no Povo de Santo Tomé, na Argentina, do outro lado do rio Uruguai. Ele morava numa cela de pedra nos fundos da própria igreja, na praça principal da aldeia.

Ora, num verão mui forte, com um sol de rachar, ele não conseguiu dormir a sesta. Vai então, levantou-se, assoleado e foi até a beira da lagoa refrescar-se. Levava consigo uma guampa, que usava como copo.

Coisa estranha: a lagoa toda fervia e largava um vapor sufocante e qual não é a surpresa do sacristão ao ver sair d'água a própria Teiniaguá, na forma de uma lagartixa com a cabeça de fogo, colorada como um carbúnculo. Ele, homem religioso, sabia que a Teiniaguá - os padres diziam isso! - tinha partes com o Diabo Vermelho, o Anhangá-Pitã, que tentava os homens e arrastava todos para o inferno. Mas sabia também que a Teiniaguá era mulher, uma princesa moura encantada jamais tocada por homem.

Aquele pelo qual se apaixonasse seria feliz para sempre.

Assim, num gesto rápido, aprisionou a Teiniaguá na guampa e voltou correndo para a igreja, sem se importar com o calor. Passou o dia inteiro metido na cela, inquieto, louco que chegasse a noite. Quando as sombras finalmente desceram sobre a aldeia, ele não se sofreu: destampou a guampa para ver a Teiniaguá. Aí, o milagre: a Teiniaguá se transformou na princesa moura, que sorriu para ele e pediu vinho, com os lábios vermelhos. Ora, vinho só o da Santa Missa. Louco de amor, ele não pensou duas vezes: roubou o vinho sagrado e assim, bebendo e amando, eles passaram a noite.

No outro dia, o sacristão não prestava para nada. Mas, quando chegou a noite, tudo se repetiu. E assim foi até que os padres finalmente desconfiaram e numa madrugada invadiram a cela do sacristão. A princesa moura transformou-se em Teiniaguá e fugiu para as barrancas do rio Uruguai, mas o moço, embriagado pelo vinho e de amor foi preso e acorrentado.

Como o crime era horrível - contra Deus e a Igreja! - foi condenado a morrer no garrote vil, na praça, diante da igreja que ele tinha profanado.

No dia da execução, todo o Povo se reuniu diante da igreja de São Tomé. Então, lá das barrancas do rio Uruguai a Teiniaguá sentiu que seu amado corria perigo. Aí, com todo o poder de sua magia, começou a procurar o sacristão abrindo rombos na terra, um valos enormes, rasgando tudo. Por um desses valos ela finalmente chegou à igreja bem na hora em que o

carrasco ia garrotear o sacristão. O que se viu foi um estouro muito grande, nessa hora, parecia que o mundo inteiro vinha abaixo, houve fogo, fumaça e enxofre e tudo afundou e tudo desapareceu de vista. E quando as coisas clarearam a Teiniaguá tinha libertado o sacristão e voltado com ele para as barrancas do rio Uruguai.

Vai daí, atravessou o rio para o lado de cá e ficou uns três dias em São Francisco de Borja, procurando um lugar afastado onde os dois apaixonados pudessem viver em paz. Assim, foram parar no Cerro do Jarau, no Quarai, onde descobriram uma caverna muito funda e comprida. E lá foram morar, os dois.

Essa caverna, no alto do Cerro, ficou encantada. Virou Salamanca, que quer dizer "gruta mágica", a Salamanca do Jarau. Quem tivesse coragem de entrar lá, passasse 7 Provas e conseguisse sair, ficava com o corpo fechado e com sorte no amor e no dinheiro para o resto da vida.

Na Salamanca do Jarau a Teiniaguá e o sacristão se tornaram os pais dos primeiros gaúchos do Rio Grande do Sul. Ah, ali vive também a Mãe do Ouro, na forma de uma enorme bola de fogo. Às vezes, nas tardes ameaçando chuva, dá um grande estouro numa das cabeças do Cerro e pula uma elevação para outra. Muita gente viu.

**Origem:** Livro "Mitos e Lendas do Rio Grande do Sul" de Antonio Augusto Fagundes. Martins Livreiro Editor. 1996.

## 10.0 Chimarrão<sup>46</sup>

O Chimarrão é um legado do índio Guarani.

Sempre presente no dia-a-dia, o chimarrão constituiu-se na bebida típica do Rio Grande do Sul, ou seja, na tradição representativa do nosso pago. Também conhecido como mate amargo, como bebida preferida pelo gaúcho, constitui-se no símbolo da hospitalidade e da amizade do gaúcho. É o mate cevado sem açúcar, preparado em uma cuia e sorvido através de uma bomba. É a bebida proveniente da infusão da erva-mate, planta nativa das matas sul-americanas, inclusive no Rio Grande do Sul.

O homem branco, ao chegar no pago gaúcho, encontrou o índio guarani tomando o CAA, em porongo, sorvendo o CAÁ-Y, através do TACUAPI.

Podemos dizer, que o chimarrão é a inspiração do aconchego, é o espírito democrático, é o costume que, de mão – em - mão, mantém acesa a chama da tradição e do afeto, que habita os ranchos, os galpões dos mais longínquos rincões do pago do sul, chegando a ser o maior veículo de comunicação.

O mate é a voz quíchua, que designa a cuia, isto é, o recipiente para a infusão do mate. Atualmente, por extensão passou a designar o conjunto da cuia, erva-mate e bomba, isto é, o mate pronto.

O homem do campo passou o hábito para a cidade, até consagrá-lo regional. O Chimarrão é um hábito, uma tradição, uma espécie de resistência cultural espontânea.

Os avios ou os apetrechos do mate constituem o conjunto de utensílios usados para fazer o mate. Os avios do mate são fundamentalmente a cuia e a bomba.

**Caá-y** = bebida do mate = chimarrão

**Tacuapi**= bomba primitiva, feita de taquara pelos índios guaranis.

## 11. Festas – Religiosidade<sup>47</sup>

### 11.1. Padroeiros

São Pedro foi um dos doze apóstolos de Jesus Cristo. Os católicos consideram Pedro como o primeiro Bispo de Roma, sendo por isso o primeiro Papa da Igreja Católica.

<sup>46</sup> [www.mtg.org.br](http://www.mtg.org.br) - [http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/foi\\_chimarrao.php](http://ideiailtda.com.br/clientes/mtg/foi_chimarrao.php)

<sup>47</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho,- Publicação MTG-RS, 2012. P.59.

Por que São Pedro foi escolhido o padroeiro do estado?

Em 1531, uma frota foi confiada a Martin Afonso de Souza, que tinha como objetivo expulsar os corsários franceses da costa brasileira, além de ir até o sul do estuário do Rio da Prata. A navegação foi feita próxima da Costa, permitindo observações que resultariam na descoberta de vários acidentes geográficos, entre os quais, a barra por onde a Laguna dos Patos se liga ao Oceano Atlântico.

Em 29 de junho, dia em que o calendário da igreja recorda a Cátedra de Pedro, os portugueses avistaram o desaguadouro da Laguna dos Patos. Para homenagear a data, Martin Afonso denominou a laguna - que pensava tratar-se de um rio - Rio de São Pedro. Posteriormente, para diferenciar do outro rio, que levava o mesmo nome do santo, passou a ser chamado de Rio Grande de São Pedro, devido a sua grande dimensão. (...)

## 11.2. Romarias<sup>48</sup>

A romaria é uma peregrinação religiosa feita por um grupo de pessoas a uma igreja ou local considerado santo, seja para pagar promessas, agradecer ou pedir graças. Ou simplesmente por devoção, podendo ser feita a pé, em veículos ou de a cavalo. (...)

## 11.3. Festas Típicas<sup>49</sup>

### 11.3.1. PÁSCOA

É a mais importante festa da Cristandade. Na Páscoa os cristãos celebram a Ressurreição de Jesus Cristo, depois da sua morte por crucificação. A Páscoa é celebrada em uma data, entre 22 de março e 25 de abril. O Domingo de Páscoa encerra a Semana Santa, que inicia no Domingo de Ramos e inclui a Sexta-Feira Santa e o Sábado de Aleluia.

Muitos costumes ligados ao período pascal originam-se dos festivais pagãos da primavera. Outros vêm da celebração do Pessach, ou Passover, a Páscoa judaica, que é uma das mais importantes festas do calendário judaico, celebrada por oito dias e onde é comemorado o êxodo dos israelitas do Egito, da escravidão para a liberdade. Um ritual de passagem, assim como a “passagem” de Cristo, da morte para a vida.

A festa tradicional, seguindo tradição pagã da Idade Média, associa a imagem do coelho, um símbolo de fertilidade, e ovos pintados com cores vivas, representando a luz solar, dados como presentes. Modernamente os ovos de galinha pintados foram substituídos por ovos de chocolate.

### 11.3.2. PENTECOSTES

A palavra vem do grego e significa “quingentésimo”. É o 50º dia depois da Páscoa, quando é comemorada a vinda do Espírito Santo. É a festa que encerra o Ciclo da Páscoa.

O culto ao Divino Espírito Santo, em suas diversas manifestações, é uma festa que remonta a Portugal do século XIV. A terceira pessoa da Santíssima Trindade era festejada com banquetes e distribuição de esmolas aos pobres. No Brasil a “Festa do Divino” é comum em praticamente todos os estados. Destacam-se os ternos que, levando a Bandeira do Divino, percorrem as casas com cantorias e rezas típicas desta festa.

### 11.3.3. FESTA JUNINAS

As festas de junho estão ligadas ao solstício de inverno e são quatro os santos do mês: Santo Antônio (13), São João (24), São Pedro e São Paulo (29).

Solstício de inverno é um fenômeno que marca o início do inverno. Ocorre normalmente por volta do dia 21 de junho no hemisfério sul e 22 de dezembro no hemisfério norte. Ocorre quando o sol atinge a mais angular distância em relação ao plano que passa pela linha do equador, isso provoca o dia mais curto do ano e a noite mais longa.

As festas normalmente acontecem na véspera, com fogueiras, brincadeiras, música típica, danças, adivinhações e comidas típicas regionais.

<sup>48</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho- Publicação MTG-RS, 2012. P.60.

<sup>49</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho- Publicação MTG-RS, 2012. P.61.

Como festa ligada às colheitas, não faltam à mesa: canjica, batata doce assada, pé de moleque, rapadura, pinhão, pipoca, amendoim, pão de ló, pão de milho, bolo, quentão de vinho e cachaça.

As festas juninas ocorrem em todo o Brasil e o traje utilizado é o típico de cada região. No Rio Grande do Sul o traje adequado é a pilcha gaúcha. No entanto, como a cultura “sertaneja” ou “caipira” espalhou-se por todo o Brasil, é comum verificarmos trajes e elementos típicos dessa cultura, como chapéus de palha, as roupas remendadas e as pinturas nos rostos de homens e mulheres. De qualquer forma, sempre é equívoco realizarem-se atividades em que a mulher é depreciada ou ridicularizada.

As atividades mais comuns incluem a dramatização das lendas, o teatro de fantoches, a dança da batata (o casal que conseguir dançar uma música inteira equilibrando uma batata entre as duas testas ganha uma prenda), a corrida do saco, o pau de sebo, a corrida do casal, a dança do bastão, a cadeia, o correio do coração, a dança das cadeiras, a corrida da colher, a meia canha, a polca de relação entre outras brincadeiras.

Pular a fogueira ou andar sobre as brasas com pés descalços, também é comum em algumas localidades, mesmo que sejam brincadeiras perigosas.

Os ternos juninos são grupos de pessoas que, à noite, percorrem as casas das localidades, anunciando o dia da grande festa. São cantorias populares, passadas de geração a geração. O dono da casa, visitada por um terno, oferece aos visitantes bebidas e comidas.

Na festa, é comum a colocação de um mastro, na frente da igreja, com a bandeira do santo que está sendo festejado. O mastro é fincado uma semana antes com a realização de rezas e pedidos, este mastro só é retirado quando a bandeira estiver rota.

O festeiro escolhido para comandar os festejos escolhe o Capitão de Mastros e o Alferes de Bandeira, os quais organizam a fogueira, implantam o mastro e mandam confeccionar a bandeira. A fogueira centralizada a festa e tem formato de acordo com o santo a que se refere: a de Santo Antônio é quadrada, a de São João é redonda e a da São Pedro triangular.

Nas bandeiras, Santo Antônio é representado por lírios, São João por um cordeiro e/ou uma concha, São Pedro por duas chaves. Diz a lenda que quando a bandeira se rasga, os pedidos se realizam.

#### 11.3.4. NATAL

O Natal é uma data em que comemoramos o nascimento de Jesus Cristo. Foi no século IV que o 25 de dezembro tornou-se data oficial de comemoração.

As antigas comemorações de Natal costumavam durar até 12 dias, pois, segundo a tradição, este foi o tempo que os três Reis Magos levaram para chegar até a cidade de Belém para entregar os presentes (ouro, mirra e incenso) ao menino Jesus. O dia de Reis é comemorado em 6 de Janeiro. Do ponto de vista cronológico, o Natal é uma data de grande importância para o ocidente, pois marca o ano 1 da nossa era, ou seja, depois de Cristo (d.C).

A tradição de montar árvores de natal nos pátios ou dentro das casas é prática em todo o mundo ocidental. A decoração de casas e prédios também é comum. Esta é uma tradição que iniciou na Alemanha por volta de 1530.

Outra tradição é o presépio. Ele mostra o cenário do nascimento de Jesus, ou seja, uma manjedoura, os animais, os Reis Magos e os pais do menino. Esta tradição de montar presépios teve início com São Francisco de Assis, no ano de 1233.

As músicas de natal são parte importante das comemorações natalinas.

A figura do Papai Noel, segundo alguns autores, foi inspirada no bispo Nicolau, que nasceu na Turquia em 280 d.C. Ele era um homem de bom coração que costumava presentear os pobres no Natal, com saquinhos de moedas, deixando-os próximos das chaminés das casas. Esta associação teria ocorrido na Alemanha e depois se espalhado pelo mundo.

A roupa utilizada atualmente pelos “papais Noel”, vermelha e branca, ganhou notoriedade e imitação no mundo ocidental a partir de 1931, quando a coca-cola utilizou a figura do Papai Noel numa campanha publicitária de grande sucesso.

Os cartões de Natal surgiram na Inglaterra em 1843. Os votos de “Feliz Natal” é uma prática verificada em todos os países, cada qual em sua língua.

#### 11.3.5. A FOLIA DE REIS

É uma festa de caráter religioso. Ela comemora a viagem dos três Reis Magos e o nascimento de Jesus. É uma festa comemorada em todo o Brasil. No Rio Grande do Sul, foi introduzida pelos açorianos.

Os cantores de Reis - Ternos de Reis - imitam os Reis Magos (Baltazar, Belchior e Gaspar), que viajaram guiados pela estrela de Belém para dar as boas-vindas ao Menino Jesus. Estes cantores percorrem as localidades, de casa em casa, e muitas vezes atravessam a noite.

O objetivo da visita pode variar de um terno para outro: alguns visam unicamente louvar o acontecimento, outros visam uma retribuição ao desgaste das cantorias, através dos comes e bebes e, por fim existem aqueles que por suas necessidades materiais, saem de porta em porta, “pedindo aos reis” na certeza de conseguir alguma retribuição financeira. Essa prática inicia no dia 25 de dezembro e se estende até o Dia de Reis (Festa de Reis), em 06 de janeiro.

No geral os Ternos de Reis, contam com oito pessoas: o mesmo ou guia, o ajudante de mestre, o contramestre, o ajudante de contramestre, o tipe (crianças que se encarrega de cantar as fermatas, características do segundo e do quarto verso, de cada estrofe), o tambor, o triângulo e a rabeça. A característica principal do reisado é o uso de muitos adereços, trajes com cores alegres e chapéus enfeitados com fitas coloridas e espelinhos.

As quadrinhas dos ternos são divididas nas seguintes partes: Chegada, entrada, louvação, agradecimento e despedidas.

Exemplo de quadrinha de despedida:

Vamos dar a despedida

Como deu Cristo a Belém

Este Terno se despede

Até o ano que vem.

#### 11.3.6. CAVALHADAS

As cavalhadas são encenações montadas que reelaboram os relatos das lutas de Carlos Magno e os Pares de França (cristãos) contra os mouros.

A Cavalhada realizada desde 1885 no município de São Francisco de Paula reproduz uma batalha ocorrida no ano de 785, na França, entre cristãos e islamitas (mouros), quando a princesa moura Floripa, apaixonada por um soldado cristão, acaba por raptada pelas tropas cristãs de Carlos Magno.

A rivalidade entre mouros e cristãos se estrutura simbolicamente em dois campos que se opõem nas investidas que cada grupo faz ao campo adversário e na oposição das cores: azul para os cristãos e vermelho para os mouros.

Os cavaleiros (12 representando mouros e 12 representando cristãos), muito hábeis nas manobras com seus animais, esforçam-se em campo para dar conta do enredo dramático através de carreiras e evoluções, em duplas ou grupos, de manejos de espadas, lanças e tiros de festim, com a participação de coadjuvantes mascarados, sempre em números variáveis. A luta termina com a vitória dos cristãos e a conversão dos mouros.

Existem registros sobre as cavalhadas no Brasil desde 1685 e continuam ocorrendo em vários pontos do país. No Rio Grande do Sul são poucas as localidades que mantêm essa tradição. (...)

## 12. Brincadeiras e Brinquedos<sup>50</sup>

As brincadeiras infantis são universais. As crianças constroem o seu mundo através de brincadeiras e brinquedos. Como disse Rose Marie Reis Garcia “através das brincadeiras podemos compreender como a criança vê e constrói o mundo, como ela gostaria que ele fosse, quais são suas preferências e que problemas a estão preocupando”.

Nos tempos atuais, por conta da popularização e supervalorização do computador e dos meios de comunicação virtuais, as crianças raramente constroem seus brinquedos e

<sup>50</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho,- Publicação MTG-RS, 2012. P.73.

difícilmente se ocupam com as brincadeiras que seus pais e avós conheceram. Os CTGs talvez sejam a última trincheira de manutenção desse conhecimento e de valorização dessa prática tradicional. Imagino que no futuro próximo as brincadeiras e os brinquedos de 15, 20 anos passados estarão exclusivamente nos livros de folclore e em algum recanto mais remoto do Rio Grande do Sul. (...)

### **12.1. Brincadeiras para animar**

São aquelas que estimulam a criança a se movimentar, caminhar, pular, correr, utilizar bastante os braços e as pernas. São sempre alegres, seja nos textos, seja na prática. Os objetivos, além da diversão, podem ser o de aprimorar a coordenação motora, a interação com outras crianças e a disciplina na execução de movimentos.

Exemplos: brincadeiras com uso de água, areia, terra, barro; água e sabão; babalu; batalha de mãos; cama-de-gato; pula corda; brincadeiras com palmas; sombras animadas; jogo de bolita; desafios com “o último é...”.

### **12.2. Brincadeiras Cantadas**

São aquelas que se realizam a partir de uma canção. O uso da música e do canto é fundamental para a sua realização. Essas brincadeiras objetivam a interação entre as crianças.

Exemplos: A canoa virou; Teresinha de Jesus; a carrocinha; samba-lê-lê; coelhinho da páscoa; o pintinho amarelinho; siriri.

### **12.3. Formuletes**

São utilizados para as crianças escolher este ou aquele companheiro para desempenhar um papel na brincadeira. É normal que aos formuletes sejam associados gestos convencionados. Essas brincadeiras despertam a capacidade de escolha das crianças.

Exemplos: casa, não casa; Rei Capitão; um, dois, três (une, dune, têt); minha mãe mandou.

### **12.4. Gestos e Caretas**

A criança aprende a fazer mímicas e interpretar, comunicando-se por gestos e expressões faciais. Desperta a criatividade e a agilidade de pensamento. Por ser uma brincadeira cooperativa, desperta o sentido do “eu te ajudo, tu me ajudas”.

Exemplos: proibido falar; adivinhe o objeto; cara preparada.

### **12.5. Parlendas**

Consistem em versos de quatro, cinco ou seis sílabas, rimadas pelos toantes. Elas têm função mnemônica (guardar na memória) utilizadas para gravar nomes, datas, lugares. Além do treinamento de memorização, as parlendas desenvolvem o senso de ritmo nas crianças. Elas podem ser de vários tipos: dialogadas, com réplica, repetitivas, conclusivas ou narrativas.

Exemplos: Quem cochicha; ou fui junto; tá com frio?; cadê o toicinho; amanhã é domingo; um, dois, feijão com arroz

As parlendas podem, também, vir associadas com gestos.

Exemplos: angolinhas, cadê o ratinho; dedinhos (várias formas de identificação dos dedos); mal-me-quer.

### **12.6. Jogos Competitivos**

Além de ser uma brincadeira, os jogos que envolvem competição mesmo que simples, pressupõe a participação de várias crianças. Alguns dependem da habilidade individual, mas geralmente necessitam de cooperação entre os parceiros do mesmo time. Estas atividades criam senso de disciplina, ensinam ganhar e saber perder e despertam criatividade e habilidades às vezes desconhecidas. Os jogos podem utilizar objetos ou não.

Exemplo: bulita (gude); peteca; sapata (amarelinha); ovo podre; cinco Marias; o gato e o rato; corrida do saco; corrida do ovo (com ou sem revezamento); caçador; pega-pega; gata-cega.

### 12.7. Jogos de Habilidades

Geralmente realizados com espíritos competitivos ou de demonstração de habilidade, esses jogos despertam o interesse de aprimoramento pessoal, melhoram a motricidade e a coordenação motora fina.

Exemplos: bilboquê (biboquê ou bobloquê); botão; ioiô; pião.

### 12.8. Jogos de Tabuleiros e Gráficos

São brincadeiras que, geralmente, não exploram a movimentação física. Eles têm por finalidade o treinamento e o aprimoramento mental. Estimula o raciocínio lógico, a melhora ortográfica e do vocabulário.

Exemplos: damas; moinho (tria); víspora; forca; jogo da velha.

### 12.9. Os Brinquedos

Existe uma gama muito grande de brinquedos chamados folclóricos ou tradicionais, além de um sem número de brinquedos industrializados, automatizados, eletrônicos, etc.

O nosso interesse está na citação de algumas possibilidades de brinquedos tradicionais que podem ser construídos em casa, normalmente com a participação das próprias crianças. Esta prática tem a vantagem de fazer despertar a criatividade, a coordenação motora e a imaginação das crianças.

As bonecas são, historicamente, os brinquedos mais tradicionais. Fabricadas de inúmeros materiais (cera, corda, tecidos, barro, fibras vegetais, arames, etc.) elas se prestam a vários tipos de brincadeiras, envolvendo especialmente as meninas.

Bonecos, reproduzindo o sexo masculino, também são muitos comuns.

Os meninos tem maior interesse pelos carrinhos (de lata), trenzinhos, aviõezinhos, barcos e cavalinhos de pau.

A construção de bichinhos, bonecos articulados, flores, etc. é possível ser feita com objetos caseiros. Basta um pouco de criatividade. É comum o uso de arames, cordas (ráfia), papel, latinhas, carretéis, papelão, tampas de garrafas, cereais (milho, feijão, casca de melancia, etc.). Modernamente é muito útil o uso de garrafas pet para a construção de brinquedos.

Brinquedos imitando instrumentos musicais são muito populares, especialmente aqueles de sopro (usando bambus), de percussão (usando latas) e de cordas (usando arames finos ou cordões de nylon).

As armas de fantasia estão sempre presentes. Espadas, revólveres, facas (tudo de madeira). O arco e a flecha, o estilingue (bodoque ou funda), atiradeiras (feitas de bambu - para os italianos: sthocariol)

Os carrinhos de lomba, arco e trava, patinete e pernas-de-pau são brinquedos muito difundidos. Os modelos e tamanhos são variados e obedecem às tradições locais.

As tropas de osso, muito comum na campanha, têm similares na cidade com tropas de pedrinhas ou de pequeninas garrafas.

As pandorgas (papagaio, barrilote), ocupam um espaço especial na arte de construção dos brinquedos. Cada região tem características próprias, mas no geral são utilizadas varas de madeira leve ou taquara (bambu), papel fino e resistente (papel encerado ou de seda) e cola. Tanto para a armação quanto para o cordão mestre (cordel) são utilizadas linhas resistentes, fios de nylon ou barbante. O rabo é normalmente feito de tiras de tecido. As pandorgas são geralmente coloridas e muito variáveis no modelo e tamanho.

Nos dias atuais há grande limitação para soltar pandorga em virtude das redes aéreas de eletricidade, telefone e TV a cabo. Para essa brincadeira é necessário uma área livre de fiação, tanto para que a brincadeira possa ser praticada com tranquilidade, quanto para preservação da segurança dos seus praticantes.

## 13. Símbolos do Rio Grande do Sul <sup>51</sup>

<sup>51</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho,- Publicação MTG-RS, 2012. P.77

Os símbolos do estado do Rio Grande do Sul podem ser divididos em dois grupos: cívicos e sociais oficializados.

### 13.1. Símbolos Cívicos

(...) Em 30 de abril de 1838 os farroupilhas tomaram a cidade de Rio Pardo depois de vencerem as tropas imperiais na batalha de Barro Vermelho. Entre os prisioneiros imperiais estava a banda de música do 2º Batalhão de Caçadores, cujo mestre era Joaquim Manuel de Mendanha, mineiro de Itabira do Campo, município de Ouro Preto.

Os farroupilhas determinaram que o mestre da banda aprisionada compusesse uma música comemorativa à vitória farrapa (...) Essa música se transformou no Hino Farroupilha.

Três foram as letras compostas para o hino (...)

A terceira letra, de autoria de Francisco Pinto da Fontoura foi a que permaneceu, transformando-se no Hino do Estado (...).

A Constituição do Estado, aprovada no ano de 1989, define no artigo 6º: “São símbolos do Estado a Bandeira Rio-Grandense, o Hino Farroupilha e as Armas, tradicionais.

## HINO FARROUPILHA

Letra: Francisco Pinto da Fontoura

Música: Joaquim José de Mendanha

Revisão Musical: Antônio Tavares Corte Real

Como a aurora precursora  
do farol da divindade,  
foi o Vinte de Setembro  
o precursor da liberdade.  
Mostremos valor, constância,  
Nesta ímpia e injusta guerra.  
Sirvam nossas façanhas  
De modelo a toda terra,

Mas não basta pra ser livre  
ser forte, aguerrido e bravo,  
povo que não tem virtude  
acaba por ser escravo.  
Mostremos valor, constância,  
Nesta ímpia e injusta guerra.  
Sirvam nossas façanhas  
De modelo a toda terra.

Brasão de Armas:



Bandeira:



### 13.2. Símbolos Sociais Oficializados

Ave	Quero-Quero	Também conhecido como sentinela dos pampas. Canta quando alguém se aproxima.
Vore	Erva -Mate	Árvore que produz a matéria-prima para o chimarrão.
Bebida	Chimarrão	O mate doce também é tradicional.
Planta Medicinal	Marcela ou macela	Chá considerado milagroso para várias doenças. Usado as flores que deve ser colhida, conforme crendice popular, na sexta feira santa antes do sol raiar, ainda com o orvalho sobre a planta.
Flor	Brinco de Princesa	Existe uma grande variedade desta bela flor não só no Rio Grande, mas em várias partes do mundo.
Animal	Cavalo Crioulo	Considerado animal símbolo junto com o quero-quero.
Comida	Churrasco	Original é de carne vacum. Somente muito mais tarde passou-se a usar outros animais como ovelha, frango e porco.
Escultura	O laçador	Fundida em bronze, localizada na av. Farrapos junto ao aeroporto na cidade de Porto Alegre, capital do estado do Rio Grande do sul.

### 14.O Movimento Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central – MTG-PC<sup>52</sup>

O MOVIMENTO TRADICIONALISTA GAÚCHO DO PLANALTO CENTRAL, identificado pela sigla MTG-PC, é uma associação civil e cultural, sem fins lucrativos, com jurisdição na área do Planalto Central Brasileiro, fundada em 30 de novembro de 1991, com duração indeterminada, tendo como filiados os Centros de Tradições Gaúchas e outras entidades tradicionalistas, que se ajustem às especificações de seu Estatuto. O MTG-PC, por sua vez, é filiado à Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha.

Tem como objetivo congregar os CTGs e outras entidades congêneres da região que abrange, compondo um núcleo único, para disciplinar e coordenar as tradições gaúchas no âmbito do Planalto Central, propiciando condições para um trabalho comum, na preservação e difusão da cultura gaúcha.

Abrange os estados de Goiás, Minas Gerais, Oeste da Bahia, Tocantins e Distrito Federal e os estados da Região Nordeste que optarem por fazer parte deste MTG, conforme disposto no Artigo 46 do Estatuto da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG), podendo admitir como filiados os Centros de Tradições Gaúchas (CTG) e entidades congêneres, todos genericamente denominados Entidades.

O MTG-PC é uma **federação**, ou seja, uma entidade regional que compõe a Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha (CBTG). Em 2013 a CBTG extinguiu as federações União Tradicionalista Gaúcha do Rio de Janeiro (UTG-RJ) e União Tradicionalista Gaúcha do Nordeste (UTGN), que organizavam, respetivamente, os CTGs do estado do Rio de Janeiro e os CTGs do Nordeste (menos o oeste da Bahia que sempre pertenceu ao MTG-PC/FTG-PC). Desse modo, ficou autorizado aos CTGs do Nordeste se filiarem ao MTG-PC ou ao MTG-RS. É o caso do CTGs Querência do Gurgueia, da cidade de Bom Jesus do Piauí, Getúlio Dorneles Vargas da cidade de Balsas - MA e Rincão dos Guararapes, da cidade de Recife - PE, que optaram por se filiar ao MTG-PC.

A atual Presidente do MTG-PC é a Sra. Juliana Maris Peixoto Bonato.

#### 14.1. Composição

O MTG-PC é composto dos seguintes órgãos:

I - NORMATIVOS:

a) Congresso Tradicionalista Gaúcho

<sup>52</sup> Estatuto da FTG-PC, Regulamento do Estatuto, Regulamentos Específicos – disponíveis em [www.ftgpc.com.br](http://www.ftgpc.com.br)

É a reunião das entidades em Assembleia Geral para, entre outras funções, promover as alterações no estatuto da entidade e em seu regulamento. Também é nesta oportunidade que ocorre a eleição da Diretoria Executiva e do Conselho Deliberativo.

b) Convenção Tradicionalista Gaúcha;

Entre outras funções, nesta oportunidade são discutidas e aprovadas as alterações dos regulamentos específicos dos Departamentos da Federação (campeiro, artístico, esportivo, etc.)

c) Conselho Deliberativo.

O Conselho Deliberativo é o poder legislativo e deliberativo da entidade, representando a manifestação coletiva dos filiados. Entre outras funções, compete ao Conselho deliberar sobre as contas da entidade, sua organização administrativa, fixar normas para a aplicação dos recursos próprios e decidir, em grau de recurso, sobre os atos da Diretoria Executiva.

## II - ELETIVOS:

a) Assembleia Geral Eletiva

É a reunião bienal dos filiados efetivos para procederem à eleição simultânea, dos membros titulares do Conselho Deliberativo e respectivos suplentes, membros eletivos da Diretoria Executiva e, da Comissão de Ética, esta, em chapa independente.

## III - ADMINISTRATIVOS:

a) Diretoria Executiva;

A Diretoria Executiva é um órgão administrativo do MTG-PC e tem os mais amplos poderes para praticar os atos de gestão, concernentes com os fins e objetivos da entidade. É composta de: Presidente, 1º Vice-Presidente, 2º Vice-Presidente, Secretário-Geral, Tesoureiro-Geral, Secretário-Adjunto, Tesoureiro-Adjunto, Diretor Administrativo, Diretor do Departamento de Cultura e Tradições, Diretor do Departamento Social, do Departamento de Imprensa e Relações Públicas, Diretor do Departamento Artístico, Diretor do Departamento Campeiro, Diretor do Departamento de Esportes, Diretor Jurídico, Departamento Jovem.

b) Regiões Tradicionalistas;

As Regiões Tradicionalistas órgãos de desconcentração territorial do MTG-PC extintas no ano de 2017 no 14º Congresso Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central foram recriadas no Congresso Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central.

Hoje os nossos CTGs se ligam diretamente ao MTG-PC. Os centros de tradições gaúchas são nossas entidades singulares que compõem o nosso MTG. Os CTGs filiados ao MTG-PC são os seguintes:

### 1ª Região Tradicionalista

- CTG Estância Gaúcha do Planalto (Brasília - DF)
- CTG Sinuelo da Saudade (Brasília - DF)
- CTG Nova Querência (Cristalina - GO)
- CTG Jayme Caetano Braun (Brasília - DF)
- CTG Querência Formosa (Formosa - GO)
- CTG Querência de Valparaíso (Valparaíso - GO)

### 2ª Região Tradicionalista

- CTG Nova Querência (Buritis - MG)
- CTG Chama Crioula (Chapada Gaúcha - MG)
- CTG 100 Fronteira (Posse - GO)
- CTG Saudade do Rio Grande (Mambá - GO)

### 3ª Região Tradicionalista

- CTG Saudade dos Pampas (Goiânia - GO)

- CTG Querência Goiana (Jataí - GO)
- CTG Porteira da Saudade (Mineiros - GO)
- CTG Querência de Rio Verde (Rio Verde - GO)
- CTG Porteira das Perobas (Perolândia - GO)
- CTG Alma Farrapa (Jataí - GO)

#### 4ª Região Tradicionalista

- CTG Getúlio Dorneles Vargas (Balsas - MA)
- CTG Sinuelo dos Gerais (Luís Eduardo Magalhães - BA)
- CTG Nova Querência (Palmas - TO)
- CTG Estância do Rio Grande (Barreiras - BA)
- CTG Querência do Gurgueia (Bom Jesus - PI)
- CTG Piquete Tradicionalista Tarumã (Luís Eduardo Magalhães - BA)
- CTG Rio de Ondas (Luís Eduardo Magalhães - BA)
- CTG São Luiz Gonzaga (Luís Eduardo Magalhães - BA)

#### 5ª Região Tradicionalista

- CTG Rincão dos Guararapes (Recife - PE)

#### c) Comissão de Ética.

A Comissão de Ética é um órgão de assessoramento da administração do MTG-PC que tem por objetivo julgar condutas sociais em desacordo com os princípios que fundamentam a vivência tradicionalista e, em especial, que firmam a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

### IV – ASSESSORAMENTO

#### Conselho de Vaqueanos

O Conselho de Vaqueanos é um órgão de assessoramento e aconselhamento da administração do MTG-PC, encarregado de preservar a filosofia original do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

### 14.2. Eventos Oficiais

**CONGRESSO** O Congresso Tradicionalista Gaúcho é a reunião, realizada de dois em dois anos, na no mês de março dos anos ímpares, em Assembleia Geral, das Entidades filiadas efetivas e tem suas finalidades e competências definidas no Estatuto do MTG-PC. Também é um órgão do MTG-PC – tratado no item anterior.

**CONVENÇÃO** – A Convenção Tradicionalista Gaúcha é um órgão do MTG-PC e reúne-se de dois em dois anos, no mês de março, intercalados com o Congresso Tradicionalista Gaúcho, em local fixado na Convenção anterior e suas funções específicas constam no Regulamento do Estatuto do MTG-PC.

**FEGARP** – O Festival Gaúcho de Arte e Tradição do Planalto Central - FEGARP - têm por finalidade a preservação e a valorização das artes e das tradições da cultura gaúcha. É realizado anualmente no mês de julho, preferencialmente na primeira quinzena, em local previamente definido no Calendário Anual de Eventos do MTG-PC. Trata-se de um concurso com várias modalidades artísticas entre as entidades que compõem do MTG-PC.

**RODEIOS CRIoulos E FESTA CAMPEIRA DO MTG-PC** – São promoções campeiras realizadas entre as entidades filiadas ao MTG-PC e/ou MTGs de outros Estados brasileiros que tem, entre outros, o objetivo de promover o intercâmbio através de suas lidas campeiras, integrando os participantes dos CTG's e das Entidades congêneres filiadas ao MTG.

**ENCONTRO ESPORTIVO** - O Encontro Esportivo consiste em uma competição classificatória através da disputa dos Jogos de Bocha, Bolão, Tava, Truco Espanhol (Cego), Truco de Amostra, Solo, TETARFE, Bocha Campeira e tem o objetivo selecionar as Equipes destas modalidades para representar o MTG-PC nos Jogos Tradicionalistas da CBTG.

**CONCURSO DE PRENDAS E PEÕES DO MTG-PC** - O concurso tem por finalidades precípuas: despertar na prenda e no peão o gosto pelas tradições e estimular a gradativa e natural integração no meio tradicionalista, engajando-os no estudo da cultura gaúcha; estimular as prendas e peões a uma participação mais efetiva no Movimento Tradicionalista Gaúcho do Planalto Central; propiciar a formação de lideranças; elevar o nível cultural e intelectual das prendas e peões das Entidades filiadas e, objetivamente, escolher, bienalmente, dentre as candidatas das Entidades filiadas, aquelas que melhor representem as virtudes, a dignidade, a graça, a cultura, os dotes artísticos, a desenvoltura e a expressão da mulher gaúcha e entre os peões aqueles que melhor representem a dignidade, a cultura e as habilidades do homem tradicionalista gaúcho no Planalto Central. As primeiras prendas e os primeiros peões do MTG-PC são os representantes naturais do nosso MTG no Concurso Nacional de Prendas e Peões da CBTG.

**ENCONTRO CULTURAL DE JOVENS DO PLANALTO CENTRAL** - É um encontro entre a juventude tradicionalista do MTG-PC, com intuito de promover a integração e a formação cultural. Ocorre bienalmente e a organização é de responsabilidade dos departamentos Jovem e Cultural.

**ENATCHE** - O Encontro Nacional da Tradição Gaúcha é um evento de caráter nacional, que congrega atividades artísticas, campeiras e esportivas, realizado, anualmente, por ocasião do aniversário do MTG-PC.

## **15.A Confederação Brasileira Da Tradição Gaúcha - CBTG<sup>53</sup>**

### **15.1. Definição, Objetivos e Organização.**

A Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha, denominada também pela sigla CBTG, é a Entidade Maior do Movimento Tradicionalista Gaúcho Brasileiro, cuja essencialidade é valorizar, organizar, defender, promover e representar as tradições e a cultura gaúcha, se caracterizando como uma sociedade civil, sem fins econômicos, com duração indeterminada, fundada em 24 de maio de 1987.<sup>54</sup>

Tem como objetivo:<sup>55</sup>

I - representar, em todo o território nacional e no exterior, a cultura gaúcha, na condição de entidade maior do movimento tradicionalista gaúcho brasileiro;

II - desenvolver, em nível nacional, o Sistema Confederativo do Movimento Tradicionalista Gaúcho, para uma atuação integrada, fidedigna e próspera;

III - definir políticas e diretrizes de atuação do Sistema, que valorizem as manifestações culturais regionais de convívio comum;

IV - promover a cultura, defesa e conservação do patrimônio histórico e artístico, voltando-se, em especial, para a organização e realização de eventos em prol da valorização da cultura, das tradições e do folclore gaúcho em nível nacional.

V - cumprir e fazer cumprir a "Função Social", em todos os níveis do sistema confederativo;

VI - difundir e incentivar, em todo o território nacional, a preservação das tradições gaúchas, bem como as expressões "Movimento Tradicionalista Gaúcho" e "Centro de Tradições

<sup>53</sup> Estatuto da CBTG, Regulamento-Geral, Regulamentos Específicos - disponíveis em [www.cbtg.com.br](http://www.cbtg.com.br)

<sup>54</sup> Estatuto da CBTG, art. 1º.

<sup>55</sup> Estatuto da CBTG, art. 3º.

Gaúchas” e as siglas MTG e CTG, evitando o uso inadequado das mesmas e sua utilização na denominação de entidades não identificadas com o tradicionalismo gaúcho;

VII - incentivar as tradições gaúchas, traçando diretrizes, rumos e princípios cívico-culturais, artísticos e esportivos ao tradicionalismo gaúcho brasileiro;

VIII - orientar as entidades confederadas no sentido de manterem a autenticidade das manifestações gauchescas e a fidelidade às suas origens;

IX- colaborar, pelo interesse público, com os poderes públicos constituídos e com as entidades sociais organizadas;

X - implantar, por si, mediante proposta da Diretoria Executiva, cursos à distância ou presenciais voltados para a preservação da cultura gaúcha e ao desenvolvimento do homem do campo.

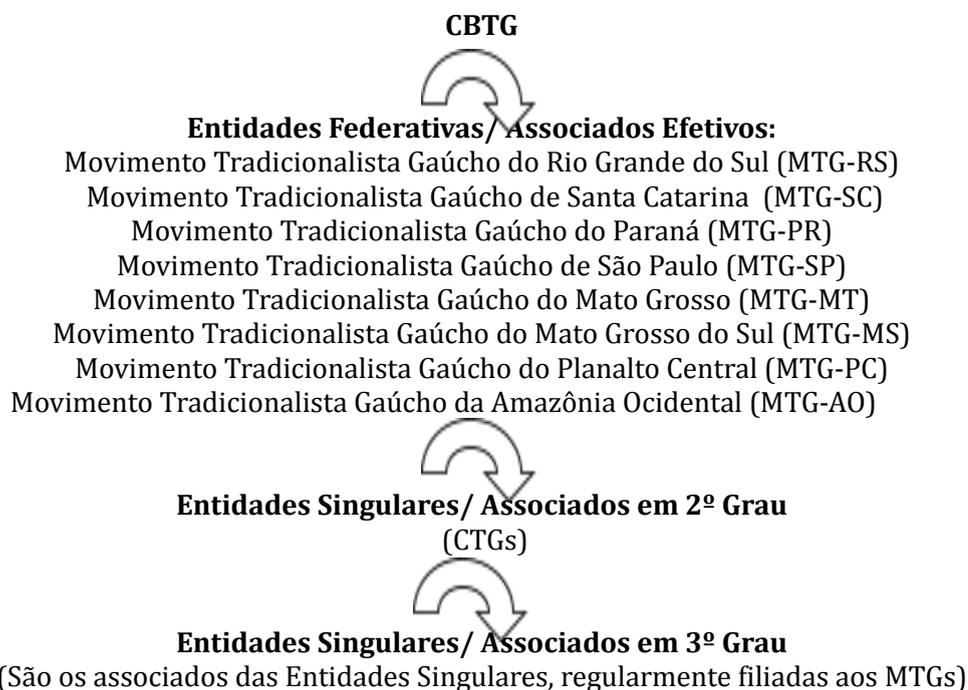
XI - promover a ética, a paz, a cidadania, os direitos humanos, a democracia e outros valores universais.

### 15.2. Composição

A Confederação organiza-se da seguinte maneira<sup>56</sup>: é composta por entidades federativas (Federações) que possuem finalidades similares à CBTG, porém, organizam-se em âmbito estadual e são denominadas pelo prefixo “Movimento Tradicionalismo Gaúcho”, seguido pelo sufixo “nome do Estado” que representam. As entidades denominadas Federação e União são definidas como entidades federativas e, genericamente, serão tratadas como MTG.

As Federações/MTGs representam e congregam as entidades singulares que possuem a finalidade de congregar um quadro social identificado e voltado a desenvolver o Movimento Tradicionalista Gaúcho, no conjunto da sociedade civil onde estão inseridas, e são denominadas pelo prefixo “CTG - Centro de Tradições Gaúchas”, seguido por um sufixo de livre escolha.

O atual Presidente da CBTG é o Sr. João Ermelino Mello, do MTG-MS.



### 15.3. Organização<sup>57</sup>

Os órgãos da Confederação são divididos em Normativos e Administrativos e são os seguintes:

<sup>56</sup> Estatuto da CBTG, art. 7º.

<sup>57</sup> Estatuto da CBTG, art. 16.

I - Normativos

- a) Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha;
- b) Convenção Brasileira da Tradição Gaúcha;
- c) Conselho de Vaqueanos.

II – Administrativos

- a) Conselho Diretor;
- b) Diretoria Executiva;
- c) Junta Fiscal;
- d) Conselho de Ética.

a) **Congresso Brasileiro da Tradição Gaúcha**<sup>58</sup> - É a instância maior de poder da CBTG, composta pelo seu quadro social, reunido em Assembleia Geral. O Congresso reúne-se bianualmente, no último trimestre dos anos ímpares, em local determinado no Congresso anterior, por votação dos Delegados, obedecendo, sempre que possível, ao rodízio entre os MTGs associados. As principais atribuições do Congresso são: traçar e ordenar as diretrizes do Movimento Tradicionalista no Brasil, eleger os ocupantes de cargos eletivos da CBTG, apreciar e deliberar sobre relatório do Conselho Diretor e sobre pareceres da junta fiscal, aprovar a associação de novos filiados à Confederação, modificar o Estatuto da Confederação e extinguir a CBTG, entre outros.

b) **Convenção Brasileira da Tradição Gaúcha**<sup>59</sup> - A Convenção Brasileira da Tradição Gaúcha é a instância secundária de poder da CBTG, integrada pelos membros do Conselho de Vaqueanos, Conselho Diretor, Diretoria Executiva, Conselho de Ética, Junta Fiscal e prendas com faixa e peões com crachá, maiores de 16 anos, todos da CBTG e 4 (quatro) delegados por MTG. Reúne-se bianualmente, nos anos pares, intercaladamente ao Congresso Ordinário e na mesma época. Entre as suas principais atribuições estão: regulamentar a ação político-administrativa da CBTG, aprovar projetos ou reformas do Regulamento Geral da CBTG, assim como dos Regulamentos setoriais da entidade (artístico, campeiro, etc.), votar projetos ou alterações ao Código de Ética da tradição gaúcha, fixar os valores das contribuições a serem pagas pelos associados efetivos.

c) **Conselho de Vaqueanos**<sup>60</sup> - Composto pelos ex-presidente da CBTG, é o órgão consultivo encarregado de preservar a filosofia original do Movimento Tradicionalista Gaúcho, cabendo-lhe - decidir sobre a autenticidade de fatos e eventos do tradicionalismo gaúcho;

d) **Conselho Diretor**<sup>61</sup> - é composto pelos Presidentes e pelos 1º Vice-Presidentes das Entidades Federativas – MTGs. Dentre suas principais atribuições, estão: interpretar e resolver os casos omissos no Estatuto; analisar os processos disciplinares e de admissão de associados à CBTG, submetendo-os à apreciação do Congresso e da Convenção; cumprir e fazer cumprir o Estatuto e Regulamentos da CBTG; apresentar ao Congresso e à Convenção, relatórios de atividades da gestão.

e) **Diretoria Executiva**<sup>62</sup> - é constituída pelo Presidente, 1º Vice-Presidente, 2º Vice- Presidente, 1º Secretário, 2º Secretário, 1º Tesoureiro e 2º Tesoureiro, eleitos no Congresso, com mandato para 2 anos. A diretoria é auxiliada por outros órgãos – ex – Departamento Campeiro, Departamento Artístico, Departamento Cultural, Assessoria Jurídica, etc. Por meio de seu presidente, a Diretoria Executiva coordena toda a atividade da Confederação. As atribuições de cada departamento consta no Regulamento-Geral da CBTG.

<sup>58</sup> Estatuto da CBTG, arts. 17, 19 e 20.

<sup>59</sup> Estatuto da CBTG, arts. 21, 22 e 23.

<sup>60</sup> Estatuto da CBTG, arts. 24 e 25.

<sup>61</sup> Estatuto da CBTG, arts. 27 e 29.

<sup>62</sup> Estatuto da CBTG, art. 30 e Regulamento-Geral arts. 118 e 119, § 1º, alínea b.

f) **Junta Fiscal** <sup>63</sup> - é o órgão de fiscalização contábil, das contas e de todo o movimento financeiro e administrativo da CBTG.

g) **Conselho de Ética** <sup>64</sup> - é um órgão de assessoramento da administração da CBTG, que tem por objetivo coibir condutas sociais em desacordo com os princípios que fundamentam a vivência tradicionalista e, em especial, que firmam a Carta de Princípios do Movimento Tradicionalista Gaúcho.

#### 15.4. Eventos Oficiais

**CONCURSO NACIONAL DE PRENDAS E PEÕES** - As principais finalidades do concurso são: valorizar a cultura popular brasileira, através do Movimento Tradicionalista Gaúcho; valorizar os militantes do Movimento Tradicionalista Gaúcho, em particular a sua juventude, através de concurso de Prendas e Peões, que reúnam o melhor nível de conhecimentos teóricos e práticos sobre a cultura gaúcha brasileira, demonstrem maiores habilidades artísticas e campeiras e uma abrangente e realizadora vivência no Movimento Tradicionalista Gaúcho com sua participação na promoção e no desenvolvimento da cidadania brasileira; propiciar a formação de lideranças. E, objetivamente distinguir as primeiras prendas e os primeiros peões da Confederação Brasileira da Tradição Gaúcha.

**FENART** - O Festival Nacional de Arte e Tradição Gaúcha (FENART) é uma competição artística bienal entre os MTG's/Federações filiados à CBTG, representadas nas provas por associados regulares. É realizado na 2ª quinzena do mês de janeiro, ou eventualmente, na segunda quinzena do mês de julho, estando a critério do promotor do evento a escolha da data. Trata-se de um Concurso de Provas Individuais e Coletivas, versando sobre cultura brasileira e tem a sua essencialidade na valorização e na promoção da cultura gaúcha, preservação e promoção das artes, das tradições e do folclore e se desenvolve através de cinco (05) modalidades, a saber:

- I - Danças Tradicionais;
- II - Chula;
- III - Música;
- IV - Causo e Declamação;
- V - Danças Birivas.
- VI. - Dança de Salão.

**RODEIO CRIOULO NACIONAL DE CAMPEÕES** - É uma competição bienal entre os MTG's/Federações filiados à CBTG, também definidos como "entidades concorrentes", representadas nas provas por associados regulares, também denominados de "participantes" e será realizado na 2ª quinzena do mês de janeiro ou, eventualmente, na 2ª quinzena do mês de julho, estando a critério do promotor do evento a escolha da data. Os participantes serão os Campeões dos MTG's/Federações classificados através de sistema de competição campeira, organizada internamente pelas respectivas entidades concorrentes.

**JOGOS TRADICIONALISTAS** - Consistem num concurso entre os MTG's/Federações regularmente filiados à CBTG, através da disputa de um conjunto de Modalidades Esportivas e são realizados bienalmente, em data e local previamente definidos no Calendário de Eventos da CBTG. Normalmente são realizados no mês de janeiro, paralelamente ao Rodeio Crioulo Nacional de Campeões e FENART. Estes jogos têm função de valorizar e promover a cultura gaúcha, primam pela preservação das Tradições e do Folclore e se desenvolverão em 08 (oito) modalidades, a saber: Bocha - (Regra Mundial / Ponto-Rafa-Tiro), Bolão, Tava, TETARFE, Truco Cego, Truco de Amostra, Solo, Bocha Campeira.

---

<sup>63</sup> Estatuto da CBTG, art. 31.

<sup>64</sup> Estatuto da CBTG, art. 33.

## **16.Noções de Cerimoniais – Eventos Tradicionalistas<sup>65</sup>**

### **16.1. Ordem de Precedência Tradicionalista**

A ordem de precedência das autoridades se dá nesta sequência:

- Presidente CBTG;
- Presidente do MTG;
- Cardeais;
- Autoridades Estaduais;
- Autoridades Municipais;
- Coordenadores das Regiões, quando houver (na ordem, pela 1ª RT);
- 1ª Prenda;
- 1º Peão Tropeiro;
- Diretores (começando pelos cargos eletivos, secretário e tesoureiro);
- 1ª Prenda Juvenil;
- 1º Peão Tropeiro Juvenil;
- 1ª Prenda Mirim;
- 1º Peão Tropeiro Mirim;
- Padre e Pastores;
- Demais Patrões de CTGs;
- Demais primeiras prendas dos CTGs;
- Demais peões dos CTGs.

### **16.2. Ordem para compor a mesa de honra**

- Presidente do MTG,
- Presidente da CBTG (se estiver presente),
- Maior autoridade civil presente;
- Coordenador Regional, para os MTGs que possuem Regiões Tradicionalistas;
- Patrão da entidade;

(SEGUE A COMPOSIÇÃO NA ORDEM DE PRECEDÊNCIA)

### **16.3. Regras sobre a composição da mesa**

- As pessoas são colocadas a partir do centro, à direita e à esquerda. A posição parte de quem está sentado à mesa e não de quem está na plateia.
- Ideal que a mesa seja composta por um número pequeno de pessoas, de preferência em número ímpar.
- Sempre que possível, as mulheres não devem ocupar as extremidades da mesa diretiva.

### **16.4. Ordem de Pronunciamentos**

Os pronunciamentos obedecerão à ordem INVERSA a precedência das autoridades.

### **16.5. Disposição das Bandeiras**

16.5.1. Quando o número de bandeiras for par:

a) As bandeiras do Brasil e do estado cede formarão o centro, ficando a do estado cede à esquerda da do Brasil. As demais bandeiras (começando pela do RS), pela ordem de precedência postam-se sucessivamente à direita e à esquerda das duas que formam o centro. Se tiver a bandeira de outro estado colocar à direita da bandeira do Brasil.

b) Em eventos promovidos pelo MTGPC, à bandeira do MTGPC se posta à direita da bandeira do Rio Grande do Sul.

c) Na sequencia coloca-se as bandeiras das RTs.

<sup>65</sup> LUCAS, Nara Regina Severo Lucas – Diretora Social da CBTG –Gestão 2009/2011, elaborado para compor este material.

d) As bandeiras dos CTG são colocadas por ordem de antiguidade de criação do CTG.

16.5.2. Quando o número de bandeiras for ímpar:

- a) A bandeira do Brasil forma o centro.
- b) As demais bandeiras, pela ordem de precedência postam-se sucessivamente à direita e a esquerda da Bandeira do Brasil.

Obs: considera-se a direita do dispositivo de bandeiras, à direita de uma pessoa colocada junto ao dispositivo e voltada para a rua, para a plateia ou, de modo geral, para o público que observa o dispositivo.

## **16.6. Execução dos Hinos nas Cerimônias Tradicionalistas**

- As cerimônias tradicionalistas terão início propriamente dito com a execução do Hino Nacional Brasileiro e Hino Tradicionalista e serão encerradas com a execução do Hino Rio-grandense.
- Ao anunciar a execução dos Hinos, deverá ser informado os autores da letra e da música.

## **17. Indumentária**

### **17.1. Considerações Iniciais.**

Conforme determina o Regulamento-Geral da CBTG, as obras de referência para indumentárias são as constante em seu art. 159, vejamos:

Art. 159. Para efeito de uso de Pilchas a CBTG usará como referência as seguintes obras:

- I. Manual de Pilchas do Rio Grande do Sul, edição 2004 e suas diretrizes
- II. O Gaúcho - danças, trajes, artesanato - J.C. Paixão Côrtes
- III. Ponto & Pesponto da Vestimenta da Prenda - J.C. Paixão Côrtes e Marina M. Paixão Côrtes
- IV. Tropeirismo Biriva - Gente, Caminhos, Danças e Canções - J.C. Paixão Côrtes
- V. A Moda - Alinhavos & Chuleios - J.C. Paixão Côrtes e Marina M. Paixão Côrtes

Para estudo deste material, abordaremos apenas o traje atual e utilizaremos as diretrizes de pilcha do MTG-RS nos seus trechos relativos a traje atual - que figura como referência para uso de indumentária, conforme posição do Departamento Cultural da CBTG.

### **17.2. Diretrizes para a Pilcha Gaúcha <sup>66</sup>**

(Aprovadas na 76ª Convenção Tradicionalista Gaúcha – 30 de julho de 2011)

Art. 1º - O Movimento Tradicionalista Gaúcho, cumprindo o que determina o parágrafo único do Art. 1º da Lei nº 8.813 de 10 de janeiro de 1989, reunido em Convenção Ordinária, na cidade de Taquara, no mês de julho do ano de 2011, resolveu alterar as DIRETRIZES para a pilcha gaúcha, com fim de complementá-las e torná-las mais claras.

Art. 2º - DA PILCHA PARA ATIVIDADES ARTÍSTICAS E SOCIAIS: Indumentária a ser utilizada nas atividades cotidianas, apresentações artísticas e participações sociais, tais como bailes, congressos, representações, etc.

#### **17.2.1. PILCHA MASCULINA**

- a) BOMBACHAS:
  - 1) Tecidos: brim (não jeans), sarja (lã), linho, algodão, oxford, microfibra.

<sup>66</sup> [http://ideiailta.com.br/clientes/mtg/docs/DOCUMENTOS/2\\_0\\_DIRETRIZ\\_PILCHA.pdf](http://ideiailta.com.br/clientes/mtg/docs/DOCUMENTOS/2_0_DIRETRIZ_PILCHA.pdf)

2) Cores: claras ou escuras, sóbrias ou neutras, tais como marrom, bege, cinza, azul-marinho, verde-escuro, branca, fugindo as cores agressivas, fosforescentes, fugindo das cores contrastantes e cítricas, como vermelho, amarelo, laranja, verde-limão, cor-de-rosa.

3) Padrão: liso, listradinho e xadrez discreto.

4) Modelo: cós largo sem alças, dois bolsos na lateral, com punho abotoado no tornozelo.

5) Favos: O uso de favos e enfeites de botões (devem ser do tamanho daqueles utilizados nas camisas, vedados os de metal) depende da tradição regional. As bombachas podem ter, nos favos, letras, marcas e botões. Quando usar favos, deverão ser da mesma cor e tecido da bombacha. Os desenhos serão idênticos em uma e outra perna.

6) Largura: com ou sem favos, coincidindo a largura da perna com a largura da cintura, ou seja, uma pessoa que use sua bombachas no tamanho 40, automaticamente deverá ter, aproximadamente, uma largura de cada perna de 40 cm de tal forma que não seja confundida com uma calça.

7) Uso: As bombachas deverão estar sempre para dentro das botas

8) Vedações: É vedado o uso de bombachas plissadas e coloridas.

#### b) CAMISA:

1) Tecido: preferencialmente algodão, tricoline, viscose, linho ou vigela, microfibra( não transparente), oxford.

2) Padrão: liso ou riscado discreto.

3) Cores: sóbrias, claras ou neutras, preferencialmente branca. Evitando cores agressivas e contrastantes.

4) Gola: social (ou seja, abotoada na frente, em toda a extensão, com gola atual, com punho ajustado com um ou mais botões).

5) Mangas longas: para ocasiões sociais ou formais, como festividades, cerimônias, fandangos, concursos.

6) Mangas curtas: para atividades de serviço, de lazer e situações informais.

7) Camiseta de malha ou camisa de gola pólo: exclusivamente para situações informais e não representativas. Podem ser usadas com distintivo da Entidade, da Região Tradicionalista e do MTG.

8) Vedações: Vedado o uso de camisas de cetim e estampadas.

#### c) BOTAS:

1) Material: de couro liso

2) Cores: preto, marrom (todos os tons) ou couro sem tingimento.

3) Cano: a altura do cano varia de acordo com a região. Normalmente o cano vai até o Joelho.

4) Solado: o solado deve ser de couro, podendo ter meia sola de borracha ou latex. A altura máxima de um centímetro.

5) Botas “garrão de potro”: são utilizadas exclusivamente com trajes de época.

6) Vedações: é vedado o uso de botas brancas. Proibidos quaisquer tipos de bordados ou palavras escritas nas botas.

#### d) COLETE:

1) Uso: se usar paletó poderá dispensar o colete.

2) Modelo: tradicional, sem mangas e sem gola, com uma única carreira de botões na frente, podendo ser abotoado, ou não. Com a parte posterior (costas) de tecido leve, ajustado com fivela, de uma cor só, no comprimento até a altura da cintura.

3) Cor: da mesma cor das bombachas, podendo ser tom sobre tom.

4) Tecido: mesmo tecido e cor das bombachas.

#### e) CINTO (GUAÍACA):

1) Material: de couro.

2) Guaiacas: de uma a três guaiacas internas ou não.

3) Fivelas: uma ou duas fivelas frontais com, no mínimo, sete cm de largura.

4) Cinto de couro cru: com ou sem guaiacas, mas sempre com uma ou duas fivelas frontais com, no mínimo, sete cm de largura.

5) Vedação: Cinto com rastra (enfeite de metal com correntes na parte frontal).

f) CHAPÉU:

1) Material: de feltro ou pelo de lebre.

2) Abas: a partir de 6 cm.

3) Copa: de acordo com as características regionais.

4) Barbicacho: de couro ou crina, podendo ter algum enfeite de metal e, ou fivela para regulagem.

5) Vedação: é vedado o uso de boinas e bonés.

g) PALETÓ:

1) Uso: usado especialmente para ocasiões formais.

2) Cor: A combinação de cor, com as bombachas, deve ser harmoniosa, evitando cores contrastantes.

3) Vedações: é vedado o uso de túnicas militares substituindo o paletó.

h) LENÇO:

1) Cores: vermelho, branco, azul, verde, amarelo e carijó (nas cores citadas e ainda, marrom e cinza).

2) Tamanho: no caso do uso com algum tipo de nó, com a medida de 25 cm a partir deste. Com o uso do passador de lenço, com a medida de 30 cm a partir deste.

3) Passadores: de metal, couro ou osso.

i) FAIXA:

1) Uso: opcional.

2) Cor: lisa, na cor vermelha ou preta de for de lã. Bege cru se for de algodão.

3) Largura: de 10 a 12 cm.

j) PALA:

1) Uso: opcional.

2) Tamanho: tamanho padrão, com abertura na gola.

3) Opções: poderá ser usado no ombro, meia-espalda, atado da direita para a esquerda, com todos os trajes.

k) ESPORAS:

1) Uso: trata-se de peça utilizada nas lides campeiras. É admissível o uso nas representações coreográficas de danças tradicionais.

2) Vedação: é vedado o uso em bailes e fandangos.

l) FACA:

1) Uso: é opcional, para grupos adultos, veteranos e no ENART, nas apresentações artísticas.

2) Tamanho: de 15 a 30 cm de lâmina.

3) Vedação: é vedado o uso nas atividades sociais, exceto apresentações artísticas.

#### 17.2.2. PILCHA FEMININA

a) SAIA E BLUSA OU BATA:

1) Saia: com a barra no peito do pé, godê, meio-godê ou em panos.

2) Blusa ou bata: de mangas longas, três quartos ou até o cotovelo (vedado o uso de “boca de sino” ou “morcego”), decote pequeno, sem expor os ombros e os seios, podendo ter gola ou não.

3) Bordados e pinturas: se utilizados, devem ser discretos. As pinturas com tintas para tecidos.

4) Tecidos: lisos. Nas Blusas ou batas, mais encorpados.

5) Cores: escolher cores harmoniosas e lisas, esquecendo as cores fortes, proibidas as cores berrantes e fosforescentes.

6) Cuidados: Nas apresentações artísticas, o traje feminino deve representar a mesma classe social do homem.

7) Vedações: enfeites dourados, prateados, pinturas à óleo e purpurinas.

b) SAIA E CASAQUINHO:

1) Saia: com a barra no peito do pé, godê, meio-godê ou em panos.

2) Casaquinho: de mangas longas (vedado o uso de mangas “boca de sino” ou “morcego”), gola pequena e abotoado na frente.

3) Bordados e pinturas: se utilizados, devem ser discretos. As pinturas com tintas para tecidos.

4) Tecidos: lisos. Nas Blusas ou batas, mais encorpados.

5) Cores: escolher cores harmoniosas e lisas, esquecendo as cores fortes, proibidas as cores berrantes e fosforescentes.

6) Cuidados: Nas apresentações artísticas, o traje feminino deve representar a mesma classe social do homem.

7) Vedações: enfeites dourados, prateados, pinturas à óleo e purpurinas.

8) Roupa de época: a saia deve ser lisa. O casaquinho poderá ter bordados discretos.

c) VESTIDO:

1) Modelo: Inteiro e cortado na cintura ou de cadeirão ou ainda corte princesa com barra da saia no peito do pé, corte godê, meio-godê, franzido, pregueado, com ou sem babados.

2) Mangas – longas, três quartos ou até o cotovelo, admitindo-se pequenos babados nos punhos, sendo vedado o uso de “mangas boca de sino” ou “morcego”.

3) Decote – pequeno, sem expor ombros e seios.

4) Enfeites – de rendas, bordados, fitas, passa-fitas, gregas, viés, tranelim, crochê, nervuras, plisses, favos. É permitida pintura miúda, com tintas para tecidos. Não usar pérolas e pedrarias, bem como, os dourados ou prateados e pintura a óleo ou purpurinas.

5) Tecidos - lisos ou com estampas miúdas e delicadas, de flores, listras, petitpoa e xadrez delicado e discreto. Podem ser usados tecidos de microfibra, crepes, oxford. Não serão permitidos os tecidos brilhosos, fosforescentes, transparentes, slinck, lurex, rendão e similares.

6) Cores – devem ser harmoniosas, sóbrias ou neutras, evitando-se contrastes chocantes. Não usar preto, as cores da bandeira do Brasil e do RS (combinações).

7) Na categoria mirim: não usar cores fortes (ex: marrom, marinho, verde escuro, roxo, bordô, pink, azul forte).

d) SAIA DE ARMAÇÃO:

1) Modelo: Leve e discreta, se tiver bordados, estes devem se concentrar nos rodados da saia, evitando-se o excesso de armação.

2) Cor: branca.

3) Comprimento: deve ser inferior ao do vestido.

e) BOMBACHINHA:

1) Modelo: de tecido, com enfeites de rendas discretas.

2) Cor: Branca

3) Comprimento: abaixo do joelho, sempre mais curta que o vestido.

f) MEIAS:

1) Cor: branca ou bege

2) Comprimento: longas o suficiente para não permitir a nudez das pernas.

g) SAPATOS e BOTINHAS:

1) Cores: preta, marrom (vários tons de marrom) e bege.

2) Salto: de até 5 centímetros.

3) Modelo: com tira sobre o peito do pé, que abotoe do lado de fora.

4) Vedações: proibido o uso de sandálias e sapatos abertos.

h) CABELOS:

1) Arrumação: podem ser soltos, presos, semi-presos ou em tranças. Para prendas adultas e veteranas é permitido o coque.

2) Enfeites: com flores naturais ou artificiais, pequeno passador (travessa) para prendas adultas e juvenis.

3) Vedações: vetados os brilhos, purpurinas e peças de plástico.

i) MAQUIAGEM:

Discreta, de acordo com a idade e o momento social.

j) JÓIAS:

1) Cuidados: devem ser sempre discretas, de acordo com a idade, a classe e o momento social.

2) Uso da pérola: São permitidas as jóias e semi-jóias com uso de pérolas, nas cores branco, rosado, creme e champanhe, nos brincos, anéis e camafeus.

3) Uso de Pedras: permitido, desde que sejam discretas.

k) OBSERVAÇÕES:

1) A Categoria Mirim (masculino e feminino) usará pilcha de acordo com o que prescreve o “Livro de Indumentárias”, editado pelo MTG.

2) Nas apresentações artísticas, o traje feminino deve representar a mesma classe social e a mesma época retratada na indumentária do homem.

## 18. Lidas Campeiras (Apenas para o concurso de peões)

### 18.1. Equinos e Encilhas<sup>67</sup>

Encilhar é colocar os arreios no animal. A encilha se compõem de várias peças colocadas sobre o lombo dos animais, com vistas à montaria. Aquele que encilha é denominado encilhador. Denominam-se aperos as partes dos arreios que servem para o governo, segurança e ornamento do animal (rédeas, cabeçada, cabresto, buçal, peitoral, rabicho, maneia, etc.), muitas vezes os termos aperos e arreios são utilizados como sinônimos.

Equinos, para o que nos interessa nesse pequeno Manual, são os cavalos e os burros e suas fêmeas, as éguas e as mulas.

O cavalo (do latim, *caballu*), quando não castrado, denomina-se garanhão ou bagual, os filhotes chamamos de potrilhos. O cavalo novo, macho, se chama potro, a fêmea é potranca.

O burro ou asno (*Equus africanus asinus*) também é chamado de jumento, jegue, jerico ou asno-doméstico (especialmente no nordeste do Brasil) possui focinho e orelhas compridas. O porte é variável, normalmente menor do que os cavalos de estatura normal. São utilizados desde os tempos pré-históricos como animais de carga, mas também são utilizados como animais de montaria, especialmente para cavalgadas.

As mulas (feminino de burro) é um animal resultante do cruzamento do Burro com a égua e se trata de um animal estéril (não fértil) – que não produz filhotes.

Os cavalos foram introduzidos na América do Sul pelos portugueses e pelos espanhóis, depois do descobrimento. Na região Sul, especialmente Argentina, Uruguai e Rio Grande do Sul, os cavalos foram introduzidos pelos espanhóis a partir do ano 1536 e foram se reproduzindo e se espalhando a ponto de que, em 1580, já havia manadas de cavalos chimarrões (xucros) tanto na pampa uruguaia quanto na sul-rio-grandense. Quando chegaram os padres jesuítas (1626) já encontraram os índios charruas e minuanos montando cavalos.

<sup>67</sup> SAVARIS, Manoelito Carlos - Manual de Tradicionalismo Gaúcho,- Publicação MTG-RS, 2012. P.94.

A atividade pastoril dos gaúchos, tendo no gado a sua principal riqueza, só foi possível graças à utilização do cavalo. Nas guerras de fronteira o cavalo, igualmente, desempenhou papel fundamental.

Para o gaúcho primitivo o cavalo era importante e imprescindível ao ponto de não se entender o gaúcho da campanha apartado de seu cavalo. Por conta dessa característica, o gaúcho foi chamado "centauro dos pampas" (o centauro é uma figura mitológica constituído de meio cavalo e meio homem). (...)

Para o gaúcho, não importa muito qual a raça do cavalo, mas a sua utilidade e adequação à atividade. As características de cada raça determinarão a sua principal utilidade: uns são mais altos, outros mais rápidos, outros mais resistentes e outros mais dóceis. Não se pode afirmar que tal raça é melhor. Pode-se, no entanto, se dizer que para tal atividade a raça que mais se adapta é essa ou aquela.

O cavalo Crioulo (junto com o quero-quero, animal símbolo do Rio Grande do Sul) é resultado do aprimoramento genético dos cavalos trazidos da Europa para a pampa, apresentando características muito adequadas para a lida com o gado, rústicos, fortes e hábeis nas manobras rápidas em espaços reduzidos.

## **18.2. Conceitos de atividades campeiras <sup>68</sup>**

**RODEIO:** Parar rodeio é a atividade que se constitui em juntar todo o gado. Dele determinam-se várias atividades: vistoria, vacinação, banho, etc. Outra finalidade do rodeio é, aos poucos, habituar os animais bravos a serem pastoreados e conduzidos conforme a vontade do homem.

**APARTE:** Constitui-se na seleção das várias cabeças de gado que devem ser apartadas do rebanho para:

- abate (os animais mais velhos e os de desfrute);
- procriação (novilhas e fêmeas destemeiradas);
- marcação (terneiros machos e fêmeas da safra do ano).

**BANHO:** É realizado para evitar que o rebanho fique à mercê de carrapatos e que sejam os animais molestados pelas moscas que, com o aumento da temperatura, proliferam assustadoramente e inocula no gado a larva do berne.

**VACINAÇÃO:** É a tarefa sanitária e de prevenção. Usam as seguintes vacinas: Aftosa, Carbúnculo, Brucelose, Verminose, etc.

**ORDENHA:** Realizada diariamente, representa o ato de tirar o leite das vacas.

**BOI PARA TRAGO:** Quando o boi completo três anos, pouco mais ou menos, começa a ser preparado para a tração do arado ou de carreta. Depois de preparado, ao animal colocado sobre a nuca o "jugo", ou então a canga, aparelho colocado na parte posterior dos chifres do boi amarrado com as conjuntas. Ai, ele já tem um companheiro que o ajuda a levar a canga e ou o jugo. As cangas são mais usadas na fronteira de nosso Estado.

**CASTRAÇÃO:** Ato de "beneficiar" os animais machos que NAO SERÃO usados como reprodutores. É uma pequena cirurgia para extirpar os testículos dos novilhos.

**ESQUILA:** Ato de cortar a lã dos ovinos. Na esquila cuidam para que o "velo" seja retirado inteiro e não em pedaços. A lã das patinhas e da barriga ficam separadas do velo e são chamadas "garras". Toda a lã colocada em "bolsas", para ser levada à comercialização, geralmente às cooperativas de lã.

---

<sup>68</sup> MOA, Roxelana Grazielle – Guia de Estudos para Prendas e Peões, Extrato. Santa Catarina, 2005 (material utilizado pela CBTG nos concursos de 2010 e 2011), p. 130.

### 18.3. Trabalho com Cavalos <sup>69</sup>

Até hoje, muito embora algumas tentativas, o cavalo ainda não pode ser substituído por máquinas nas lidas de campo. Estas a ajudam. Estas ajudam muito, mas ainda não podem fazer o que o cavalo faz, como por exemplo, um aparte no rodeio ou numa porteira de manguieira. Além disso, o cavalo é o ingrediente que maiores belezas e alegrias produzem dentro dos trabalhos de uma estância. É belo, é ágil, é inteligente, é dócil, é veloz, é forte, enfim nos proporciona momentos de verdadeiro encantamento, principalmente quando, em seu lombo, praticamos as mais difíceis, porém mais emotivas e alegres lidas, como o tiro de laço e o aparte, que hoje os “Crioulistas” apelidaram de “Paleteada”.

Convença-se, pois, que você jamais poderá deixar de possuir alguns, para poder desempenhar a contento suas atividades e, sobretudo, para poder usufruir a felicidade que eles, sem dúvida alguma, vão proporcionar-lhe. Confira e verá!

#### 18.3.1. Raças

Existem muitas raças. Aqui no Estado cria-se: Inglês, Árabe, Crioulo, Quarto de Milha, Manga larga, Percheron, etc.

Suas principais características são:

- a) Inglês- Muito altos, extremamente velozes, não se prestam muito para a lida campeira, são apropriados para carreiras de tiro longo;
- b) Árabe- Altos, muito ágeis, finos de corpo, belíssimos, porém também não são aconselháveis para o campo porque são extremamente nervosos e exageradamente delgados;
- c) Crioulo- São os mais rústicos dos aqui enumerados, engordam em qualquer campo, são pequenos, mas grossos e fortes, favorecendo as manobras rápidas e em espaços reduzidos, não dependem de trato suplementar além do campo. São os cavalos ideais para serviços com o gado;
- d) Quarto de Milha- Muito velozes em tiros curtos de até 400 metros, prestam-se muito bem para o tiro de laço, porém perdem para o Crioulo na rusticidade porque dependem, sempre, de alguma ração suplementar além do campo. São um pouco maiores que os Crioulos;
- e) Manga Larga- Boníssimos para longas viagens, em face do seu bom conforto e da velocidade que desempenham, geralmente são “marchadores” o que os fazem perder para o Crioulo num espaço vital: o pique da arrancada. O Crioulo, por ser geralmente de trote, arranca com mais rapidez em face da posição das patas que, no trote, estão mais próximas umas das outras;
- f) Percheron- Insuperável na força são apropriados para tração.

Diante das principais características enumeradas acima você naturalmente já deduziu a raça que mais lhe convém.

#### 18.3.2. Pêlos

Já que dedicamos um capítulo aos Cavalos, seria imperdoável não falarmos sobre os seus variadíssimos pêlos. Dado a sua grande importância, dedico-lhe em capítulo especial.

O assunto é polêmico porque encerra muitas diferenças entre várias regiões do Rio Grande. Além disso, existe ainda, enorme discrepância entre as linguagens militar ou turfistas e a da gauchada campeira, que jamais chamou o cavalo zaino de castanho...

Por outro lado alguns animais possuem em seu corpo mais de uma pelagem, o que dificulta a identificação.

É oportuno lembrarmos, também, que até um ano e meio a dois anos de idade alguns equinos mudam a pelagem, só atingindo a definitiva a partir daí.

Como me propus, neste modesto trabalho, a transmitir aos leigos alguns ensinamentos, coerentemente permanecerei dentro desta linha, respeitando sempre o regionalismo crioulo.

São, pois, os seguintes pelos que conheço:

---

<sup>69</sup> FERREIRA, Cyro Dutra - Campeirismo Gaúcho Orientações Práticas – (Porto Alegre: Fundação Cultural Gaúcha – MTG), P.21

- ALAZÃO: vermelho- claro alaranjado.
  - AZULENGO: azulado, com uma ou outra mancha branca.
  - BAI0: cor de café-com-leite fraco.
  - BAI0 CABOS- NEGROS: com pernas, crina e cola pretas.
  - BAI0 ENCERADO: café-com-leite forte e manchas arredondadas e levemente mais escuras.
  - BAI0 RUANO: café-com-leite bem desmaiado e crina e cola brancas.
  - BRANCO: totalmente branco.
  - BRAGADO: totalmente coberto de manchas brancas, vermelhas ou pretas embaralhadas e indefinidas, dando a aparência de um buquê de flores.
  - COLORADO: vermelho
  - COLORADO PINHÃO: vermelho carregado, quase encarnado.
  - DOURADILHO: vermelho bem claro, que brilha quando exposto ao sol.
  - GATEADO: café-com-leite forte ou marrom fraco.
  - GATEADO ROSILHO: com pintinhas brancas.
  - LUBUNO: cinza.
  - MALACARA: geralmente cavalos vermelhos que tiverem, à frente da cabeça, uma mancha vertical, dos olhos até o focinho (outros pelos que tiverem a mesma mancha normalmente não são tratados como Malacara).
  - MOUR0: pequenas pintas brancas sobre o fundo preto.
  - OVEIRO: manchas grandes, brancas, vermelhas ou pretas, arredondadas.
  - PAMPA: o cavalo que tiver toda a cabeça branca.
  - PANGARÉ: café-com-leite, com barriga e focinho brancos.
  - PICAÇO: todo preto com qualquer mancha branca em qualquer lugar.
  - PRETO: totalmente preto.
  - ROSILHO: pintas brancas sobre o fundo vermelho.
  - ROSILHO PRATEADO: rosilho, com a anca quase branca.
  - ROSADO: é como na Serra denominam o Bragado.
  - RUANO: vermelho claro e crinas e cola brancas.
  - TOBIANO: faixas largas e bem definidas, brancas e vermelhas ou brancas e pretas, em geral dispostas verticalmente.
  - TOBIANO ROSILHO: quando as faixas forem rosilhas.
  - TOBIANO MOUR0: quando as faixas forem do pelo mouro.
  - TORDILHO: fundo branco com pintas levemente mais escuras, de um branco sujo.
  - TORDILHO NEGRO: fundo branco com pintas de um preto desmaiado.
  - TORDILHO VINAGRE: fundo branco sob pintas marrons.
  - TOSTADO: cor de castanha madura.
  - TOSTADO RUANO: cor de castanha madura e crinas e cola brancas.
  - ZAINO: marrom escuro.
  - ZAINO CRUZADO: marrom escuro e duas patas brancas, desencontradas.
  - ZAINO NEGRO: quase preto.
  - ZAINO PINHÃO: puxado à cor de pinhão maduro.
  - ZAINO TAPADO: o que não tem qualquer pinta branca.
- Alguns animais possuem de 1 a 4 canelas brancas, independentemente da sua pelagem geral, estes são chamados de “calçados” (gateado calçado das 4 patas, etc.).

## ANEXO

### Considerações sobre a prova de Artesanato e Culinária

O material que segue sobre as referidas provas serve apenas como uma orientação para a **prova oral**. Portanto, **não cai na avaliação escrita**. É importante destacar que o artesanato não precisa se limitar aos sugeridos neste trabalho. Da mesma maneira, as atividades culinárias também não. O concorrente pode pesquisar outras bibliografias ou apresentar trabalhos referentes à sua região.

Destaca-se que a execução prática é complementar – o objetivo principal da avaliação é a contextualização e o conhecimento sobre a atividade a ser desenvolvida que deverá ser demonstrada em exposição oral e questionada pelos avaliadores.

### ORIENTAÇÕES PARA CULINÁRIA

FONTE: MTG/RS, disponível em [www.mtg.org.br](http://www.mtg.org.br)

Elaboração: Lílian Argentina Braga Marques e Sônia Campos – Folcloristas

A natureza do Brasil ofereceu, tanto a seus habitantes primitivos como aos colonizadores (que, aqui aportaram) grande variedade de alimentos. Outros aclimataram-se, por introdução dos portugueses, ao fazer roças, hortas e fomentar criações domésticas (galinhas, porcos, ovelhas, cabras, gado vacum).

Especiarias, sal, açúcar foram valiosas contribuições trazidas pelo português à cozinha brasileira.

Segundo Câmara Cascudo (História da Alimentação no Brasil) “todos os pratos nacionais são resultantes de experiências construídas lentamente, fundamentadas na observação e no paladar”. Maneiras de preparar a comida, receitas, utensílios empregados, tudo mesclou-se e adaptou-se às possibilidades do meio.

Heranças ameríndias, bem como africanas, transformaram-se, ajustaram-se ao tempero e ao sabor portugueses, às exigências dos utensílios da cozinha europeia, ao fogão, ao forno.

Inúmeros pratos conservam, ainda, nome indígena ou africano; mas quase nada existe de autêntico na substância real.

Quanto a outras influências, observa o autor citado: “...houve um processo da aculturação contínuo na cozinha brasileira que ainda não terminou, pois está sendo enriquecido por inúmeros grupos migratórios.

Na alimentação do sul-rio-grandense, além das contribuições dos colonos de várias etnias, verifica-se a introdução de pratos internacionais, especialmente em área urbana, em restaurantes diferenciados.

Para o estudo da cozinha gaúcha, devem-se considerar as particularidades regionais: a Praiana (à base de produtos do mar); a cozinha da Campanha e Missões (predominando as carnes vacum e ovina); a da região dos Campos de Cima da Serra (onde o pinhão tem presença e o café com graspa sobrepõem-se ao chimarrão).

O churrasco, assimilado por diversos grupos, é largamente apreciado, reunindo pessoas em dias festivos. O arroz “carreteiro” aparece em quase todo o Estado.

**É herança indígena na cozinha gaúcha:** utilização da mandioca e de seus produtos (farinha, tapioca, beju, pirão, mingau); uso do milho assado, cozido e seus derivados (canjica, pamonha, pipoca, farinha); aproveitamento de plantas nativas (abóbora, amendoim, cará, batata-doce, banana, ananaz), cozimento dos alimentos na tucuruva (trempe de pedras) e no moquéim (grelha de varas) para assar carne ou peixe; preparo do peixe assado envolvido em folhas; moqueca e também paçoca de peixe ou de carne (feita no pilão); e uso de bebidas estimulantes, tais como o mate e o guaraná.

**A mulher portuguesa valoriza os produtos do solo americano:** aproveitou as especiarias da Índia (cravo, canela, noz-moscada), criou novos pratos, adaptou outros e conservou algumas receitas tradicionais (bacalhoda, caldo verde, açorda, pastéis, empadas,

feijoada, cozido, fatias douradas, coscorões, pão-de-ló, papo-de-anjo, sonhos, pães, compotas, marmeladas, frutas cristalizadas, licores).

**A culinária luso-brasileira** pode ser assim distribuída pelas regiões gaúchas: Litoral (com influência açoriana) – peixe assado, grelhados, fervido, desfiado, moqueca de peixe, siri na casca, marisco ensopado, arroz com camarão, camarão com pirão. Pirão de água fria, pirão cozido, farofa, cucus torrado, beju, angu de milho, mingau de milho verde, paçoca de carne desfiada, lingüiça frita, feijão mexido, fervido de legumes, açorda, canja, galinhada, fervido de suquete (osso buco), mocotó, bolo de aipim, pães caseiros, “massas doces” (pão doce sovado) “farte” (pão com recheio de melado), melado com farinha de mandioca, roscas de polvilho, roscas de trigo (fritas), rosquetes, “negro deitado” (bolo de panela), bolo frito, sonhos, omelete de bananas, banana frita, pão-de-ló, sequilhos, rapaduras (com diferentes misturas), pé-de-moleque, “puxa-puxa”, balas diversas, pasteis doces e salgados, doce de panela (de frutas), doce de leite, amobrosia, fatias douradas, bolos, pudins, empadas.

Bebidas – Concertada (vinho com água e açúcar), Queimadinha (queimar cachaça com açúcar), Licores diversos (de vinho, de ovos, de butiá, de abacaxi etc), Café, mate-doce.

**Cozinha Depressão Central** (influência açoriana e outras) – Canja de galinha, sopas diversas, feijoada, feijão branco, fervido (com legumes e carne), feijão mexido, quibebe, paçoca de favas, arroz de forno, carne de panela, carne assada no forno, bife enrolado, bife à milanesa, guisado de carne, bolo de arroz, pão recheado, empadas, pastéis, “rosinhas” de massa, ovos mexidos, ovos escaldados, “roupa velha” (sobras), peixe recheado, peixe escabeche, peixe frito, bacalhoad, bolinho de bacalhau. Conservas de pepino e cebola. Galinha assada, galinha recheada, arroz com galinha. Pães de forno, pão de panela, “mãe-benta”, biscoitos, “calça-virada”, coscorões, fatias-do-céu, merengues, broas, pudim de laranja, ambrosia de laranja, “manjar celeste”, pudim de pão, “ovos moles”, “fios-de-ovo”, arroz-de-leite, “bom-bocado”, mandolate, balas de leite, de mel, tortas (doces), pé-de-moleque, “farinha de cachorro” (farinha de mandioca com açúcar).

Bebidas: gemada com vinho, licor de vinho, licores com furtas, vinho de laranja.

**Cozinha da Campanha** – Carnes (vacum, ovino) grelhada, no espeto, no forno. Arroz “carreteiro”, espinhaço de ovelha ensopado, pastéis, empadão, feijão, “cabo-de-reelho” (sobras). Pães caseiros (ao forno), pão “catreiro” ou “de pedra” (aquecidos sobre pedra ou chapa quente), roscas de milho, “farinha de cachorro”, ambrosia de pão, doces de “panela” (marmelada, e em calda).

Bebidas: chimarrão.

**Cozinha “Serrana”** – Carne assada, frita, mocotó, feijoada (de feijão preto e branco), charque com mandioca, paçoca de pinhão com carne assada, couve refogada, couve com farinha, galinha assada, arroz com galinha e quirela de milho, batata-doce, moranga, milho cozido, cuscuz, farinha de biju com leite. Doce de gila, “jaraquatia”, sagu com vinho, arigones, arroz doce, doce de frutas (pêssego, figo, pêra), ambrosia, doce de leite, “chico balanceado” (doce de aipim), doce de batata doce.

Bebidas: “Camargo” (café com apoio), quentão de vinho, café com graspa.

**Cozinha da região Missioneira** - Carnes (vacum, ovino) assada no forno, no espeto, grelhada, frita na panela, sopa de lentilhas, sopa de cevadinha, feijoada, “puchero”, “gringa” (moranga) caramelada, pirão de farinha de milho, canja, couve com farofa, matambre com leite, fervido de espinhaço de ovelha com aipim, canjica, guisado de milho, pastéis, empadão, revirado de galinha, revirado de sobras, lingüiça frita, paçoca de charque, galinha assada, pão de forno, pão de borrarho, bolo frito, biscoitos, pão-de-ló, geléia de mocotó, doce de jaraquatia, pêssego com arroz, arigones, tachadas (marmelo, pêssego, pera), doce de laranja azeda cristalizada, doce de leite, rapadura de leite, gemada com leite, bolos.

Bebidas: chimarrão, mate doce, mate com leite.

**Colônia alemã** – Carne de porco (assada e frita), *wurst* (lingüiça), *chucrut* (conserva de repolho), *nudeln* (massa), *kles* (bolinhos de farinha de trigo com batata cozida), conserva de rabanete, galinha assada, sopa com legumes e ovos, *kas-schimier* (ricota), *kuchen* (cuca), *leb-kuchen* (cuca de mel), *mehldoss* (doces de farinha de trigo), *schimier* (pasta de frutas), *syrup* (frutos cozidos com melado), *weihmachts* (bolachinhas), bolinhos de batata ralada, pão de milho, de centeio, de trigo, tortas doces. Café colonial (salgadinhos, salames, queijos, bolos).

Bebidas: Das bier - cerveja, chop. Spritzbier (gengibirra). Assimilaram o chimarrão.

**Colônia Italiana** – Brodo (caldo de carne), carne Lessa (carne cozida na água), *capeletti* (massa com recheio de carne picada) o mesmo que *agnolini*, menestra ou aminestra (sopa, canja), galetto a *menarosto* (frango no espeto), ravióli (massa com recheio), *tortei* (pastel cozido recheado com moranga ou abóbora), macarôn (massa), spaguetti (massa cortada), fidelini (massa fina), polenta (angu de farinha de milho), risoto (arroz com galinha e queijo ralado), pizza (massa de pão com molho e queijo), pera cruz (bolo fervido em calda de frutas), pães de trigo e milho, panetone (pão com frutas cristalizadas), salames, queijos.

Bebidas: vinho, graspa.

## **ORIENTAÇÕES PARA ARTESANATO**

FONTE: MTG/RS (disponível em [www.mtg.org.br](http://www.mtg.org.br))

### **1. Definindo Arte e Artesanato**

Alguns folclorista brasileiro agrupam, sob o título de Artes populares todas as técnicas tradicionais empregadas pelo povo. Desse modo, incluem, nessa área, tanto a construção de um rancho de torrão, ou de um barco, como o trabalho de uma tecelã ou de um ceramistas, etc...

Outros atores classificam as manifestações artísticas do povo como artesanato.

Renato apóia-se na opinião de Paul Sébillot que considera como “ arte folclórica aquela que não resulta de qualquer ensinamento especial, mas de uma tradição ou na necessidade de exprimir- por sinais- idéias ou coisas vistas cuja recordação pode ser agradável ou útil”. (1972).

A arte folclórica vem sendo praticada pelos mais diversos grupos humanos em diferentes épocas da história.

No entender de Cecília Meirelles (1968), ela “ resume os grandes trabalhos humanos” e “ manifesta a sensibilidade geral dos que a praticam, por uma seleção de motivos que são uma espécie de linguagem cifrada”.

Como todo fato folclórico, a arte popular é de criação espontânea e pode sofrer os fenômenos da evolução e da extinção. Como diz Ana Augusta Rodrigues, a arte popular “ é feita pelo povo”, produto de sua imaginação e é a expressão do grupo a que pertence.

Segundo E. O. Christien (1965), a arte folclórica, “ limitada a uma região particular, move-se dentro de uma linha estreita e, geralmente, perpétua desenhos hereditários: a originalidade ou imaginação constituem uma exceção”.

Dessa afirmativa, conclui-se que toda uma área possa se revelar por estilos artísticos definidos.

As produções de arte espontânea ligam-se, também, aos materiais disponíveis na área em que vive o artista folclórico. Rossini Tavares de Lima e Renato Almeida fazem uma distinção entre artesanato e arte popular. Diz Rossini (1976): “ Não é possível incluímos na categoria de artesanato as pinturas de bandeiras de Santos, os ex-votos na forma de esculturas de cabeças, as xilograduras dos folhetos de literatura de cordel, os desenhos coloridos das carrocerias de caminhão e os exemplares de cerâmica figurativa que existem por todo Brasil. Nesses exemplares muito diferente dos produtos de artesanato, observa-se o predomínio de elementos decorativos na definição de uma expressão estética. Os homens que desenvolveram as atividades referidas não podem e não devem ser situadas no mesmo plano de um paneleiro, cesteiro ou um fazedor de pilões. Existe nessas atividades, a procura de alguma coisa diferente, que não inclui somente no imediatismo utilitário, se bem que as formas de arte popular posam se encontrar associados, muitas vezes, num objeto utilitário, produtos de artesanato”.

Segundo Rossini T. Lima (1976), o “artista folclórico não tem consciência de que produz arte e é só incluído na categoria de artistas pelos folcloristas que encontraram, no objeto de sua criação a predominância de motivos estéticos”. Opina ainda, o autor que a “arte folclórica, como toda a manifestação de arte, explica-se no caráter pessoalismo de cada exemplar, revelador de uma cultura regional espontânea aliada à criatividade do autor”. Renato Almeida, considera como arte popular: cerâmica, escultura e pintura”.

Várias definições foram propostas por folcloristas brasileiros para diferenciar arte e artesanato.

Para Saul Martins (1974), o “debate a respeito da diferença entre arte popular e artesanato parece-nos sem importância, seja porque todo artista começou como artesão. Se este evoluiu para a criação de peças bem acabadas, naturalmente vira artista”.

O mesmo autor nos indica as características do artesanato:

1) manual- o contato é direto entre o artesão e o material empregado, sem se considerar, naturalmente, pequenas intervenções de ferramentas ou aparelhos simples.

2) os objetos resultam de elaboração intelectual, embora sem requinte, feitos segundo os padrões tradicionais, mas nunca em molde ou forma, nem mesmo em série.

3) aqui se realizam formas, que podem ser apreciáveis ou suscetíveis de sê-lo, e não simples produtos.

4) emprega-se material disponível, gratuito ou extraído no lugar ou retalhos, sobra aproveitável.

5) doméstico ou caseiro, conta com a participação da família.

6) o artesão não conhece a divisão do trabalho, não se organiza para a produção, sozinho executa todas as parcelas necessárias à transformação.

Saul Martins (1974) observa, ainda, que o “tipo ou modalidade de artesanato resulta de fatores ecológicos, isto é das relações entre o homem e o meio. Adapta-se às condições locais, ao estilo de vida, às exigências da freguesia, aos recursos naturais, á ocasião. Sendo o artesanato uma manifestação da vida comunitária, o artesão faz objetos padronizados, o que empresta à sua arte um caráter regional e tradicional”.

Para R. T. de Lima (1974), a expressão artesanato se dá a coisas que são feitas, no todo, por uma pessoa ou, no máximo, por pequenos grupos de pessoas.

O artesanato possui características domésticas e, no geral, é valorizado pelo cunho pessoal de que se revestem seus produtos, elaborados à mão ou com auxílio de rudimentares instrumentos de trabalho, estes muitas vezes, confeccionados pelo próprio artesão. Pode ser erudito, popularesco e folclórico.

Considera como artesanato: cerâmica utilitária, funilaria popular, trabalhos em couro e chifre, trançados e tecidos de fibras vegetais e animais (sedenho), fabrico de farinha de mandioca, monjolo de pé de água, engenhocas, instrumentos de música, tintura popular. E, como arte, pintura e desenho (primitivos), esculturas (figura de barro) madeira, pedra guaraná, cera, miolo de pão, massa de açúcar, bijuteria popular, renda, filé, crochê, papel recortado para enfeite...

A classificação de Alceu Maynard Araújo (1964), a respeito dos trabalhos de confecção manual, é mais ampla e engloba, além das artes populares, as técnicas tradicionais. Nas técnicas, inclui: atafona, monjolo, engenho, alambique, etc..., construção de casas, barcos, carros e utensílios domésticos e a confecção de doçaria e comidas típicas.

Diz Maynard (1964) sobre o artesanato: “são coisas que o homem cria, sem ensino formal, levado pela necessidade. São técnicas tradicionais elementares de que o homem se serve para melhor subsistência, no primitivismo imposto pelo meio”. Uma explicação disso temos na referência de Jean Roche a respeito dos artesanatos do colonos alemães no Rio Grande do Sul. “As memórias deste novo Robinson, chegado a São Leopoldo em 1828, provam que o motivo que levou os colonos a produzirem eles próprios, a maior parte dos artigos de uso foi a necessidade de fazer economias de toda sorte. A simples sobrevivência biológica dos emigrantes só foi possível graças ao trabalho de toda família e ao retorno (regressão) de técnicas tradicionais as mais elementares (rudimentares). Foi uma adaptação ao novo meio. O artesanato rural se dividiu em dois grandes ramos: o fornecimento dos artigos necessários à vida local e a transformação dos produtos agrícolas para vender”.

A necessidade leva o indivíduo a recorrer a novas técnicas de subsistência. Esta é uma das causas da instabilidade da artesanaria. Geralmente, o artesão é improvisado e faz da atividade um “biscate”.

Nem sempre as técnicas artesanais têm continuidade na família. O trabalho artesanal depende da matéria prima que, muitas vezes, não pode ser adquiridas em grande quantidade.

O artesanato está, ainda, como diz Maynard, no círculo do “quebra-galho”, isto é, produz-se hoje para comer amanhã.

O mercado também influi sobre a produção artesanal pois, nem sempre a peça artesanal é valorizada na localidade onde tem origem.

## 2- Arte Folclórica

### â Cerâmica e Modelagem folclórica

Desde a Pré-história, a modelagem em barro tem sido uma forma de expressão do homem.

A palavra cerâmica, originada do grego Keramus, designa todos os objetos de argila submetidos à queima.

Quando os portugueses chegaram ao Brasil, já encontraram os índios confeccionando objetos de barro: potes, panelas, pratos e vasos.

Segundo Haydee Nascimento, “os primeiros jesuítas não acrescentaram nada à cerâmica indígena”. As formas: bilhas, talhas, etc... chegam através dos artesãos emigrados que introduzem, também, o torno de oleiro.

Em quase todo o Brasil são encontrados oleiros. As peças produzidas são de dois tipos:

→ utilitário;

→ figurativo.

Este último tipo, também denominado cerâmica figureira, é mais expressivo no Nordeste brasileiro, onde se tornou famosa a dita “Escola de Caruaru”. Destacam-se, ainda, no Nordeste, a cerâmica de Carrapicho (Sergipe) e a de Maragogipinho (Bahia).

Em Mato Grosso e Goiás, molda-se cerâmica figurativa: São Paulo, salientam-se a do Vale do Paraíba e a de Apiaí.

Em Santa Catarina, os barristas de São José das Palhoças produzem figuras antropomorfas e zoomorfas.

A cerâmica utilitária é encontrada em todo território nacional (alguidares, potes, moringas, talhas, quartinhas) e se distinguem, regionalmente, tanto pela cor da peça como pelos motivos ornamentais. Observam-se, também, em peças utilitárias, as expressões artísticas, pois, muitas delas, apresentam formas antropo, zoo ou fitomorfas (moringas com figuração de mulher; mealheiros ou cofres figurando animais; assovios, cachimbos e paliteiros em forma de pássaros, ...).

No Rio Grande do Sul, temos apenas a cerâmica utilitária no estágio de indústria com a utilização de tornos.

### Técnicas

Embora em algumas regiões do Brasil seja considerada indígena da cerâmica de cordel (rolo ou espiral), os objetos modelados, em sua maioria são de tradição ibérica: Quartinha, moringa, etc...

Além da técnica de cordel, utilizam-se, ainda, técnicas de levantamento e a que conta com o auxílio de forma para a base. Funciona, também, a rodeira (torno movido a pé). A técnica manual é utilizada por mulheres e crianças enquanto que a roda de oleiro é trabalho masculino.

Ao lado dos trabalhos de barro formados há a modelagem não submetida a forno, isto é, de barro cru como as que confeccionam os barristas de Taubaté, Cunha, Piraitinga, Paraibuna (São Paulo).

### Escultura folclórica

No Brasil, encontram-se trabalhos de escultura em: madeira, pedra-sabão, pedra Grês, massa de Guaraná, balata, massa de açúcar (alfenis), cera, miolo de pão, galhos de árvores, etc..

Renato Almeida (1974) destaca, na escultura popular brasileira, os trabalhos dos imaginários (santeiros), os ex-votos (promessas talhadas em madeiras) e as carrancas (cabeçorras antropo zoomorfas).

São famosas, no Nordeste, as talhas pernambucanas, em especial, as de Olinda, para sua confecção, utilizam formões e um pequeno martelo, para pequenos detalhes é utilizado canivete. Os motivos são florais, bailados folclóricos, indígenas, pescadores e, também, religiosos (Cristo, Santa ceia).

Para escurecer a madeira, usam grão de Viochene e, para dar brilho, cera.

No Rio Grande do Sul são encontradas exemplares de escultura em madeira não só representando figuras de animais mas figuras humanas (Livramento e Uruguaiana).

Encontram-se esculturas em cabos e relhos (Santa Maria) e em palanques (São Gabriel).

Aproveitam-se, também, galhos de árvores para transforma-los, com pequenas elaborações, em belas peças (Livramento). Esculpem-se cofres e florões para decoração de móveis, de maneira espontânea (Passo Fundo e Júlio de Castilhos).

No Rio Grande do Sul, há trabalhos de esculturas em pedra, destacando-se:

Ivo Alves da Silva (69 anos), residindo em Santa Maria e que produz peças com temas regionais. Usa ferramentas rudimentares por ele fabricadas para talhar a pedra-arenito, procedente de Alegrete.

Clotilde de Deus Silva (75 anos), interna no Asilo da Velhice de Uruguaiana que esculpe pedra Grês desde os seus 14 anos de idade. Produz figuras antropo e zoomorfas usando ferramentas rudimentares como: serra de arco de barril, prego, faca, “relo” de lata e azeite. A pedra procede de Alegrete e suas peças não são pintadas.

Pelo interior do Estado, encontram-se inúmeros “canteiros”, que esculpem pedras para túmulos, lavrando florões, cruzeiros, anjinhos, etc.... (São Gabriel).

Porongos também são alvo da atividade artística folclórica. O gaúcho, que faz do mate sua principal bebida, conforme suas posses, procura obter cuia bem aparelhada, adornada com metal lavrado adredamente preparada.

Além do trabalho de ourivesaria, as cuias são passíveis trabalhos de pirogravura e de “bordados” ou de entalhe.

Júlio Matte (70 anos), de São Borja dedica-se ao trabalho de entalhe em cuias. Utiliza porongo doce, desenhando sobre a superfície, motivos tais como: florais, cívicos, figuras de animais e humanas com ferramentas rudimentares (macete de madeira e inúmeras ponteiros feitas de prego caibral).

- Trabalhos com papel e tecido

- Floristas

A confecção de flores é considerada arte.

No interior do Rio Grande do Sul, as floristas, em sua maioria, dedicam-se à feitura de flores para coroas. Essas flores são feitas de papel ou de pano, tanto para ornamentação doméstica, quanto para túmulos. Para túmulos, as flores são geralmente parafinadas. Usam-se, também, flores de lata pintadas, mais duráveis.

O papel é, também utilizado como motivo de adorno em “bicos” de prateleiras, guardanapinhos para envolver doces, desfiados e crespos para envolver balas, etc...

Para que haja bordado, é necessário que exista tecido de fundo sobre o qual o tecido se realiza. São incontáveis os pontos utilizados tradicionalmente.

A renda é um entre lançamento de fios que compõe um desenho sem que haja um fundo de tecido. Confeccionam-se rendas com agulhas (comum, crochê, tricô), com navete, com bilros, etc... A rendaria mais comum, em nosso Estado, é a de crochê.

A passamanaria e o macramé são considerados arte de origem egípcia trazidos à Ibéria pelos árabes. É um trabalho de amarração de fios. As mais delicadas franjas do Rio Grande do Sul encontram-se em Bom Jesus, São Borja, São Luiz e Cachoeira do Sul.

### 3 - Artesanato

Alice Inês de Oliveira e Silva (1979) faz a seguinte distinção da seguinte distinção, quando fala em artesanato:

#### Artesanato folclórico

- aprendizagem informal, dentro do grupo familiar ou de vizinhança;
- veicula uma tradição cultural de sua obra;
- funcional;
- caráter regional;
- aproveita, em geral, matéria prima disponível.
- Artesanato popularesco ou da Massa
- difundido por instituições ou veículos de comunicação de massa;
- não tem caráter regional;
- condicionado pela moda, pelos padrões da sociedade de consumo;
- massificado;
- Artesanato erudito
- criação individual;
- sofisticado;
- elitista.

#### Vários são os produtos artesanais:

- Cestaria

Segundo o “Guia Prático de Antropologia”, a cestaria inclui não só os verdadeiros cestos mas, também, as caniçadas (tecidos de varas, canas, vimes, ou juncos em forma de superfície plana), as esteiras e os trançados decorativos. O trabalho de cestaria pode ser entretecido e em espiral.

Nossos indígenas já conheciam a técnica da cestaria. Os atuais artesãos juntaram à técnica indígena, as trazidas pelas outras raças, formadoras do povo brasileiro.

Os tipos de cestaria no Brasil variam tanto em razão da finalidade como em razão do material disponível. Para confecção da cestaria são empregados vegetais variados, tanto os talos, colmos, folhas como raízes.

Os vegetais mais empregados no Rio Grande do Sul, nesse tipo de artesanato, são: taquara, juncos de vários tipos, vime, jerivá, imbé, butiazeiro, bananeira, palha de trigo e milho, cipós, taboa, macega,...

Muitos vegetais fornecem apenas fibras têxteis com as quais se arrematam os trabalhos ou se fazem trançados, entre eles: pita, embira e tucum.

- Tecelagem

Segundo o “ Guia Prático de Antropologia”, ao ‘tecer’ entelaçam-se, em ângulos retos, duas séries de elementos flexíveis para formar um tecido mais ou menos compacto, de acordo com os materiais e processos empregados.

O tecido propriamente dito faz-se, geralmente, com os materiais macios e flexíveis. No Rio Grande do Sul o fio mais empregado na tecelagem folclórica é a lã, trabalhada em teares verticais ou horizontais. O tear vertical é o tipo mais usado na região da campanha e o horizontal sendo encontrado na região do litoral. Nesses teares (horizontal e vertical), são confeccionados cobertores, ponchos, bicharás, xergas e trapeiras.

- Trabalhos em couro

Segundo E. P. Coelho (s/d) ao “ artesanato de uso campeiro , na base de couro cru, dá-se o nome, de modo geral, de trabalho em ‘corda’. Guaspeiro é o apelido pelo qual é conhecido o homem do campo que se dedica a esse tipo de artesanato. São vários os ‘ pertences’ de uso campeiro, confeccionados com couro cru. Destacam-se, entre outros, as ‘cordas’ trançadas (rédeas, laços, cabrestos, ...), feitos de couro cavalariço. São, também, utilizados o couro de cabra (chibo) para tranças delicadas e a pele de enguia (muçum) para revestimento de pequenos objetos”.

O couro serve como material de trabalho, tanto para o Guasqueiro como para o Seleiro.

O Guasqueiro confecciona: laços, manilhas, rédeas, cabeçadas, buçais, arreadores, rebenques, etc.

O seleiro confecciona: caronas, cinchas, lombilhos, selas, serigotes, bastos, badanas, arreame para animal de tiro e até botas, surrões, rabichos e peiteiras.

O couro é aproveitado, igualmente, para tramas (assento de cadeiras, lastro de camas rústicas), para o retovo de cuias, baú, ... O homem rural, geralmente, aproveita o couro para fins utilitários.

- Trabalhos em madeira

Há uma grande variedade de objetos com função utilitária, feitos de madeira, com técnica rudimentar e tradicional: colheres, cochos, bancos, cabides, arcas, pilões...

Para a feitura de pilões e gamelas, alguns usam o processo da queima, outros empregam encho, formão e coiva.

As madeiras próprias para a confecção de gamelas são: timbaúva, figueira e a corticeira. Para a feitura do pilão são empregadas a cabriúva, o grapici e o angico.

- Funilaria

Formas moldes de bolachas, candieiros, canecas, ... São trabalhos executados pelos funileiros ou latoeiros. Os moldes de bolachas, no Rio Grande do Sul, aparecem na região de colonização alemã e apresentam os mais variados modelos, tanto em forma de objetos, flores, animais como da figura humana.

**REFERENCIAL BIBLIOGRÁFICO:**

Elaboração: Lílian Argentina Braga Marques

Colaboração: Nora Cecília Lima Bocaccio Cinel